



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

JAIR DELFINO

**IFÁ E ODUS: INTERDISCIPLINARIDADE, LÓGICA BINÁRIA,
E FILOSOFIA AFRICANA**

FORTALEZA

2020

JAIR DELFINO

IFÁ E ODUS: INTERDISCIPLINARIDADE, LÓGICA BINÁRIA,
E FILOSOFIA AFRICANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D391i Delfino, Jair.

Ifã e Odus : interdisciplinaridade, lógica binária e filosofia africana / Jair Delfino. – 2020.
150 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior.

1. Filosofia africana da tradição do Ifã. 2. Arquétipos. 3. Interdisciplinaridade. 4. Mitos. 5. Estética africana. I. Título.

CDD 370

JAIR DELFINO

IFÁ E ODUS: INTERDISCIPLINARIDADE, LÓGICA BINÁRIA,
E FILOSOFIA AFRICANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 17/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João B. A. Figueiredo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Eduardo da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Thiago Florêncio
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Dedico esta Tese emocionadamente à *minha* mãe, *Firmina de Toledo Delfino*.

Eu não poderia ter por toda trajetória percorrida desde criança até os dias de hoje o apoio tão marcante como tive desta pessoa que foi mãe, amiga, companheira presente de alma e coração.

Agradeço ao divino Ólòdumarè por ter me abençoado com a vida e por ter mãe comigo.

Para o divino Ólòdúmarè, mãe, eu fiz e renovo todos os dias o mesmo pedido. Eu pedi ao divino que ele sempre me permitisse eu lhe pedir sua bênção e lhe dar alegrias!

Sua bênção, mãe!

Amada mãezinha, te amo com todas as minhas forças!

AGRADECIMENTOS

Ao Divino Criador, no qual busquei minha relação com ele por todo período de pesquisa.

Ao meu orientador, professor Henrique Antunes Cunha Junior, por ter confiado em mim para desenvolvermos este trabalho.

A todos os professores e professoras que fizeram parte da minha banca e dizer-lhes que me sinto honrado e agraciado com suas presenças e valiosas considerações: Profa. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro, Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales, Prof. Dr. Cesar Baio, Prof. Dr. Reinaldo Domingos, Profa. Dra. Cícera Nunes, Prof. João B. A Figueiredo, Prof. Thiago Florêncio e Prof. Eduardo da Silva. Lembro-me das orientações de cada um e cada uma e o quanto foram amigas(os). Para mim foi um privilégio de carinho e humanidade. A minha forma de agradecer a genialidade e o vosso profissionalismo é rezando ao Divino Criador para que possa abençoá-los(as). Muitíssimo obrigado por acreditarem em mim.

Agradeço também a bolsa de incentivo ao estudo da fundação CAPES, a qual me proporcionou a condição para consolidação desta pesquisa.

Èsú Encaminha, Èsú Ensina

*E Barabô e mo júbà, àwa kò sé
E Barabô é mo júbà, e omodé ko èkò èkó ki
Barabô e mo júbà Elégbára Èsú l'òònòn.
E Barabô é mo jubá auá cô xê
E Barabô é mo jubá ê omódê có é có qui
Barabô mô jubá Élébára Exú lonã.*

*Nós acordamos e cumprimentamos Barabô,
A vós eu apresento meus respeitos,
Que vós não façais mal.
Nós acordamos e cumprimentamos Barabô
A vós eu apresento meus respeitos.
A criança aprende na escola (é educada,
ensinada)
A Barabô eu apresento meus respeito, ele é
Senhor da Força, o Exú dos caminhos
(OLIVEIRA, 2007, p. 17).*

Meus respeitos pai amado (Mo juba)!
Gratidão e cumplicidade eterna!
Suplico bons caminhos e ensinamentos a
todos! (Notas do autor).

RESUMO

Dentro dos estudos de história e cultura africana e afrodescendente, a presente Tese faz uma inserção inovadora dentro da *tradição africana do Ifá*. O *Ifá* é um corpo literário e filosófico, que descende de uma divindade entre dois mundos entendidos como o físico e o espiritual. Tem como objetivo as sistematizações das representações do Ifá, que trabalham as questões sobre álgebra binária e a organização dos significados do Ifá. A importância deste tema está em examinar, apresentar e discutir conhecimentos específicos de uma cultura e tradição que tem como processo educativo a oralidade e a preservação da cultura e desenvolver a capacidade interdisciplinar e as potencialidades da memória, bem como inserir valores e princípios voltados ao religare do ser humano com a natureza como um corpo único. Adicionamos à nossa proposta a preocupação com o desenvolvimento sistemático do educando; neste intuito apresentamos uma discussão, buscamos estar de acordo com a Lei nº 10.639/03, contribuindo para mesma na busca da identidade e o pertencimento do povo afrodescendente face à ciência por detrás da filosofia africana, matemática binária, memória, estética, arquétipos genealógicos e interdisciplinaridade inter-relacional e inter-pessoal de cada um, como potencialidades a serem desenvolvidas. Usa como metodologia a pesquisa qualitativa, realizada por meio de revisão literária e pesquisa documental. Os resultados obtidos se consolidam através de métodos binários de avaliação do ser humano, importante complemento para psicopedagogia das predisposições de comportamento do ser humano; também apresenta a dimensão que atinge a interdisciplinaridade, em virtude da cognição através das memórias, de sua consolidação e dos dispositivos formadores de conceitos importantes na consumação do apreender e entender em virtude de vislumbrar a formação interdisciplinar do educador e educando.

Palavras-chave: Filosofia africana da tradição do Ifá. Arquétipos. Interdisciplinaridade. Mitos. Estética africana.

ABSTRACT

Within the studies of African and Afrodescendant history and culture, this Thesis makes an innovative insertion within the African tradition of the Ifá. The Ifá is a literary and philosophical body, which descends from a divinity between two worlds understood as the physical and the spiritual. Its objective is to systematize the representations of the Ifá, which work on questions of binary algebra and the organization of the meanings of the Ifá. The importance of this theme lies in examining, presenting and discussing specific knowledge of a culture and tradition that has as its educational process the orality and preservation of culture, and developing the interdisciplinary capacity and potentialities of memory, as well as inserting values and principles aimed at the religare of the human being with nature as a single body. We add to our proposal the concern with the systematic development of the learner; in this intention we present a discussion, we seek to be in accordance with Law n°. 10,639/03, contributing to it in the search for identity and belonging of the Afrodescendant people to the science behind the African philosophical, binary mathematics, memory, aesthetics, genealogical archetypes and interrelational and inter-personal interdisciplinarity of each, as potentialities to be developed. It uses as methodology qualitative research, carried out through literary revision and documental research. The results obtained are consolidated through binary methods of evaluation of the human being, an important complement for psycho-pedagogy of the predispositions of behavior of the human being; it also presents the dimension that reaches interdisciplinarity, by virtue of the cognition through memories, its consolidation and the devices that form important concepts in the consummation of apprehension and understanding by virtue of glimpsing the interdisciplinary formation of the educator and educator.

Keywords: African philosophy of the Ifá tradition. Archetypes. Interdisciplinarity. Myths. African aesthetics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Panteão Yourubá.....	20
Figura 2- Olorun e a Criação	25
Figura 3- Genealogia de Ólodùmarè	29
Figura 4: Planetas	61
Figura 5 - Ideograma elemental.....	63
Figura 6 - Ideograma do ar	63
Figura 7 - Ideograma do fogo	64
Figura 8 - Ideograma da água.....	64
Figura 9- Ideograma da terra	65
Figura 10 - 16 Ideogramas.....	66
Figura 11 – Os ideogramas dos Odus.....	67
Figura 12- Ideogramas formadores de Omo Odus para os postulados pares e ímpares.....	68
Figura 13- Ideogramas dos Omo Odus gerando Omo Odu Etaondá.....	68
Figura 14- Ideograma dos Omo Odu gerando Omo odus Oturukpon ou Ejiokô	69
Figura 15- Ideograma do Omo Odu Ogundá ou Etaogunda.....	70
Figura 16- Ideograma do Omu Odu Oturukpon ou Ejiokô	71
Figura 17- Soma de Ideogramas de Omo Odu gerando o terceiro Omo Odu Iorossun	71
Figura 18- Ideograma (Omo Odu Oyeku) gerador do reflexo do Omo Odu Iorossun.....	73
Figura 19- Soma dos ideogramas de Omo Odus gerando o Omu Odu reflexo de comprovação	73
Figura 20- Postulado do ideograma reflexo do espelho	74
Figura 21- Ideogramas gerando o espelho reflexo	74
Figura 22 – Sistema combinatório semiótico de transição de acontecimentos na vida.....	95
Figura 23 - Os dezesseis Olodus (Odu)	96
Figura 24: Instrumento de análise dos arquétipos individuais	108
Figura 25 – Consolidação da memória efetiva	121
Figura 26 - A natureza da Estética Africana.....	136
Figura 27 – A epistemologia interdisciplinar	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Odus e a Geomancia dos povos	37
Quadro 2- Quadrado mágico de Saturno	51
Quadro 3- Quadrado mágico de Marte	52
Quadro 4- Quadrado mágico de Júpiter.....	52
Quadro 5- Quadrado mágico do Sol	52
Quadro 6- Quadrado mágico de Vênus	53
Quadro 7- Quadrado mágico de Mercúrio.....	53
Quadro 8 – Quadrado mágico da Terra	53
Quadro 9- Quadrado mágico da Lua	54
Quadro 10- Decanatos e planetas de 20/01 a 18/02.....	58
Quadro 11- Decanatos e planetas de 19/02 a 20/03.....	58
Quadro 12- Decanatos e planetas de 21/03 a 19/04.....	58
Quadro 13- Decanatos e planetas de 20/04 a 20/05.....	59
Quadro 14- Decanatos e planetas de 21/05 a 20/06.....	59
Quadro 15- Decanatos e planetas de 21/06 a 22/07.....	59
Quadro 16- Decanatos e planetas de 23/07 a 22/08.....	59
Quadro 17- Decanatos e planetas de 23/08 a 22/09.....	60
Quadro 18- Decanatos e planetas de 23/09 a 23/10.....	60
Quadro 19- Decanatos e planetas de 24/10 a 21/11.....	60
Quadro 20- Decanatos e planetas de 22/11 a 21/12.....	60
Quadro 21- Decanatos e planetas de 22/12 a 19/01.....	61
Quadro 22- Okaran	77
Quadro 23- Ejioko (Oturukpon)	78
Quadro 24- Etaogunda.....	79
Quadro 25- Iorosun.....	80
Quadro 26- Osé.....	80
Quadro 27- Obará	81
Quadro 28- Odi.....	82
Quadro 29- Ejionile ou Ogbe (caminho, rota, estrada)	84
Quadro 30- Osá.....	85
Quadro 31- Ofun (Senhor dos mistérios)	86
Quadro 32- Woworin.....	87

Quadro 33- Ejilasheborá (Wiory)	88
Quadro 34- Ejiologbon (Oyeku)	89
Quadro 35- Iká.....	89
Quadro 36- Ogbeteogunda (Iretê)	90
Quadro 37- Aláfia (Oturá)	92
Quadro 38- Casas Odúnicas	97
Quadro 39- Eixos e casas.....	99
Quadro 40- Passo a passo para determinação dos arquétipos individuais.....	109

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1	MITO E SUA RELAÇÃO COM A CRIAÇÃO	21
2.1	A estrutura do pensar filosófico do Ifá.....	37
3	RELAÇÕES MATEMÁTICAS E FILOSÓFICAS NA TRADIÇÃO AFRICANA DO IFÁ: UM MÉTODO BINÁRIO	43
3.1	Regras para aplicação do método	57
3.1.1	<i>Os decanatos e os planetas</i>	58
3.2	Aplicando e entendendo os princípios do método	61
3.3	Retomada aos aspectos filosóficos da personalidade humana, em virtude do que foi determinado.....	75
3.3.1	<i>Odus</i>	76
3.4	Sistema combinatório semiótico de transição de acontecimentos na vida e sua interpretação	93
3.5	A importância do aruétipo na formação do educando na tradição africana do ifá.....	100
4	A EPISTEMOLOGIA DO PENSAR INTERDISCIPLINAR AFRICANO: UM MODELO QUE VISA DESENVOLVER HABILIDADES ATRAVÉS DO RACIOCÍNIO HUMANO	111
4.1	Discussão acerca da complexidade interdisciplinar e sua importância.....	120
4.2	A axiologia pedagógica da interdisciplinaridade africana	122
4.3	O papel interdisciplinar do professor	124
4.4	Faculdades interdisciplinares na relação com o social e o universo.	127
4.5	O coletivo: habilidade x interdisciplinaridade.....	129
4.6	Experiências e assimilações na formação do eu	130
5	O CONTEXTO ESTÉTICO E SUA IMPORTÂNCIA INTERPRETATIVA NA TRADIÇÃO DO IFÁ.....	132
5.1	A fenomenologia: provocadora do encantamento	139
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
	REFERÊNCIAS	146

1 INTRODUÇÃO

As culturas africanas se encontram entre as mais antigas da humanidade e as civilizações africanas produziram um legado de importância para o conhecimento e a história dos seres e das comunidades humanas. Devido à formação histórica brasileira, a estrutura de produção escravista criminosa aqui implantada, durante a Colônia e o Império, o Brasil recebeu um contingente apreciável de africanos e herdou parte significativa da cultura das civilizações africanas. Estes fatos até pouco tempo recebiam diminuta consideração e importância na cultura e educação brasileira, principalmente na pesquisa científica nacional.

Os movimentos sociais da população negra conseguiram nos últimos vinte anos colocar estas questões na pauta das preocupações da sociedade brasileira e, em particular, no campo da educação através da edição da Lei nº 10.639/2003, que tem como finalidade o ensino da história e da cultura africana e afrodescendente em todos os níveis da educação. Neste trabalho de Tese agrego importância e contribuição à Lei não somente na história e cultura africana, mas também à lógica binária da *tradição africana do Ifá, filosofia da tradição africana do Ifá*, nas vertentes diversas do desenvolvimento da memória, importantes para desenvolver potencialidades e habilidades interdisciplinares do educando. Trago também a arte (estética e tecnologia), mostrando que existe um sistema de especialistas; o que não nega o seu grande potencial para educação. Ademais, na dissertação anterior do mestrado pude contemplar um pouco do legado da medicina existente na *tradição africana do Ifá*, pois é de importância axiológica, de formação intelectual e identidade às questões emergentes para os movimentos sociais da população negra.

Nas culturas africanas os conhecimentos religiosos e científicos se entrelaçam, sendo que as sociedades são regidas por pensamentos filosóficos diversos relacionados com os conhecimentos produzidos na antiguidade, nas civilizações do rio Nilo, ou seja, tendo como fonte o Egito, Etiópia e Núbia, como poderá ser observado no curso desta Tese.

As religiões africanas conservam a importância da ancestralidade e a palavra, onde estão contidos acervos de conhecimentos necessários para interpretação das sociedades e para preservação da vida humana de maneira solidária, equilibrada e harmônica. Dentre os conhecimentos africanos, existe um campo da filosofia e da espiritualidade, da cosmovisão do sagrado e religioso ligado ao jogo do *Ifá*. O *Ifá* é um campo amplo do conhecimento pouco conhecido no Brasil e com raros trabalhos de pesquisa e estudo. Este, num número limitado dos seus aspectos, é o tema central deste trabalho de pesquisa.

A pesquisa de teor afrodescendente implantada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, desde 1996, tem como prática e diferencial a participação de pesquisadores que tenham ampla vivência dentro dos seus temas de pesquisa. Assim é o meu caso, que vivo os princípios e práticas religiosas ligadas ao *Ifá*, desde minha adolescência. Embora dentro da religião não tenha me consagrado à categoria de iniciado e nem de babalaô de *Ifá*, sou um devoto e praticante assíduo deste campo do conhecimento religioso de base africana. Os iniciados são aqueles que além de praticarem, participam de ritos de consagração e de votos de compromissos com a ancestralidade dos Orixás, fato que eu ainda não pude realizar. Considero-me um conhecedor não consagrado.

Nas culturas de matriz africana encontramos a oralidade, como conceito e prática de transmissão de conhecimento do povo africano, que tem na vida social das comunidades a sua dinâmica de expansão e aperfeiçoamento. Devido às condições adversas sob as quais as populações africanas e seus descendentes se inseriram na sociedade brasileira, esse acervo de antigas civilizações foi inviabilizado na sua difusão, como partes esquecidas ou perdidas, isto em consequência da dinâmica excludente existente na sociedade e na estrutura da educação brasileira, embora sejam conhecimentos que persistem e precisam ser reorganizados de forma sistemática dentro da cultura brasileira. De acordo com a pronúncia do professor Cunha Junior, no curso *História dos Afrodescendentes* (UFC, 2015), parte desse conhecimento é apresentado nas religiões de matriz africana e, desde o Brasil Colônia o conhecimento religioso se manteve vivo em decorrência da transmissão oral e das práticas realizadas nos espaços dos terreiros do nosso país. Neste trabalho tomo como preocupação a organização e sistematização de parte da cultura do *Ifá* relativo às suas representações numéricas e iconográficas.

Meu nome é Jair Delfino, sou afrodescendente brasileiro nascido dia 14 de outubro de 1973, natural da cidade de São Paulo. Minha trajetória como afrodescendente neste país me trouxe à tona inquietações sobre o descredenciamento da cultura e tradições africanas herdadas por nós afrodescendentes. Desde criança, dentro das salas de aulas os livros de histórias só relatam o sofrimento do povo africano no Brasil como se fossem seres inferiores; desde então isto se reflete no comportamento social das pessoas em relação ao afrodescendente e na formação de identidade do mesmo. Frente a esta desvalorização, me veio desde minha infância um crescente interesse na tradição africana e no resgate do que nos foi tirado e para mim a virtude do que herdei dos meus ancestres e familiares mais próximos é de extremo valor axiológico. enxergo a tradição africana como sendo esta de extremo valor axiológico e importante ao resgate da identidade do afrodescendente frente a

compor sua autoestima e empoderamento de valores e princípios. Para tanto, desenvolvi o sonho de idealizar os valores e princípios filosóficos para todos com os quais eu possa interagir e, fundamentado nisto, desde muito novo - não sei precisamente a idade - busco bibliografias sobre a tradição africana, e a que mais me tocou foi a *tradição africana do Ifá*, por nela existir uma genealogia e sistemática em busca do saber e bem viver social. Busco também a relação de vivência com a tradição afrodescendente que instituiu-se nas comunidades de terreiro, bem como a relação com o que herdei de minha família. Mas não parei por aí. Na escolha por uma formação acadêmica me interessei pelo campo das ciências e me formei professor de química. O fato de escolher essa profissão, conhecida tradicionalmente pelos moldes europeus, foi pela oportunidade de poder entender o que a ciência química poderia me desvendar sobre os átomos, no sentido que o átomo é a estrutura da matéria, e isto me aproximaria num aspecto relativo à tradição africana, de como é possível o equilíbrio, ou como podemos aprender a ser seres em virtude do equilíbrio da natureza. Conhecer os elementos químicos e saber do que eles são capazes era importante para mim em busca do equilíbrio, e não para se tornar um químico contra a natureza.

Por vezes, em sua história a química foi chamada de alquimia por se aproximar ou buscar não somente a produzir o ouro e o diamante, mas também por buscar entender a metafísica ou até mesmo a magia, fato este que me chamou a atenção, embora esta ciência seguisse os moldes europeus, mas que de certa forma buscava-se superar limites da barreira do conhecimento. Contudo, não busquei nesta relação à comparação com a *tradição africana do Ifá* e, sim, desenvolver a característica da criticidade frente às limitações impostas pela ciência dos homens de ordem experimental (química).

A química por ser experimental se tornará uma grande ferramenta para mim como professor, me tornará empoderado na capacidade de superar limites, e assumindo esta personalidade busquei relações entre a química e outras disciplinas, trazendo para a minha prática pedagógica a interdisciplinaridade. Logo, escolhi ser químico para desenvolver em mim a característica de superação de dificuldades, pois na minha interpretação dos valores herdados através de minha família, por parte de minha mãe afrodescendente, nós, negros, temos que provar sempre que somos capazes, pois sempre haverá neste país aversão a nós, e a química não era algo que eu entendia, e partindo destes princípios adquiri para mim o seguinte filosofar “não tenho que buscar aprender o que julgo ser fácil, tenho que buscar aprender o que julgo ser difícil e até impossível, pois somente superando minhas dificuldades adquirirei um conhecimento múltiplo interdisciplinar”.

A busca por superar as dificuldades para trazer conhecimento despertou meu lado humano pelo outro e passei na minha experiência com alunas em reclusão a usar o contexto interdisciplinar que trouxe com a química, para buscar a melhor formação para elas e obtive resultados com alunas aprovadas no sistema de provas do Enem aplicado dentro do presídio com aprovação das mesmas com pontuação para ingressarem em universidades públicas. Passei, então, a acreditar mais ainda na interdisciplinaridade e na tradição de valores afrodescendentes que herdei. Assim, é de supra importância à minha formação, e diante do acúmulo que trago da minha tradição afrodescendente, trazer esta discussão para a academia, partindo do princípio que busco sempre a superação.

O objeto desta pesquisa é a *tradição Africana do Ifá*, não somente como a memória do povo, mas em seu contexto de valor e legado para o nosso povo frente ao que nos foi descredenciado e o que o torna de imenso valor axiológico para o povo. O objetivo geral é discutir e apresentar ferramentas para absorção do conhecimento e métodos fundamentados na genealogia da *tradição africana do Ifá*, voltados a potencialidades e habilidades interdisciplinares que podem ser desenvolvidas no educando e educador, importantes para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, tenho o interesse de implementar a identidade para o afrodescendente mostrando por um outro prisma que a tradição não somente se endereça à beleza, mas também é capaz de desenvolver habilidades, pois a mesma é a presença e a manifestação interdisciplinar do filosofar africano.

O primeiro objetivo específico do trabalho é explicar como a cognição do pensamento africano está atrelada ao equilíbrio natural da vida em virtude dos princípios filosóficos e crença. Os dois neste caso não se separam, sendo o ser divino tocável; o que faz dele não somente uma presença metafísica, mas também física, sendo ele a própria natureza. Resume-se em como acontece a cognição interdisciplinar nos aspectos (inter-relacional e interpessoal de cada um) para absorção do conhecimento.

O segundo objetivo específico é introduzir um método de avaliação binário fundamentado nos moldes da herança da tradição afrodescendentes brasileira, que possibilita conhecer a ampla e vasta ferramenta de avaliação de arquétipos na formação do ser, este objetivo se pauta na preocupação com a manipulação da sociedade através de arquétipos que dogmatizam e influenciam negativamente a formação do ser. Nesta busca trago o potencial avaliativo da tradição afrodescendente na relação psicossocial e comportamental.

O terceiro objetivo específico é trazer à luz a interdisciplinaridade nos moldes da tradição afrodescendente. Frente à axiologia pedagógica africana buscamos a reflexão em função das habilidades e potencialidades que podem ser desenvolvidas, o papel do professor e

as barreiras que podem haver. Destaca-se neste objeto a importância da memória para educação como aquela detentora de saberes e conhecimentos para formação do ser interdisciplinar.

A relevância deste assunto para a educação se dá através de como raciocinar, a fim de entender, apreender e fazer memória, em virtude de uma técnica interdisciplinar de interpretar todo conhecimento africano que pretendo dar destaque. Vislumbra-se que as projeções dos conhecimentos são de grande importância para a educação devido ao fato de as informações de hoje em dia dentro das salas de aulas serem mais complexas e dependerem de mais informações conexas a outras disciplinas para serem entendidas; assim surge a viabilidade através da interdisciplinaridade.

O trabalho em questão é inusitado no sentido do seu contexto filosófico em virtude da sua característica interdisciplinar e do método apresentado. O seu referencial se dá através das relações étnico-raciais, em virtude da tradição africana herdada oralmente.

A presente proposta metodológica se insere na análise qualitativa e realizou-se por meio de revisão literária e pesquisa documental, e diante das discussões trago a reflexão e sistematização do conhecimento. Busquei durante este processo o aprofundamento nas literaturas, a fim de fazer comparações e entender as diferenças dentro da tradição do Ifá no aspecto geral que contempla todo o corpo do conhecimento africano.

Logo, para efeito desta Tese seguem os seguintes conceitos:

a) *a filosofia africana do Ifá* é uma forma codificada do conhecimento genealógico. Através de ideogramas sua ideologia do pensar nasce puramente da combinação aos pares dos elementos da natureza, assim como sua combinação aos pares dos elementos é a sua de projeção do pensamento inter-relacional e interpessoal com o meio que vivemos. *Ifá* é também filosofia baseada na energia vital que delega um corpo de princípios e valores formadores da tradição africana e assimilados nos seus hábitos e costumes; é a filosofia advinda da concepção africana (egípcia) partindo do princípio que toda obra da criação divina é fruto de uma energia vital e no contato com a subjetividade metafísica se busca reconhecer, entender e aprender com o que se materializa na natureza e estrutura a tradição africana. Esta filosofia não estabelece doutrinas e dogmas, mas informa os princípios do bem viver baseado no coletivo, para instituir os valores individuais em reunião com o coletivo, traçando relação do material com o imaterial nos vários segmentos da criatividade, raciocínio lógico, probabilidades, geometria, estética, filosofia, ciências médicas, sociologia, religião e botânica; é a

inquietação de uma criança querendo respostas; seria a própria criança que nasce dentro de cada ser humano em meio à curiosidade, querendo entender, compreender e se instituir. Em suma, é uma forma divina de se despertar o encantamento e procurar dar respostas a uma criança sobre a coisa mais forte dentro de cada um, a chamada subjetividade; é a sabedoria que nos é recorrente.

b) os *mitos* são memórias de um povo seus hábitos, costumes e dos seus ancestrais; são como genes que deram forma aos nossos arquétipos. O mesmo descreve os presságios dos arquétipos e tem a função de nos remeter a identidade;

c) *ancestralidade* é a identidade de nós mesmos, onde descobrimos que o que mora em mim mora em meu ancestral; ela nos remonta não só ao passado, é presente em nós mesmos; faz de nós conscientes de ser cíclico (renovável), pois o tempo nos remonta e como gene nos identifica; é a memória dos consequentes genes que herdamos;

d) *memória* não é só acervo de dados, como referencial; é ela a cognição, a ponte de mielina para haver a interdisciplinaridade;

e) *oralidade* não é só o que se ouve e, sim, a cinestesia nas rodas de contos africanos e afrodescendentes. Para quem a ouve provoca-lhe o fenômeno e para quem conta se soma à encenação e a mensagem simbólica;

f) *interdisciplinaridade* na tradição africana do Ifá é o eu inter-relacional onde houver possibilidade de cognição com diversas relações de saberes. A mesma, dentro da tradição contempla a memória partindo do princípio que no meio em que vivemos todas as coisas se completam e se explicam juntas e individualmente. É o princípio da paridade ou combinação que somam como resultante o conceito e a concepção.

O presente trabalho se encontra organizado da seguinte forma: após esta primeira seção, que se refere à introdução do trabalho, na segunda seção, explico a importância do mito na construção da filosofia e da formação do referencial para o povo Yorubá. As menções feitas ao Divino Criador na cultura yorubá não têm a intenção de nos distanciar da escola laica, mas buscam trazer o divino como tocável, seria o mesmo a própria natureza; desta forma não discutirei o aspecto espiritual na concepção metafísica e, sim, o aspecto material a nível relacional, buscando a aproximação da genealogia presente na estrutura da *tradição africana do Ifá* para explicar a forma de raciocínio binário aplicado como base estrutural do filosofar da *tradição africana do Ifá*.

O corpo do Odu que se discute neste trabalho privilegiou a tradição afrodescendente brasileira das comunidades de terreiro diante da miscigenação dos povos africanos no Brasil, diversas práticas e abordagens sobre o *Ifá*, que foram herdadas por nós brasileiros; os costumes e tradições de nações Jeje, Ketu, Nagô, Angola e Mussurumim, que permitiram criar um método específico de avaliação de herança do pensamento binário.

Na terceira seção apresento toda estrutura binária por detrás da filosofia africana, a sua relevância até os dias de hoje, apresento um método comparativo com a lógica de Boole, mostro como se completam a matemática binária através dos Odu e a filosofia africana na avaliação do ser humano, apresento a genealogia por detrás do pensamento binário e sua filosofia.

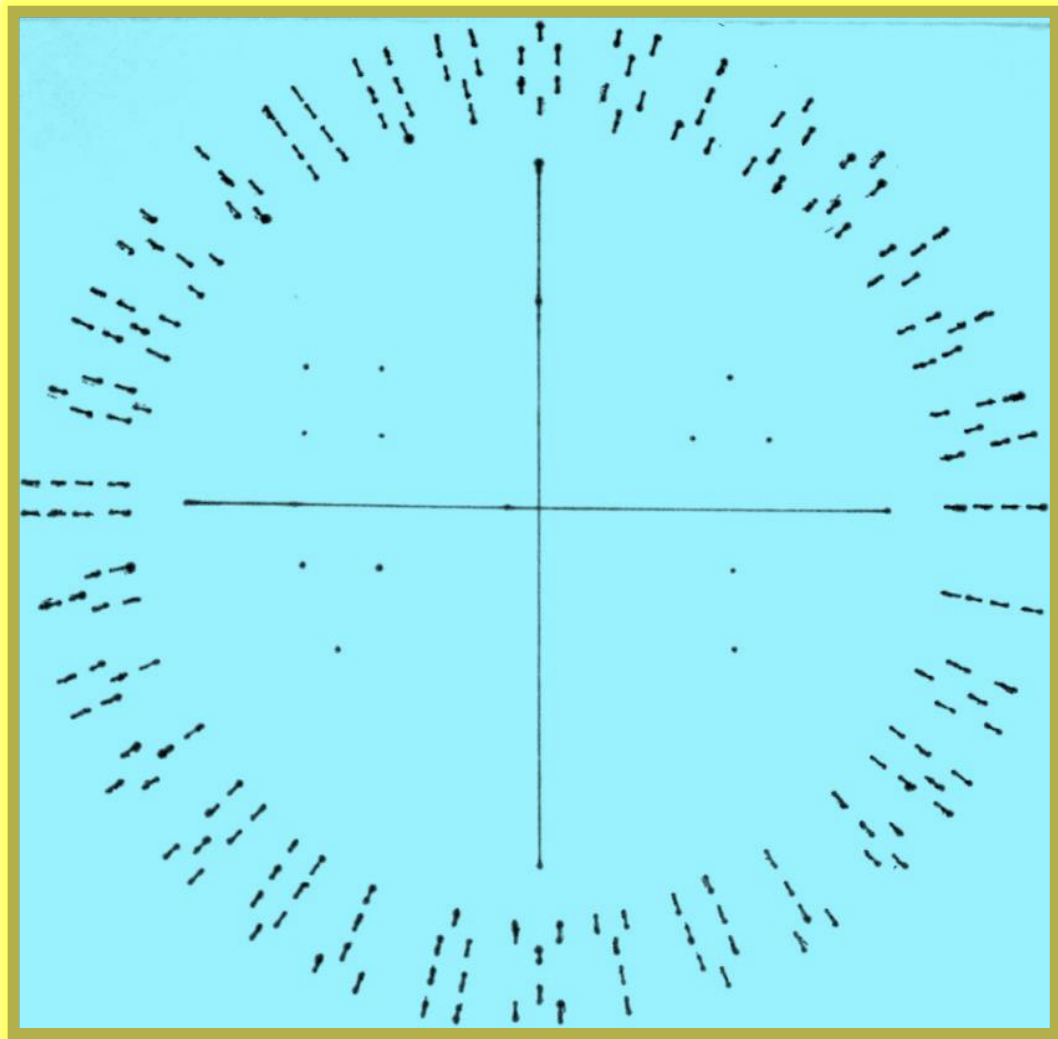
Os arquétipos dos seres humanos discutidos na terceira seção confluem em um método para determinar os arquétipos individuais de cada pessoa, em virtude da influência desenfreada, muitas vezes negativa da manipulação do arquétipo na sociedade global por meio da política, marketings e religiões.

Os arquétipos são também uma ferramenta de psicanálise, e dentro da *tradição africana do Ifá* é base filosófica primordial, que traz para a sociedade uma carga emocional e cultural muito grande. Pode-se dizer que é a memória ancestral aquilo que está enraizado no povo da *tradição africana do Ifá* e no povo afrodescendente brasileiro através do que herdamos de costume e tradição cultural.

Na quarta seção discute-se como a memória do povo é a fundamental ferramenta para a interdisciplinaridade, a fim de que o conhecimento possa se estruturar como produto interdisciplinar. Para tanto, deverá haver a memória (o que você conhece? o que é importante para si?) para que haja interação (cognição), quando formamos conceito do que foi entendido para posteriormente se fazer luz o apreender. Assim, trago a discussão sobre como acontece o entender e o apreender do conhecimento, em face da condição interdisciplinar da filosofia da *tradição africana do Ifá*.

Na quinta seção discuto sobre a estética em uma abordagem de como a simbologia é primordial a mesma; não é só representativa e, sim, formadora de memória, bem como completa o raciocínio lógico e daí, então, a importância de explorar esta diversidade em virtude da formação de educadores e educandos interdisciplinares.

Figura 1- Panteão Yourubá



Fonte: elaborada pelo autor.¹

¹ A figura reflete a disposição dos Odus nos quatro quadrantes; fogo, terra, água e ar.

2 MITO E SUA RELAÇÃO COM A CRIAÇÃO

A comunicação entre os povos de matriz africana sempre foi oral, como princípio filosófico. Embora existindo um grande corpo literário escrito, essa comunicação se faz presente na cultura e tradição africana no Brasil e o legado das africanidades veio e permaneceu no nosso país através da oralidade africana, sendo os mitos uma das formas presentes em nossa tradição.

Dentro deste contexto estamos por tratar de uma história que vai além do escrito, transforma-se e através dos tempos se constituiu uma “herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÂ, 2010, p. 167).

Os mitos dentro da cultura africana e afrodescendente não são mentiras contadas e, sim, a forma cognitiva de relatar conhecimentos. É através dos mitos que se formam as parábolas, adivinhas, versos, contos, enigmas e poemas dentro da cultura africana e é também através deles que oralmente se passa o conhecimento coletivo para se incitar o entendimento lógico para dele se suprir das informações que ajudarão na apreensão dos conhecimentos.

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão suas gestas constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. O mito é, pois a história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. “É assim porque foi dito que é assim”, declaramos esquimós netsilik a fim de justificar a validade de sua história sagrada e suas tradições religiosas. O mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma “criação”: conta como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser. É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente (ELIADE, 1992, p. 50).

O mito é a forma da continuidade do conhecimento que detém toda base do filosofar, onde sobrevive como alma de um povo que enxerga e vive nele a essência do bem viver. É a continuidade e ao mesmo momento o testemunho através do que se repete de tempos em tempos a chamada ciclicidade da vida. De acordo com Vansina (2010, p. 14), o mito na tradição oral “pode ser definido, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 2010, p. 140).

Devido ao mito ser uma forma dinâmica de conhecimento, podemos chamar de mito vivo aquele que se transforma. Mitos, lendas e parábolas na sociedade africana são simulações criativas que agregam todos os valores, assimilações, princípios de um povo. Pode ser o relato e assimilação frente aos mistérios ontológicos e antropológicos com a intenção de relatar a linguagem lógica, em virtude dos costumes e tradição de uma sociedade ou um povo, e também a representação da origem que conecta o ser humano ao que chamamos de subjetivo, que pode ser interpretado através dos fenômenos chamados de naturais, materiais e imateriais, do nosso pertencimento (artes, estéticas e costumes), de maneira que o metafísico e o físico nunca estão separados dentro do pensamento africano. O mito é o tempo oral de cada ser, a memória que se resume nas suas relações, costumes, cultura e tradição.

O tempo, forma de todas as nossas representações, constitui, ele próprio, para nossas consciências, uma representação. [...] para o camponês africano, o tempo é uma das categorias essenciais do pensamento. É através desta categoria (e de outras também, evidentemente) que ele apreende o mundo. Em outras palavras, a partir de uma determinada situação material, o grupo cria sua própria categoria de mediação (portanto, categoria = tempo social). É graças a essas categorias que o africano percebe suas relações com a natureza, o grupo e consigo mesmo. Por conseguinte, o tempo social, elemento estruturador do universo africano, é, além disso e simultaneamente, uma poderosa fonte de motivações para uma infinidade de comportamentos individuais e coletivos (ZIEGLER, 1972, p. 151).

O corpo literário que envolve os mitos yorubás é a genealogia que detém o *Ifá* para ensinar sobre a ciência, a religião e o social. De forma subjetiva, os mitos influenciam a cognição epistêmica e os costumes dentro da cultura africanista. Parte-se do princípio que a forma contada (oral) instiga a quem ouve a fim de pensar e questionar a subjetividade e a genialidade envolvida na oralidade; a interação leva-nos à indução e à dedução de conhecimentos que são as bases do raciocínio lógico.

Para isto, o educador pode, nas suas temáticas que envolvem o mito, perceber o quanto é possível a criatividade fazer parte da lógica e, ao mesmo, tempo harmonizar os conflitos internos no estágio do entendimento do educando que busca o aprendizado. Dentro da tradição africana os mitos constituem um meio de interação com o todo e as partes e a forma de interagir do ser humano com tudo que permeia a vida à sua volta; é a forma lógica em busca da verdade acrescida da forma subjetiva de interagir com o universo e a criação. No mito está a memória ancestral de um povo em virtude da oralidade.

Percebo que os mitos estão endereçados a explicar fatos que antecedem os nossos tempos, assim como buscam, dentro da cosmovisão, explicar elos com a criação, o criador e a criatura. Para isto temos mitos milenares que informam em relação ao que foi supracitado

como tudo aconteceu no início de tudo, ou seja, na gênese que compreende a vida e a história da humanidade até os dias de hoje. De acordo com Cunha Júnior (2010, p. 5-6), “a ancestralidade está presente nos mitos da criação dos diversos povos africanos”.

Seguirei falando do mito vivo na tradição oral, que remeterá ao início dos tempos e à formação dos pilares do pensamento africano. Para os povos do continente africano, Deus possui muitos nomes, sendo Olódùmarè o nome mais antigo. As partes que compõem o nome de Olódùmarè têm o seguinte significado: Ol' (Oni) = senhor de tudo, parte principal, líder absoluto, chefe, autoridade, onipotente; Odu = muito grande, recipiente profundo, muito extenso, pleno; Ma re = aquele que permanece, aquele que sempre é presente (onipresente) ou Mo are = aquele que tem autoridade absoluta sobre tudo o que há no céu e na terra e é incomparável; Mare = aquele que é absolutamente perfeito, o supremo em qualidades. Olódùmarè é o ser superior dos yorubás (Onisciente), que vive num universo paralelo ao nosso, conhecido como Òrún, por isso ele é também conhecido como Àjàlórún e Olórun "Senhor ou Rei do Òrún", ou seja, Senhor ou rei dos nove reinos. Segue abaixo o Oríkì (conjunto de frases para saudar, evocar ou louvar um a divindade, o mesmo se refere a uma passagem da história em virtude de suas responsabilidades, grandes feitos e acontecimentos) de Olórun Olódùmarè:

ORÍKÌ OLÓDUMÀRÈ

L'ojú Olórun! L'ojú Olódùmarè!

Na Presença de *Olórun!* Na Presença de *Olódùmarè!*

Elédàá, Elèmií, Olùpilèsè

Criador, Senhor dos espíritos, Senhor das origens.

Òyígíyigì Ota Aiku

Pedra Imutável e Eterna

Ògàá ògo Oba òrun

Mais Alto Glorioso Rei do Céu,

Atérere k'áyé,

Aquele que Se espalha sobre toda a terra,

Eléní à té'ka

Dono da esteira que nunca se dobra

Oba a sè kan má kù

Rei cujos trabalhos são feitos com perfeição

Olórun nikan l'ògbon

Olórun é o único que tem sabedoria

Ar'inur'ode olùmònokàn

Aquele que vê dentro e fora, e conhece os corações

Oba Àìrìí Awamarìdì

Rei Invisível, que não podemos ver.

Oba Adáké dá'jò,

Rei que mora em cima, e que julga em silêncio

Oba Mimo ti kò l'èèrì

Rei Puro, que não tem mancha.

Alalàfunfun òkè

O dono da roupa branca que está no mais alto

Isé Olórun tóbi

Os trabalhos de *Olórun* são poderosos

Alábàálààse, a ràn rere si i àwa.

Alábàálààse envie as coisas boas para nós.²

Olódùmarè, Èlédùmarè e Òlórùn; o mesmo que Deus (Òlò = dono, Òrún = do céu, Èlé/Òlú/Òní = Òlórún, Òlò/Odù/Márè = dono do destino maior), os mitos muitas vezes se referem a Olódùmarè como Òlórùn. De acordo com Portugal Filho (2010, p. 26), Olódùmarè é o autor o determinador do destino humano. A vida do homem está sob seu controle, que vive e se move porque ele o permite. Ele é conhecido como Elémi, o “possuidor do destino ou da vida”.

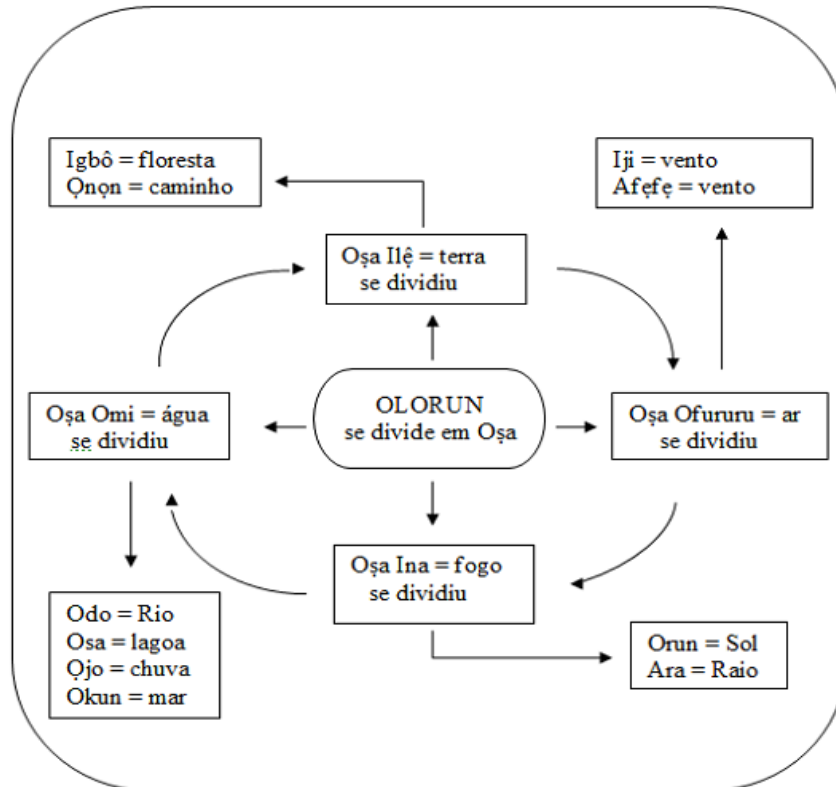
Olódùmarè controla as estações e o curso dos eventos. Por isso, é conhecido como *Olójó Òní*, “o Senhor deste dia”, ou seja, deve-se a existência de cada dia a Ele. Ele é o Ser Supremo, está acima de tudo e de todos, no mais absoluto sentido, e sua autoridade não pode ser questionada por qualquer uma das divindades, nem mesmo por todas elas juntas. Olódùmarè mantém o pleno controle sobre tudo, cabendo as demais divindades apenas o poder executivo dentro dos limites que ele estabelece (PORTUGAL FILHO, 2010, p. 26).

De acordo com o corpo literário do *Ifá* e a tradição africana, Olódùmarè criou o céu e a terra, domina as leis da física e, assim, governa o universo. Ele, segundo o Babalawó Monteiro (2018), também é conhecido como Olorum (ÒLÓ = dono + ÒRÚN = do Céu), que

² Composto por reorganização de versos soltos na obra *Olódùmarè – God in the Yorùbá Belief*, de E. Bolají Idowu. Tradução a partir do inglês. Cf. MARTINS, Luiz. L. **Obàtálá e a criação do mundo ioruba**. 1. ed. São Paulo: Ed. Do autor, 2013.

teria se desmembrado (dividido) em Oşa, que nada mais é que os quatro elementos da natureza (Oşa Omi = água, Oşa Ilê = terra, Oşa Ina = fogo, Oşa Ofururu = ar). Cada um destes elementos se desmembrou em suas variedades encontradas na natureza.

Figura 2- Olorun e a Criação



Fonte: elaborada pelo autor.

Entende-se que, para que houvesse equilíbrio, Olorun (dono do Céu) assume o papel do senhor do destino maior (ÒLÓ = O senhor, ODÙ = destino, MÁRÈ = Maior), ele, por sua vez, a sua própria ação para o universo, conhecida como Orunmilá (ỌRÚN = Céu / universo + mi = sua, própria + Ela = ação), e para criar o universo Olorun cria Ori (o intelecto), que conjuminado a Oşa dará forma divina ao Orisa (Ori + Oşa), que abordarei mais à frente como Irunmolés, ou seja, partes de um todo do divino representado nas várias formas da natureza. Também abordarei os Eborás, que são ancestrais divinizados pela humanidade desde o início dos tempos até os dias de hoje, conhecidos como Orisás, ancestrais, ao contrário dos Orisás divinos aqui citados, que não são ancestrais e, sim, criadores.

O hálito de Olorun, o Deus supremo, preencheu o espaço vazio, formando a atmosfera. É portanto o sopro de Deus que une os dois mundos. Todos os ritos, desde a fundação do templo até a iniciação individual, todas as celebrações objetivam manter e ampliar a comunicação entre este mundo e o outro, assegurar a

passagem das mensagens de um para o outro, aumentar as trocas, enfim, instaurar e desenvolver o numinoso. Isso se faz pela condensação e distribuição de energia, da força sagrada (axé) presente em todos os seres (AUGRAS, 1983, p. 57).

Neste contexto, considera-se Orunmilá como a primeira divindade criada por Olódùmarè. Dizem os mitos que ele é quem testemunhou toda criação, a formação das galáxias, estrelas, sistemas solares e planetas e por conta disto tem o título de *Elérí Ìpín* - "o testemunho de Deus", *Ibìkéjì Olódùmarè* - "o vice de Deus", *Gbàiyégbòrún* - "aquele que está no céu e na terra", *Òpitan Ìfè* - "o historiador da cidade de Ìfè". Segundo Abimbola (1977, p. 1), o yorubá acredita que *Ifá* (também conhecido como Orunmilá) foi um das quatrocentas divindades que vieram do Orun (céu) para Aye (terra). A partir destes conceitos ressalto a importância e competência de Orunmilá, bem como sua responsabilidade com Olódùmarè.

OLORUM SHANÚ

Antes de Olorum

Nada havia

Nem o mar

Nem o céu

Nem a lua

Nem o sol

Tudo era nada

Depois de Olorum

Veio Obatalá o céu

Odudua a terra

Yemanjá a água

Okê os montes

Orum os sol

Oxu a lua

Depois Oxum

O pecado

Com Xaluga

A riqueza

Xapauam a doença

E Ogum a guerra.

Depois
Veio Obalabou
Para evitar
Os males Oxum
Olorum Shanu
Dada e Orishaoko
Com plantas e verduras
Olorum Shanu

Olokum o mar
Olaxá os lagos
Okê os montes
Encheram Odudua
De beleza
Olorum Shanu

De dia
Orum apareceu
No corpo de Obatalá
Dando luz e calor
A Odudua
Orum
Olaxá
Okê
Olorum Shanu

De noite
É Oxu
Ao lado das estrelas
Embelezando
Obatalá
Orum Shanu [...]

Segundo os mitos, Olódùmarè passou e confiou de maneira especial toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados à Orunmilá, que passou a ser o representante de Olódùmarè que, em seguida, criou os Irunmolés (luz que tremula), que são aqueles que habitam o universo do cosmo chamado de Orun (céu ou cosmo para os yorubás aonde existem nove reinos, ou seja, nove sistemas planetários como o nosso). Estes somam em número quatrocentas divindades que habitam o lado direito do criador.

Olódùmarè também criou os Igbamolés (luz muito antiga), tidos como o lado esquerdo de Olódùmarè e que representam duzentas divindades, conhecidas como não humanos, cuja força é respeitada e, contam os mitos, que suas forças suplantam as forças de outras formas de vida. Segundo Ademola (1991), estas divindades, por sua vez, viveram na terra por milênios e depois foram destruídas com a terra. Os Igbamolés são conhecidos do povo Ewé, tendo ligação através dos cultos aos Orisás Oxalá, Obaluaye e Nana Buruku.

Na tradição africana diz-se que as quatrocentas divindades da direita de Olódùmarè são masculinas e as duzentas divindades da esquerda são femininas, sendo também conhecidas nesse contexto feminino como divindades-filhas, chamadas de Eborás (“Ebó” aquele que mantém o “ara” – o corpo da pessoa ou o que sustenta a vida) ou Orisás. Os mesmos são energias da natureza que participam da criação e são tidos como seres encantados. Os Eborás compreendem todos os orixás exceto Oxalá, Orunmilá, Olorum e Olódùmaré. Segundo Santos (1986), “[...] entre esses Eborás temos Exu, que pertence tanto aos Irunmalés da direita quanto aos da esquerda, pois serve de veiculação da força imaterial divina, o axé, entre os Orisás e os Eborás, ‘intercomunicando todo o sistema’” (SANTOS, 1986, p. 75).

Somente os deuses possuem todos os poderes. Olorum, como seu nome indica, é o dono do outro mundo (Olórun: senhor do orun), senhor da existência (iwa), da força sagrada (axé) e da permanência (abá) [...] As divindades contemporâneas dos tempos primordiais são inúmeras. São invocadas em todos os momentos do ritual, como os <<quatrocentos deuses>> (Irunmalé) e os <<duzentos deuses>> (igbamalé) (AUGRAS, 1983, p. 58).

De acordo com a citação acima, Exú pertence ao grupo dos Eborás, esta divindade de grande expressividade e função dentro da adivinhação ou ciência do *Ifá*, onde se destacam os seus arquétipos de significados e simbolismos no tabuleiro como mensageiro de *Ifá-Orunmilá*.

Quando se diz quatrocentas divindades da direita e duzentas da esquerda não poderia deixar de atribuir mais uma presença, que é a de Exú, que também é tido como a

divindade que caminha entre mundos, o mundo dos Irunmolés, dos Igbamolés e o Aye (terra). “Exu é uma das divindades iorubás, considerada o olho que tudo vê, o mensageiro divino entre mundos e detentor do asè (poder divino) com o qual Olódùmarè criou o universo e manteve as suas leis físicas” (IDOWU, 1962, p. 19).

Exu também significa para os yorubás a ordem, disciplina, organização, comunicação, equilíbrio mental e emocional, tolerância, paciência, sendo que ele foi criado por Olódùmarè para ser o guardião protetor de toda essência emocional que o ser humano precisa ter para ter sucesso, equilíbrio, alegria e satisfação na vida. Nesta, a divindade Exú se tornou a mais humanizada que existe.

Para outros, a união de forças dos Irunmolés com os Igbamolés geraram os Orixás, desenhando na visão geral a compreensão que existe uma descendência genealógica que veio na totalidade de quatrocentos do Orun (céu ou cosmo na compreensão iorubá) para o Aye (terra) e se destacam na origem dos ancestrais da humanidade na visão iorubana, assim como a concepção da vida e tudo que permeia a mesma. O mesmo é o texto sagrado de Olódùmarè para a humanidade, foi cedido a Orunmilá, tido como primeira divindade que habitou os dois mundos. Na Figura 3 temos o exemplo da árvore genealógica de Olódùmarè.

Figura 3- Genealogia de Ólodùmarè



Fonte: elaborada pelo autor.

Contam os mitos que os primeiros sacerdotes dos povos da África foram discípulos de um sacerdote ancestral, considerado o maior dos sacerdotes chamado de Shetilu, que foi entronizado como depositário de todo conhecimento de acesso ao divino através de Orúnmilà e dele vieram os herdeiros do conhecimento, chamados de primeiros discípulos de *Ifá*, na cidade de Ile-Ifé, conhecidos como Akoda e Aseda, que viajaram e levaram os ensinamentos e a forma de comunicação com as divindades.

Shetilu, segundo Johnson (1921), era cego de nascença e cresceu com extraordinária capacidade de adivinhação. Com a idade de cinco anos ele tinha a fama de ter começado a prever com exatidão os eventos. A trajetória de Shetilu envolve a migração do mesmo da área de Nupe (noroeste da cidade de Oyó) por imposição dos inimigos de religião tradicional que não gostavam das suas habilidades. Ele fugiu através do rio Níger indo parar em *Ile-Ifé*.

Durante a estadia de Orunmilá na terra, através da vontade de Olódùmarè, ele participou da criação da terra e do homem e foi quem auxiliou o homem em seu dia a dia; portanto, foi nesse paradoxo que surgiu o caminho de se suprir a necessidade humana, através da consulta ao *Ifá*, por parte do sacerdote, com o fim de auxiliar os adeptos ou somente consulentes.

Ifá é a estrutura de formas de pensamento dos povos yorubás e também está presente em etnias mulçumanas. Na África ele não é somente um tratado alegórico e filosófico, funciona também como a ontologia e antropologia de um povo, representa o próprio divino criador e toda sua genealogia que permeia a vida e permite-se ser tocado pelo ser humano como o Deus acessível, o próprio Arkhé. *Ifá* é quem detém o conhecimento sendo o primeiro porta-voz de Orunmilá. “É por isso que o nome dele de louvor é Akerefinusogbon, a pequena, aquele cuja mente está cheia de sabedoria” (ABIMBOLA, 1977, p. 1).

Os povos yorubás seriam os iniciadores e iniciados neste conhecimento, segundo Bascom (1969). A prática de *Ifá* também pode ser encontrada entre os Fon da República do Benin. De acordo com Maupoil (1988), temos também a palavra fá ou fa'lun, que significa sorte, augúrio, e Mujarríb El Fal é aquele que prevê o futuro, adivinho. Hoje sabemos que sua cultura se encontra difundida em diversos países, principalmente naqueles que escravizaram os povos africanos.

Os sacerdotes de *Ifá* são conhecidos como Babalawós, que significa detentores do segredo. Eles são considerados discípulos de Shetilu ou sacerdotes de Orunmilá, que representam o mesmo no Aye (terra), valendo-se da consulta ao oráculo divino.

O corpo literário do *Ifá-Orunmilá* compreende 1.600 mitos em forma de parábolas

que mostram todos os conhecimentos e sabedorias nas profecias deste, que não representam só a profecia, mas também um meio de comunicação com o metafísico para suprir através do conselho do seu porta-voz, o Babalawó, a necessidade do adepto ou daquele que deseja somente se consultar e, por ser cultura e costumes que estão enraizados como um meio para se viver bem na sociedade em busca do equilíbrio com o meio natural é que tratarei esta forma de filosofia e cultura como *tradição do Ifá*.

O mesmo corpo literário delega e exige o conhecimento e o saber do Babalawó quando se trata de absorver o entendimento e aprendizado de 256 versos odúnicos, onde cada verso é composto por mais 16 subversos, exigindo do Babalawó a memorização por comparação e derivação de onde fica subentendida uma matemática binária. Desta forma, o mito na cultura africana é o legado do conhecimento ancestral. Para cada um dos 256 Odu (destino) tem narrativas extensas (em prosa ou poema) sobre a vida dos Deuses, humanos e animais na visão cosmológica (ABIMBOLA, 1977).

Remontando ao que foi supracitado sobre os mitos e a concepção divinal da tradição africana, tenho que dizer que não se busca nos mitos fazer afirmativa, mas ascender o conhecimento da humanidade e também, o mais importante, à concepção da base da inteligência que é aprender a filosofar. Considero que isso é importante para a cultura e educação brasileira, dadas às circunstâncias do nosso pertencimento. Portanto, os mitos são responsáveis dentro da cultura do educar africana como forma de entender para aprender, mas com uma peculiaridade inerente a essa tradição que busca através das suas descobertas uma forma de contar e fazer memória; é um dos meios do educando africano se autodesenvolver com o censo do filosofar através da lógica. Este é o meio genealógico da tradição africana de educar dentro da coletividade para formar a individualidade dos seres responsáveis e integrados no sentimento coletivo do bem viver, chamado de base filosófica.

Dentro desta analogia podemos dizer que o entendimento do educando enquanto forma de organizar o pensar é o ato de filosofar como forma de questionar, comparar, experimentar e deduzir o que foi ouvido; pode-se, então, compreender que o filosofar é o ascender do educando à personalidade crítica. A indução quando alimentada dentro do educando se condiciona a buscar respostas para a criticidade frente ao desejo pelo bem viver em harmonia com o meio em que vivemos.

Os mitos e versos (Itans³) é uma forma de diálogo interdisciplinar⁴ no qual a cultura interage com as informações e aprendizados, ou seja, não se trata somente de um entretenimento, é o veículo que ajuda a estruturar a sociedade africana que flexivelmente se adaptou de forma atemporal na sociedade contemporânea, moderna e pós-moderna.

Os Itans são conhecidos pelo povo Ulkumy-Nâgô-Yorubá e sua história é presente no sudoeste da Nigéria, que é conhecida pelos povos como de origem de Ilê Ifé. De acordo com Silva (1992, p. 441), Ilê Ifé era habitada possivelmente desde o século VI, data mais antiga fornecida até agora pelo método de radiocarbono a materiais recolhidos de escavações na cidade. Para efeito de cronologia, em virtude das línguas e de ocupação do território, segundo Silva (1992, p. 435), o iorubano, o edo, o igala, o idoma, o ibo, o ijó, o nupê, o ebira e o gbari – línguas da subfamília da família Níger-congo – teriam, com efeito, começado a diferenciar-se há muitíssimo tempo há seis mil anos do idioma; a do iorubano do ibo, do edo e do íjó, de cinco mil anos; a do iorubano do igala, de dois mil anos.

A lenda de Quisra é semelhante a certa narrativa sobre a introdução da monarquia entre os iorubas. Odudua, filho e príncipe herdeiro de um dos reis de Meca, Lamurudu (ou Nimrod?), apostatara do islamismo e tentara impor o culto dos ídolos como religião de estado. A inconformidade dos mulçumanos rebentou numa guerra civil, durante a qual Lamurudu foi morto e seus filhos e aderentes expulsos da cidade. Odudua, perseguido pelos inimigos, veio dar, com dois de seus ídolos e sua gente, em Ilê Ifé, nas florestas do Iorubo, onde fundou um reino.

Outra tradição, recolhida pelo erudito fula Muhammed Bello, sultão de Sokoto, conta que os iorubas descendem dos banis canaãs, da tribo de Nimrod, e que, expeditos do Iraque, atravessaram o Egito e a Etiópia, até chegarem ao sudoeste da Nigéria.

Em outras versões, os iorubas vieram de Medina, ou de mais perto – da terra dos nupês ou da Hauçalândia. Ou ainda, de um lugar incerto, do outro lado de uma vasta extensão de água, que vadearam com canoas e no meio da qual criaram solo firme.

Esta última história é remanescente de um mito iorubano, segundo o qual o mundo, e não apenas a monarquia, foi criado em Ilê Ifé, o umbigo do universo, a fonte de todas as coisas, o lugar de onde os homens se espalharam sobre a terra.

Na variante mais divulgada do mito, diz-se que Olodumaré ou Olorum, o deus supremo, lançou do céu até as águas ou pântanos que lhe ficavam abaixo, uma corrente, pela qual fez descer Odudua⁵, com um pouco de terra num saco ou numa concha de caracol, uma galinha e um dendezeiro. Odudua derramou sobre a água a terra, e nesta colocou a palmeira e a ave. A galinha começou imediatamente a ciscar o solo e a espalhá-lo, aumentando cada vez mais a extensão da terra. Daí o nome que tomou o lugar onde isto se deu: Ifê, o que é vasto, o que se alarga (SILVA, 1992, p. 439).

³ São versos que se diferenciam dos mitos por fazerem referência ao autor a um determinado Odu, cita cantigas e soluções para problemas através de propiciações conhecidas como Ebó, assinala encantamento e rezas e fala sobre uma consulta feita a uma divindade em virtude de um problema.

⁴ Interdisciplinar é um adjetivo que qualifica o que é comum a duas ou mais disciplinas ou outros ramos do conhecimento. É o processo de ligação entre as disciplinas.

⁵ Odudua representa a divinização da terra e é considerada, ao lado de Obatalá (a representação divinizada do céu), como o casal primordial e propulsor da criação. O nome Odudua pode ser traduzido como "a cabaça de onde jorrou a vida".

Entre os séculos VI e XI, vindos do Nordeste, talvez do Egito e da Etiópia, em Levantes sucessivas, os Iorubas se estabeleceram em seu atual sítio, que compreende partes do sudoeste da Nigéria e partes do Benin e do Togo. Nesse local fundam dois reinos importantes e harmônicos entre si: Ifé e Oyó (LOPES, 1988, p. 22).

Segundo a tradição, Ifé foi fundada por Oduduwa, o grande ancestral de todos iorubás que seria: para os tradicionalistas, filho do próprio Olodumaré (o Deus Supremo); para os mulçumanos, filho de Lamurundu, rei de Meca; e, para outros ainda, seria o Nimrod de que nos fala a Bíblia.

Já Oyó teria sido fundada pelo filho de Oduduwa, Oranmyan, que sua vez foi sucedido por Xangô, um de seus filhos. Por aqui já se pode avaliar a importante contribuição desses remotos reinos iorubas para a formação da nação brasileira (LOPES, 1988, p. 23).

A tradição do Ifá é difundida atualmente entre os yorubás na Nigéria (na África Ocidental), conhecidos também por civilização Ulkumy-Nâgô-Yorubá. É importante dizer que são mais de 1600 anos de divinação sagrada do Ifá. Nas cidades-estados Ekiti, Kwara, Lagos, Ogun, Ongo, Osun e Oyo. Os yorubás formam um importante grupo étnico e as principais cidades yorubás são Ilé-Ifè, Oyo, Abeokuta, Lagos, Ondo, Osogbo, Ijesha, Ibadan, Akorin, Akure, Iseyin, Ogbomoso e Ilorin.

Claro está que a Divinação Ifá não aflorou, na cultura Yorubá, como um sistema estável e acabado há quase 2.000 anos atrás. Ela foi sendo elaborada gradativa e paralelamente ao surgimento de uma cultura africana que teve suas origens na Pré-História e, assim sendo, este Sistema de Divinação tem suas raízes em jogo de Divinação mais simples como o “Jogo dos Ossos”, o “Jogo do Obi” e o “Jogo da Lubaça”, ainda hoje existente entre povos não-sudaneses, hotentotes e bosquímanos. É sabido, historicamente, que o Sistema de Divinação Ifá cristalizou-se, até como Religião de Estado, no decorrer do século III d.C, na atual região nigeriana, tendo como berço ancestral Cidade Santa de Ilé Ifé, mas, à medida que a sua difusão afastou-se desse epicentro, no tempo, distância geográfica e acontecimentos sociais, como guerras intestinas e aculturações locais, ele sofreu várias mutações em sua forma e essência. Quanto mais distante foi sua difusão, como em Cuba e no Brasil, maiores foram às conseqüências dessas mutações (COSTA, 1995, p. 227).

A tradição africana há cerca de dois mil anos herdou os conhecimentos egípcios e os valores e princípios que ao longo dos tempos foram sendo assimilados e se tornaram a base de sustentação dos africanos como estrutura social, científica e religiosa. O legado herdado promove nesta sociedade uma sistematização que fortalece a mesma, priorizando satisfazer as necessidades e introduzir os conhecimentos para todos. Tudo que é herdado pela tradição supracitada é conhecido dentro do conjunto dos conhecimentos africanos como *tradição do Ifá*.⁶ Houve épocas que podemos chamar de aculturação para a *tradição do Ifá* na África,

⁶ Tradição do Ifá: é uma tradição africana que abrange Filosofia, arte estética, religião, conceitos binários. A mesma tem forte influência social, cultural e pedagógica, marcando forte influência na cultura e religião afro-brasileira e Cubana.

provocada por parte dos povos Islamizados, guerras e escravidão. Todas as circunstâncias sofridas pelo povo yorubás foram trágicas e possibilitaram a inserção das culturas islâmicas.

Por isso, mesmo em África, do século XV ao século XIX, com as guerras intestinas e a aculturação Islâmica posterior, forçada ou consentida, o sistema de Ifá sobreviveu sobretudo nas regiões mais afastadas do Nordeste e Sudoeste nigeriano, enquanto tornou-se mais restrito nas regiões que circundam o seu local de origem. E foi assim que, passadas as guerras e a tormenta histórica da escravidão, por volta do fim do século XIX, um sistema Ifá em aculturação e mutante refluíu dessas periferias para reocupar o vazio espiritual da outrora grande e florescente civilização Ulkumy-Nâgô-Yorubá.

Foi este Sistema Ifá historicamente mutante que foi “redescoberto” por muitos observadores europeus tardios que, na primeira metade do século XX, ainda desconhecedores das suas verdadeiras origens históricas, e, também, imbuídos inconscientemente de um preconceito racial de colonizador por “direito divino”, tomaram-no ao inverso, por uma mal digerida ingestão de conceitos espirituais de outras correntes raciais pelos “negros” (COSTA, 1995, p. 227).

O processo aqui descrito de aculturação islâmica trouxe a influência dos jogos Sidiky, Atimi, Derb-Er-Ful. Este último seria a forma islâmica de Geomancia⁷ que tem muita semelhança com a Geomancia Grega.

Ademais, a partir do século XII d.C, primeiramente com outros povos negros e, depois, a partir do século XIV com os Yorubá e seus subgrupos raciais ainda livres, e, outra vez, a partir do século XVIII d.C com a conquista e conversão religiosa forçada de grande parte da população Yorubá, a aculturação Islâmica estabeleceu um profundo processo de simbiose esotérica que permitiu, além de muitos enganos de observação por posteriores estudiosos, a sobrevivência de suas modificações culturais e religiosas, tais como os jogos Sidiky, Derb-Er-Ralm e o Atimi, de uma forma independente e paralela às formas religiosas originalmente aculturadas (COSTA, 1995, p. 229).

Apesar de não haver similaridade e simbiose entre a divinação do *Ifá* e a divinação do Derb-El-Ralm, existem diferenças importantes que destacarei aqui como sistemas parentes e por pertencerem a diferentes grupos étnicos não sofreram aculturação, mas, sim, culturação de credos diferentes que se prendem ao fato de no sistema de *Ifá* yorubano existir oferendas e no islâmico, não. Também ocorre que nos sistema de *Ifá* irão constituírem em ⁸vaticínios e versos que serão aplicados como medidas a serem tomadas para solucionar tal problema, e no sistema Islâmico cada ideograma que representa um Odu terá um significado específico preconizado no livro Árabe de Mohammed Ez Zenati. A divinação do *Ifá* risca as figuras, no caso os Odus, em um tabuleiro chamado de *Ôpón Ifá*, se

⁷ Geomancia: a palavra Geo significa terra, e mancia adivinhação, ou seja, Geomancia significa adivinhação através da terra.

⁸ Vaticínios: ação ou efeito de vaticinar; ação ou efeito de predizer (prever); profecia. Ação de supor aquilo que poderá acontecer ou se tornar realidade; prognóstico.

utilizando para isto de um pó amarelo sagrado chamado Ìyérosún, e a divinação do Der-El-Ralm, suas figuras são marcadas diretamente na areia, e a forma de marcação do mesmo traça um grande número aleatório de riscos na areia e vai-se eliminando, dois a dois, até sobrar um só ou dois riscos. Já no método por *Ôpón Ifá* usa-se os coquinhos de dendê que são dezesseis para se obter um só ou dois risos. Em comum os dois métodos sempre trabalham com resultado um (1) ou dois (2). A marcação dentro dos dois sistemas em relação aos traços, tanto no Tabuleiro quanto na areia, se dá por meio de sobras, mas diferem entre sistemas; no caso se tivermos no sistema Islâmico um ponto de sobra, se marca um ponto, e no sistema *Ulkumy-Nâgó-Yorubano* se tivermos um ponto na sobra, marcamos dois pontos. Estes pontos irão constituir a estrutura dos elementos ar, terra, fogo e água que combinados uns aos outros ou eles mesmos formarão o ideograma representativo dos Odus.

Até aqui é possível notar que não havia simbiose entre os sistemas provocando aculturação, pode-se acrescentar que existe no sistema Yorubano uma hierarquização dos ideogramas e no sistema Islâmico não existe, sendo que os significados das figuras também são diferentes em cada sistema.

O Derb-El-Raml, ou seja, o **Jogo dos Cortes na Areia** é uma bem estudada forma Islâmica de Geomancia que ficou conhecida dos europeus pela divulgação de um manuscrito árabe que M. Sonini, em 1801, obteve no alto Egito onde esteve como parte da “estourage” de Napoleão Bonaparte. Este manuscrito foi traduzido e publicado na Europa, em 1820, com o nome de “livro do Destino de Napoleão” e reeditado por diversas vezes até 1925.

Em 1856, Hamilton, em viagens de pesquisas, topou com esta forma de Divinação islâmica no Oásis de Siwah, no extremo Noroeste do Egito, quase junto da fronteira da Líbia, na Bacia Mediterrânea, confirmando sua existência e estabelecendo sua semelhança simbiótica com a Geomancia Grega, qual os Árabes haviam, absorvido quando de sua conquista da cidade de Alexandria no Egito (COSTA, 1995, p. 229, grifos do autor).

Desse modo, posso dizer que aculturação pode não ser aculturação de um sistema somente porque provocou uma simbiose, ademais seria aculturação de um sistema no caso da divinação do *Ifá* se este processo provoca-se a sua futura não existência, o que não aconteceu. Destaco como modelo simbiótico entre o sistema *Ulkumy-Nâgó-Yorubano* do *Ifá* e o sistema Islâmico *Derb-El-Raml* o sistema Árabe do *Sidiky*.

O *Sidiky* utiliza-se tanto dos “riscos na areia” quanto da manipulação dos *Ikin* (coquinho de dendê) para obtenção de uma (1) figura das 16 de quatro “pontos”(*). Sendo a sua marcação feita sobre a “areia”. No que se assemelhava, no que diz respeito aos “pontos” marcados sobre a areia, ao *Derb-El-Raml*: mas a sua sistemática de marcação era igual àquela usada no Sistema de *Ifá* e, portanto, inversa à sistemática de marcação do *Derb-El-Ralm* (COSTA, 1995, p. 232).

Sidiky, segundo Costa (1995), também seguem os conceitos e os vaticínios do livro árabe de Mohammed Ez Zenati, e está atrelado ao padrão geral da Geomancia islâmica. Outro fator importante na simbiose que faz este sistema ser híbrido se dá pelo fato da sistemática de marcação ser a mesma do sistema Ulkumy-Nâgô-Yorubano (sistema do *Ifá*), onde um número Ímpar de riscos restantes na areia resultava na marcação de 2 pontos (**) e um número Par de riscos restantes na areia resultava na marcação de 1 ponto (*).

É de suma importância destacar que o sistema Geomântico (Derb-El-Raml/Islâmico) e o sistema divinatório (Ulkumy-Nâgô-Yorubano) do *Ifá* são de suma importância na comparação para os resultados um (1) = a marcação de 2 (dois) riscos e um (1) = a marcação de 1(um) risco e dois (2) = marcação de dois (2) riscos. Neste trabalho trarei o contexto do sistema divinatório *Ifá* como de suma importância na lógica de Boole, uma vez que estes sistemas comprovam o conhecimento binário na tradição africana por meio dos povos antigos. Sobre o sistema híbrido do Sidiky e o Derb-El-Raml não aprofundarei, porque diz respeito ao livro árabe de Mohammed Ez Zenati, e o sistema divinatório do *Ifá* é o próprio legado de Orunmilá para humanidade através dos Odus, que em consequência da continuidade do trabalho do mestrado estou tratando neste trabalho.

Segundo Martins (2012), para entender todas as vertentes do pensamento que envolve *Ifá* é importante compreender a Geomancia (adivinhação através da terra), que tem o corpo dos Odus (signos) como base para sua interpretação e traz grande importância intelectual, pois

Na Pérsia, nos séculos VIII e IX, ou seja, na florescência da cultura Iraniana, a Geomancia era matéria ensinada em universidades célebres, como a de Bagdá, e estudada pela elite intelectual da época. Foram os Sábios formados nessas universidades que, junto com a filosofia e as ciências adquiridas, levaram a Geomancia a Alexandria, ao Cairo, ao Sudão e à Europa, tendo na última como porta de entrada a Espanha, onde a influência da civilização árabe ainda hoje é notável (MARTINS, 2012, p. 33).

Para melhor entendimento, está disposto na seção seguinte um quadro representativo dos sinais denominados ideogramas, que são a representação dos Odus, sobre os quais falarei mais adiante. Abaixo mostrarei a comparação entre os nomes para cada Odus, conhecidos tanto na geomancia europeia, na geomancia árabe e na geomancia Ulkumy-Nagô-Yorubá (geomancia Africana do *Ifá*).

Como demonstração de que os Odus estão presentes em diversos tipos de civilizações, apresento no Quadro 1 os Odus (Olodus), que são um total de 16.

Quadro 1 - Odus e a Geomancia dos povos

Nº	Geomancia árabe	Geomancia europeia	Geomancia africana (Ifá)
1	El Tharik	Via	Ogbe
2	El Haoul	Cauda Draconis	Ogunda
3	El Qouwa	Puer	Irete
4	El Nesra El Kharidja	Fortuna Minor	Irosun
5	El Nakio El Khadd	Puella	Otura
6	El Kbda El Kharidja	Amitio	Oxe
7	El Okla	Carcer	Odi
8	El Ahian	Laetitia	Obará
9	El Atbat El Dakhila	Caput Draconis	Osá
10	El Adjtima'a	Conjunctio	Iworí
11	El Kabda El Dekhila	Acquisitio	Ofun
12	El Hamera	Rubeus	Iká
13	Es Sa'ad	Fortuna Major	Owónrin
14	El Baiad	Albus	Oturukpon
15	El Ankés	Tristitia	Okanran
16	El Djemâa	Populus	Oyekú

Fonte: elaborado pelo autor.

Através dos mitos contados se resume a tradição e cultura de um povo. O povo por si não pode ser apartado de seus costumes e tradições, e no caso da *tradição africana do Ifá*, todos os costumes do povo se conversam em uma linguagem de credo, filosofia e expressividade artística.

2.1 A estrutura do pensar filosófico do Ifá

Nos mitos, parábolas e adivinhas da tradição africana percebe-se que existe um pensamento subjetivo e a reflexão apresenta um processo de análise dedutiva e indutiva que implica em analogias e processos empíricos de coletas de dados para posteriores avaliações sobre fatos de vida do ser humano e da natureza.

Ifá, palavra yorubá, é o nome de um oráculo africano. É um sistema de adivinhação que se originou na África ocidental entre os iorubas, na Nigéria. É também designado por Fa entre os Fon e Afa entre os Ewe. Não é propriamente uma divindade (orixá), é o porta-voz de Orunmilá e dos outros orixás. O mesmo seria, como alguns dizem, o primeiro sacerdote de Orunmilá, conhecido como Setilu, e dele vieram outros discípulos.

Através deste conhecimento passado de mestre a discípulo deu-se a estrutura a milhares de anos da tradição africana do *Ifá*.

Falar de pesquisa na *tradição do Ifá* é remeter a uma ciência cosmovisionária que desenvolveu uma técnica de tratamento dos dados de origem egípcia e ao longo dos tempos se manteve por meio da oralidade, sendo todo o conhecimento adquirido pela tradição do *Ifá*, codificado por meio de parábolas, enigmas e signos odúnicos (Odu).

Os princípios instituidores do pensamento filosófico africano pensam o ser humano racional como descendente divino de Olódùmarè, ligado ao cosmo metafísico. O universo da filosofia do *Ifá* se fundamenta na compreensão de formas de energias inteligentes que se manifestam em tudo que é material e imaterial.

Essas inteligências são tidas como proposições de acontecimentos que marcam começo, meio e fim de tudo que está na terra e no universo. Para a filosofia africana as energias se aplicam ao todo e à parte e coexistem de formas diferentes que se manifestam na vida e a chamamos de Odu, que para os adeptos presidem a vida das pessoas através de presságios (anúncios). Odu é a inteligência que tudo transforma ou que tudo pode transformar e, de acordo com Costa (1995), Odu é “inteligência viva”. Enfim, Odu são proposições de acontecimentos que levarão a um destino.

A filosofia provinda de *Ifá* nos deu como legado uma ciência codificada. A mesma continua avançada como padrão de raciocínio binário. É o tratado mais antigo que remonta à forma como o homem raciocina e externaliza as coisas. Trata-se da maneira como o homem analisa o universo e o meio em que vive e também como ele deve tratar esse meio de forma que continue cíclico (renovação).

Faz-se necessário afirmar que as sociedades africanas estão sempre relacionando todo corpo existente e não existente, o mundo visível e invisível, a energia vital, que pode ser compreendida de acordo com a cultura bantu nas citações abaixo:

O banto, em resumo, distingue o “existente imóvel” (minerais), o “existente assimilativo” (vegetais), o “existente sensitivo” (animais); o “existente inteligente” (a pessoa humana), o “existente com inteligência desencarnada” (o antepassado) e, por fim, o Preexistente (Deus) (KAGAME, 1976, p. 186-256).

O mundo visível está integrado por forças pessoais e impessoais. A força pessoal é o homem, centro da pirâmide por ser o único existente ativo inteligente capaz de aumentar a sua vida e de dominar as forças inferiores. Toda criação se centra na pessoa humana. Todos os seres estão destinados a realizar com plenitude a pessoa humana, centro do sistema. “O homem é a força suprema a mais poderosa entre os seres criados” (TEMPELS, 1965, p. 66).

É do princípio de como o ser humano forma ideias sobre as coisas que ele passa a perceber suas potencialidades ou habilidades de combinar, comparar, identificar, deduzir e materializar algo. São padrões concebidos há milênios de forma binária, que sabemos hoje ser a forma como o cérebro raciocina.

A função da filosofia africana se aplica na necessidade de estarmos em contato com a natureza e o universo, compreendê-los, interagir, com o que entendemos e não entendemos dentro subjetividade metafísica. Ela se fundamenta e se estrutura em ensinar o ser humano a buscar respostas, em virtude do contato e relações com todas as coisas, a fim de que através das ações e contato dos mesmos elas se renovem no seu ciclo natural de vida, ou seja, se torne cíclico. Enfim, toda ação ou meio criado ou adotado deve dentro desta filosofia valorizar a vida e a memória como a regra para perpetuar através da renovação (Àtúnwá).

A memória na filosofia africana é o maior bem que ajuda a renovação (ciclicidade), pois nela está o orgulho de pertencer a uma tradição milenar, é tida como a biblioteca viva e renovável, movida pela prática da oralidade dos mitos contados. Ela é, além de um padrão binário de comparações e identificações, a forma de liberdade do pensar e criar de acordo com o que temos de conhecimentos adquiridos, ou seja, memorizados.

Dentro dessa filosofia nada morre, simplesmente deixa de ter um corpo, nada é intocado, seja divinal ou ancestral. Nessa filosofia nada é impossível, porque a mesma se baseia em princípio na mutação, renovação e transformação, e nada é inimaginável e por isso se tornou divinal a ponto de não ser tocado.

Não posso deixar de dizer que na filosofia do *Ifá* a renovação é uma forma de agregar os conhecimentos dos ancestrais, também é a forma de manter a memória e se tornar memória a fim de se ter raízes, tronco e os galhos da árvore genealógica da vida bem estruturada. Em outras palavras renovar não significa, para a tradição e filosofia do *Ifá*, esquecer seus ancestrais e suas memórias.

Na representação dos pensamentos sintetizados em frases ou em mitos podemos ter a designação numérica binária que foi e é uma forma de codificação da ciência filosófica do *Ifá*. A maneira como os padrões estão representados binariamente é semiótica, ou seja, através de signos que representam arquétipos inseridos na sociedade, sendo estes formados cada um por dois elementos de um grupo de quatro que são conhecidos como terra, fogo, água e ar, citados posteriormente como estruturas dos signos dos Odus.

Devido à natureza da representação binária e estrutura dos quatro elementos é que os Odus existem em 256 formas de inteligência conhecidas e podem ser consultados na adivinhação por meio do *Ifá* e jogo de búzios. Ademais, os textos sobre os Odus discorrem

sobre os seus significados em forma de presságios, que conseqüentemente estão codificados em forma de parábolas, que muitas vezes requerem conhecimentos de base sobre a dinâmica do processo civilizatório africano para interpretar a verdade dos fatos; fatos estes que resumem o que poderemos chamar de filosofar para a vida. “A religião é ao mesmo tempo conhecimentos, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor nos permite remontar à unidade primordial” (BÂ, 2010, p. 169), neste aspecto dos modos europeus, pois a mesma tem relação com o tangível de forma que o espiritual e a própria manifestação da vida presente em nosso meio natural, seja ele vegetal, animal ou mineral.

É importante falar sobre os Odus que estão expressos nos versos odúnicos. Estes estão divididos em duas gerações: os Olodus ou Odùs Agbas, sendo estes os dezesseis mais velhos e os únicos que habitaram o Orum (céu ou cosmo para o yorubá). Em seguida, tem-se os Omo Odus que representam os 240 Odus que nasceram no Aye (terra) e foram gerados pela união aos pares de cada Olodu; sendo assim, são Odus conhecidos como filhos e são tidos como aqueles que contribuíram com ciclos naturais de acontecimentos e desenvolvimento na vida dos seres humanos.

Os Odus (Olodus) carregam dentro de si a energia, matrizes que contribuíram com a formação de vida na terra. Os Odus que abrangem os geradores e filhos são mais do que energia da natureza, são forças cíclicas de renovação e presidem na adivinhação ou ciência do *Ifá* os predestinos de acordo com o livre arbítrio de cada ser humano. Esses Odus vão ser consultados dentro da *tradição do Ifá* pelos Babalawós através dos jogos de adivinhação, conhecidos por Merindilogum, Ikins o *Òpèlè Ifá*, para definir quais são os presságios no caminho do consulente e os conselhos a serem dados. Através do Merindilogum, conhecido no Brasil por jogo de búzios, o Babalawó, na Nigéria, se utiliza dos búzios numa peneira redonda ou esteira para fazer a consulta que é no chão e com os Ikins (Caroços de dendê). Através de movimentos entre mãos com os caroços se determina pelas sobras em um símbolo par ou ímpar, que veremos mais adiante ser riscado no tabuleiro sobre um pó chamado Yerosun. Os mesmos traços serão marcados quando o Babalawó consulta o *Òpèlè Ifá*, que é um colar com nozes de palmeira (*Mangifera gabonensis*). O colar de *Òpèlè Ifá* é também, assim como os búzios, consultado pelo Babalawó sentado sobre uma esteira.

A interpretação do Babalawó exige dele uma iniciação no culto religioso e na tradição que pode demorar muitos anos. Nesse ínterim, ele se submete a estágios probatórios que irão ajudar a definir com o passar do tempo um grau como título e responsabilidades a serem assumidas. Nesse processo a interação do iniciado exige dele conhecer 4.096 Itans

(versos de *Ifá*) que falam de mitos, e todo tipo de relação com a natureza e tudo que existe nela. Os Itans também falam de Olodumare e toda sua criação e nesse contato passam a conhecer tudo que está codificado nos Odu.

O corpo literário do Odu é também interpretado através de ideogramas sagrados; estes são formas gráficas específicas de cada Odu que os sacerdotes riscam na interpretação do que Orunmilá, “a fala que vem do céu”, revela ao sacerdote. Os ideogramas e suas derivações vêm de encontro às representações e referências simbólicas, estéticas e semióticas que podem estar representadas nos tabuleiros ligadas ao ontem, ao amanhã e ao hoje; são os presságios que sugerem as afirmações e probabilidades de acontecimentos na vida dos seres humanos e também podem estar presentes na arte africana ligada a formas geométricas fractais.

Assim, pode-se presumir que os destinos são descritos pelos presságios trazidos pelos Odu e se apresentam como possíveis probabilidades de caminhos, que muitas vezes não foram imaginados pelo consciente, mas seguidos pelo inconsciente do ser humano de acordo com a hereditariedade e a lei de atração e repulsão que exercemos em contato com o universo. E os mesmos podem se tornar conhecidos e mudados como for necessário através do Babalawó, que detém o conhecimento sobre *Ifá* e desenvolve a habilidade binária e de memória para se tornar porta-voz dos conhecimentos e mistérios da vida segundo a *tradição africana do Ifá*. A habilidade binária desenvolvida pelo Babalawo ao longo de muitos anos é nada menos que a capacidade de interagir com versos e parábolas e, ao mesmo tempo, interpretá-los trazendo a reflexão sobre os mesmos e sobre a situação do consulente. Isto por si só é um ato de filosofar.

Odu é a forma básica do conhecimento e da dinâmica desse conhecimento. Assim entende-se os Odu como a inteligência do saber para se equilibrar com a vida. Os dezesseis Odu principais são estruturais no campo do pensamento dentro da cultura africana que comporta várias ciências ou várias áreas do conhecimento.

Para a *tradição africana do Ifá* os seres humanos são indivíduos integrantes da natureza e dependem do equilíbrio através da harmonia, para manter a vida sendo esta harmonia a base da hermenêutica do bem viver, que na filosofia africana é a forma de tocar e interagir com o divino.

Conforme Epega (1987), o povo yorubá afirma que os Odu são originados de Orunmilá em Ile-Ifé, são milenares e similares a outros signos usados em diversos lugares da África, como Egito, Líbia, Senegal, Futa e os Estados Haussá.

A importância de se comentar os Odus e sua genealogia serve para entender que deles decorrem 4.096 versos que traduzem conhecimentos sobre os presságios. Esses presságios estão descritos nos versos de *Ifá* (Itans), parábolas e mitos. Desta forma, podemos perceber até aqui que através da cultura oral e do que foi supracitado se desenvolveu uma forma de codificar o conhecimento através dos signos que são combinações dos elementos da natureza para explicar sobre os conhecimentos acerca de tudo que está à volta do ser humano. Em um entendimento mais amplo nasce aqui a filosofia da *tradição africana do Ifá*; nasce aqui, através dos mitos, parábolas, Itans, a genealogia do raciocinar africano pautado no divino tocável, porque, como vimos, os Odus são formados de elementos da natureza (fogo, água, terra e ar) e na combinação dos mesmos, assim como toda a nossa natureza. Odus, desta forma, seria a materialização do que vemos e sentimos. Assim, nos distanciamos do metafísico para nos aproximarmos do laico.

3 RELAÇÕES MATEMÁTICAS E FILOSÓFICAS NA TRADIÇÃO AFRICANA DO IFÁ: UM MÉTODO BINÁRIO

A filosofia do *Ifá* começa a se moldar através dos princípios que obedecem ao desenvolvimento de ideias com base na lógica binária de interpretação do Odu⁹, em face aos fenômenos naturais, bem como aos fatos do cotidiano dos seres humanos. A forma de raciocínio concebida por Orunmilá 6.000 anos atrás contempla o raciocínio binário como o meio pelo qual o cérebro desenvolve e amplia suas potencialidades. A filosofia detalha codificadamente a estrutura do pensar inter-relacional em relação a como tudo que compreende as formas da natureza e vida, seja material ou espiritual, está relacionado aos fatos e acontecimentos do dia a dia.

Nos dias atuais a filosofia da *tradição do Ifá* é o resultado de sua prática nos costumes, valores e princípios do seu povo, inserido nesta cultura, busca-se a hermenêutica do bem viver em conjunto com meio social que se vive, a natureza e a memória. Nela está o constante exercício pela a renovação cíclica da vida, a busca incessante pelo autoconhecimento, pelo o que somos ou representamos, devendo a mesma representar ou fazer com que se mantenha a ciclicidade da vida, a renovação e o crescimento humano de ancestre para descendente em forma de espiral como uma corrente, para que os ancestres vivam dentro de sua descendência.

Para educarmos os homens de um modo sensato e esclarecido, convém saber no que queremos que eles se tornem quando os educamos. E para sabê-lo é necessário indagar para que vivem os homens – ou seja, investigar qual pode ser a finalidade da vida e o que ela deve ser. Portanto, devemos também inquirir sobre a natureza do mundo e os limites que este fixa para o que o homem pode saber e fazer. A natureza humana, a boa vida e o lugar do homem no esquema das coisas estão entre os tópicos perenes da filosofia (KNELLER, 1966, p. 11).

Os princípios do pensar filosófico africano se baseiam nas premissas lógicas de que o par e o ímpar podem se unir e também formar outro elemento, considerando que os dois podem ser opostos ou diferentes entre si. Poderíamos interpretar que o masculino e o feminino podem se unir e gerar vida a outro elemento; logo, os dois são diferentes, e dentro da lógica esta seria uma premissa verdadeira. Mas devemos atentar que esta premissa atende

⁹ Esta palavra vem da língua *yorubá* e significa presságios, destino e predestinações individuais. Cada Homem (Ser) possui o seu, hora com passagem que se assemelham a de outros, mas sempre com alguma particularidade. São conhecidos através dos mitos chamados pelos africanos de *Itan-Ifá*, mas com uma particularidade o Itan faz referência ao autor e fala da solução para um problema conhecida pelo nome de Ebó, cita encantamentos rezas, faz menção a um Odu a respeito de uma consulta ao divino.

somente à condição sexuada, mas também existe a condição assexuada na qual um organismo adulto (matriz) se multiplica, originando descendentes com características genéticas idênticas, que também se explicam pelo princípio da bipartição onde um se transforma em dois e dois vão gerar mais dois.

Também é possível o raciocínio que parte do ponto de vista que no princípio de tudo havia as energias geradoras e criadoras e as mesmas compõem o universo, sendo que as criadoras seriam os Odus. Seguindo este conceito, a energia criadora assume o papel de fecundadora. Seja de acordo com o princípio anterior (assexuado ou sexuado), ou não, o critério para que haja geração de vida por parte do órgão gerador é que deve haver um equilíbrio do organismo com o meio no qual se vive.

Dentro da *tradição do Ifá*, o equilíbrio natural só é possível quando atende ao critério da ciclicidade. A mesma significa o intenso movimento da vida (energia vital), que deve estar em constante renovação atemporal, que só é possível através do ganho e perda do corpo físico, da importância que envolve o mistério da vida de cada indivíduo (evolução), a reprodução e, principalmente, o significado e importância de tudo para o meio no qual vivemos seja de valores ou renovação.

Dentro da *tradição africana do Ifá* existe o princípio das energias que se opõem como positivo Irê e oposto Íbi ou Osogbo. As mesmas significam o equilíbrio natural, ou seja, uma não existiria sem a outra. São como os fios que ligam uma lâmpada: os dois são opostos, mas mantêm a energia, e a mesma é o fenômeno. O Irê e Ibí representam para o Babalawó de *Ifá* (sacerdote) a força cíclica da natureza que permite a renovação da vida, ou seja, a manutenção para que haja a vida. O Irê e Íbi, na visão do Babalawò de *Ifá*, são presenças de energias que se manifestam e que para a liturgia e prática é a materialização da mesma, presente nos ideogramas dos Odus¹⁰, dos quais falarei mais adiante.

Toda estrutura do filosofar através do *Ifá* está fundamentada nos quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar); só através deles é possível a concepção do plano físico em que vivemos como manifestação de toda forma de vida ou matéria, e dentro deste conceito preside todas as combinações possíveis dos quatro elementos que darão forma à vida e somam-se no total de 256 proposições que chamamos de Odus. Daqui em diante, para essa

¹⁰ Ideogramas dos Odus: são traços feitos pelos sacerdotes de *Ifá* conhecidos como babalawòs que são representados por traços sobrepostos aos pares no qual cada um representa um elemento da natureza e quando unidos aos pares formam um Odu uma presença energética que quando riscada pelo babalawò no tabuleiro de *Ifá* (*Opòn Ifá*) sobre um pó sagrado chamado de Iorossun, revelará a energia vital a força pura daquele Odu, ou seja, a manifestação e presença do mesmo.

que se possa entender essa filosofia, é necessário que se estudem as combinações no mínimo dos dezesseis Odus principais.

As combinações dos quatro elementos da natureza são exemplificadas por símbolos aos pares, denominados Odus. Os mesmos sugerem muitos significados que nos levam à compreensão da evolução dos seres humanos, bem como à organização cognitiva do raciocínio binário que nunca separa o pensamento subjetivo do lógico dentro da tradição africana.

A representação é garantida pela função simbólica, mas só é desenvolvida no contexto social, uma vez que nasceu, no decorrer da filogenia da espécie, justamente como forma de contato entre os membros de uma comunidade. “As mesmas causas que fizeram do homem o animal social que ele é, deram-lhe também a aptidão para formar representações” (WALLON, 1942/1970, p. 190).

A matemática na tradição africana através do *Ifá* (Afroetnomatemática) é representada simbolicamente associada aos mitos imagéticos e, dentro da Divinação do *Ifá*, o mito está associado ao rito que se constitui de cerimônias, danças, orações e sacrifícios.

É importante dizer que o que se pretende é demonstrar que a matemática, hoje conhecida como binária, é conhecida Antes de Cristo pela nação yorubá, e para entendermos não necessitava praticar o rito da tradição. A mesma é representada através de ideogramas (símbolos), sobre os quais discorrerei sobre seus significados. Para tanto, é importante atentar-nos para a genialidade de povos antigos que não tinham a memória artificial (computador) e, sim, o seu próprio cérebro como testemunha da capacidade imensurável de memorizar.

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós [...] assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (JUNG, 2002, p. 20).

Uma importante descoberta sobre a civilização Ishango prova que o povo africano 15 mil anos antes dos faraós já haviam descoberto a aritmética concreta através de ossos encontrados com três séries de entalhes e ornados com cristais de quartzo. Através deles foi possível reconhecer que os povos africanos já praticavam a aritmética com base doze e o mesmo permitiu a troca de conhecimentos aritméticos entre os nigerianos, egípcios, cretenses e o povo de Uganda. Segundo Anthony Nogueira, em 1976 abre-se um leque de hipóteses sobre a África. Ela teria influenciado o Egito dos faraós que tem as suas hipóteses retomadas em 1987 por Martin Bernal, que lançou o debate conhecido no mundo científico como a polêmica sobre a “Atenas negra”.

É importante a reflexão sobre este parágrafo acima, em vista de entender que os povos africanos foram os grandes instituidores da matemática e não os supostos gregos como o eurocentrismo afirmam, pois o que segue é um relato sobre o sistema numérico binário, conhecido através da tradição do *Ifá* muito antes de cristo e difundido na informática com a mesma lógica de raciocínio e o mesmo sistema binário milenar que até hoje é a base tecnológica dos softwares.

O sistema binário tem por base dois algarismos, 0 (zero) e o 1 (um), e para efeito de comparação entre a informática e quanto ao oráculo de *Ifá*, posso dizer que os princípios de raciocínio são os mesmos. Os circuitos de comandos de um computador para serem executados precisam do conjunto visível e palpável, conhecido como hardware, e seu complexo invisível, conhecido como software, e as ordens chamadas de comandos são sequencialmente obedecidas pelo dispositivo - “ligado” ou “desligado”, - “0” ou “1”, ou seja, números binários onde uma chave aberta recebe o número 0 e se estiver fechada o número 1.

No sistema de Divinação, através do oráculo de *Ifá*, segue o mesmo princípio, pois a interpretação se dá nas possibilidades apresentadas como aberto e fechado, par ou ímpar, sim ou não, positivo ou oposto, masculino ou feminino, onde feminino também representa o par e o masculino o ímpar, ou seja, dependendo da situação todos os significados podem se sobrepuser ou se compor uns aos outros para explicar algo. Segundo Ifrah (1998, p. 17), nosso ancestral remoto devia no máximo poder estabelecer uma diferença nítida entre a unidade, o par e a pluralidade.

É verdade que um e dois são os primeiros conceitos numéricos inteligíveis pelo ser humano. O Um é, como efeito, o homem ativo, associado à obra da criação. É ele próprio no seio de um grupo social e sua própria solidão face à vida e à morte. É também o símbolo do homem em pé, o único ser vivo dotado desta capacidade, como também do falo ereto que distingue o homem da mulher. Quanto ao Dois, ele corresponde à evidente dualidade do feminino e do masculino, à simetria aparente do corpo humano. É também o símbolo da oposição, da complementaridade, da divisão, da rivalidade, do conflito ou do antagonismo. E ele se manifesta, por exemplo, na idéia da vida e da morte, do bem e do mal, do verdadeiro e do falso etc. (IFRAH, 1998, p. 17).

É importante notar que o sistema binário, assim como o sistema de divinação, parte do mesmo princípio de pensamento, segundo Contador (2008, p. 42), que em seu livro *Matemática, uma breve história* explica e exemplifica que o homem ao raciocinar como calcular qualquer tipo de cálculo ele estrutura e pensa de forma binária inconscientemente, ou seja, separa o cálculo em grupo de dois. Mais uma prova de que o homem trabalha binário em tudo que faz.

Assim, temos uma conclusão bastante interessante: podemos dizer que quando o homem inventou o computador passou a ocupar o papel de criador com relação à máquina, acrescentando na história da evolução humana a frase: *façamos o computador segundo a nossa imagem e semelhança*. E não seria possível uma concepção diferente, pois o homem pensa binário. Um computador ternário, por exemplo, seria impossível, pois o homem não pensa ternário (CONTADOR, 2008, p. 42).

O sistema binário usado na informática tem como a menor unidade de informação o bit que representa o algarismo binário ou uma simples escolha entre 0 e 1, e cada grupo de 8 bits recebe o nome de byte. O mesmo é a potência 2^8 que gerara 256 diferentes combinações ou configurações de informação, indo de 00000000 a 11111111, sendo que nestas 256 opções podemos configurar letras, atribuindo-lhes valores binários por convenção. A mesma coisa acontece no processo de divinação do *Ifá* onde o Babalawó utiliza o *Ifá* para adivinhação e através do oráculo ele consulta 256 Odus provenientes da mesma combinação binária partindo dos 16 Odus principais, que é o dobro de oito ($2 \times 8 = 16$ e $16 \times 16 = 256$).

A diferença entre o uso do sistema binário na informática e no *Ifá* diz respeito ao fato de não existir números na tradição da divinação e, sim, símbolos que representam os elementos da natureza; símbolos estes que obedecem ao mesmo princípio do aberto ou fechado, par ou ímpar, direito ou esquerdo, masculino ou feminino. De fato, o sistema binário na informática existe para tornar possível, e somente desta forma, o armazenamento de dados e o acesso ao mesmo via software, ou seja, memória artificial. Na divinação o sistema binário é o meio pelo qual o Babalawó acessa a sua memória em virtude do que os símbolos binários (Odus) têm a dizer, e neste caso o mesmo detém o meio de memorizar 1600 versos (Itans) e como usar a capacidade mental via as potencialidades que o cérebro nos oferece. Isto faz com que reconheçamos a genialidade por de traz do *Ifá*, bem como as potencialidades que não desenvolvemos dentro da educação.

Meirelles (1994) cita em seu livro que, no início da era digital, para a transferência de informações eram necessários de forma satisfatória 7 bits, como os hardwares dessa época eram pouco confiáveis, por esse motivo foi necessário acrescentar mais um bit, chamado de bit de paridade. Com a evolução e o desenvolvimento dos hardwares, essa necessidade de um bit a mais se perdeu, o bit de paridade desapareceu. Mas com a convenção de que um byte tinha 8 bits, assim permaneceu, o que resultou na potência 2^8 (dois elevado a oitava potência), que calculada resultaria em 256 combinações diferentes. —Portanto, um byte pode conter uma informação e, quanto mais bytes o equipamento possuir, mais informações poderão processar (MEIRELLES, 1994, p. 122).

O estudo da tradição do *Ifá* é uma prova da capacidade humana frente ao filosofar que tem como ideologia na tradição o pensamento que diz “não existe o impossível”. Logo, é

de suma importância para educação, que a cada dia que passa se encontra viciosa na mente artificial esquecendo-se da capacidade da memória, que existam meios de desenvolvermos as potencialidades da memória, uma vez que a mesma tem sido pouco desenvolvida e estimulada dentro das escolas. Outro fator importante é que a lógica de raciocínio na tradição africana também é distinta, pois o adepto da tradição do *Ifá* raciocina logicamente, não a partir de números, mas, sim, a partir de enigmas, a partir de parábolas, filosofias e versos; e para tanto ainda se faz necessário uma relação com tudo o que pode decifrar em virtude da sua relação com a natureza.

Um Omo Odu, como dito anteriormente, se trata de um Odu filho (gerado) do par de Odu (Odu pai). O mesmo é representado como sendo o par que se uniu para formá-lo. Por este princípio se seguem aos moldes a representação binária (pares). Os Omo Odu, assim como os Odus, nas representações simbólicas de paridade, a exemplo do que pode representar o 0 e o 1 (bit) da informática, seriam, na tradução dentro do *Ifá*, o feminino e o masculino, o aberto e o fechado.

Devemos nos atentar ao fato de que o *Ifá* é um jogo genealógico, por ser o mesmo fundamentado nos elementos da natureza que, como dito antes, por combinação destes elementos geram 256 possibilidades ou probabilidades de acontecimentos, em virtude da interpretação dos elementos que formam a vida, mas, além disso, o mesmo não é um simples jogo com probabilidades e possibilidades, mas de reflexão e interpretação filosófica, tanto simbolicamente através dos ideogramas como através dos Itans (sobre o que dizem acerca dos presságios e os mesmo interpretados através dos fatos naturais), sendo ele a porta que se abre para a subjetividade e o raciocínio lógico.

A menor unidade de informação, chama-se *bit*, que representa um algarismo binário ou uma simples escolha entre 0 e 1, (imantado ou não imantado), um grupo de oito bits recebe o nome de *byte* e pode ter 2^8 ou 256 diferentes combinações ou configurações de informação, indo de 00000000 a 11111111. Nestas 256 opções podemos configurar letras, atribuindo-lhes valores binários por convenção (CONTADOR, 2008, p. 41).

O sistema binário faz parte da vida, pois o mesmo, ressalto, reflete a forma como o cérebro raciocina e interage com meio natural que vivemos, sendo ele a base da evolução humana e, apesar do advento da informática, nós, seres humanos, exploramos pouco esta potencialidade dentro das escolas.

Neste trabalho desenvolvo técnicas para avaliação da conduta humana. Para que isto fosse possível, trouxe para o corpus deste trabalho a ideia de energia, não somente como átomo, o grande responsável por toda existência, mas também como um sistema cíclico que

renova a vida, a natureza. Paralelo a este pensamento, teorizo que a vida humana é um grande processo cíclico de renovação que nos permite evoluir em processo espiral do centro de tudo (início de tudo) para as extremidades.

Atento para explicar este processo metafísico de avaliação através das técnicas desenvolvidas, e utilizo o como meio para explicá-lo também a lógica de Boole, em virtude dos fins justificarem os meios, mas deixo claro que existem diferentes formas de análise dentro da prática do *Ifá* que levam a propósitos semelhantes, as quais não serão discutidas neste artigo. Distanciarei a discussão, neste momento, da matriz religiosa da tradição do *Ifá*, por entender que a escola Brasileira é laica, mas não deixarei de atentar para o que é inerente, em virtude da técnica filosófica, por entender que a mesma, mesmo sendo subjetiva, é importantíssima para aplicação da técnica.

Para alguns filósofos, as ordens lógicas e psicológicas não entram em conflito, mas seguem de mãos dadas. John Dewey, por exemplo, acredita que elas desfrutam uma relação de meio e fim: “Estão ligadas como o percurso e o término, ou fases concludentes do mesmo processo de aprendizagem.”¹¹ Dewey identifica “processo e produto” com “psicológico e lógico”, respectivamente. O processo psicológico, diz ele, é o meio para o entendimento da matéria em sua forma lógica (KNELLER, 1966, p. 46).

Para que seja possível a prática da técnica que irei propor, precisamos levar em consideração que existem certos princípios que me foram herdados dentro da minha oralidade e não foram questionados, os mesmos se confirmam como sendo de principal importância por consequência dos resultados que obtive na aplicação da técnica. A técnica consiste em um método adaptado para se obter números referentes à Omo Odus¹² e através deste método proposto busquei assinalar especificidades sobre a pessoa que será consultada.

Durante esta investigação descobri que muito do que será relatado aqui sobre minha oralidade ancestral é conhecida dentro do culto Omolocô, fundado por Açumano Saó Adió, de origem Malê dos Mussurúmi no Brasil, com influência Angolana e procedência das tribos Lundas-Quiocos; esta nação de ¹³Umbanda mista através de sua origem mulçumana trouxeram conhecimentos cabalísticos para a religião. Durante a verificação pude ver que a matemática envolve dias do Sol, dias da Lua, horas da Terra e horas da Lua; estes estão

¹¹ John Dewey, *How We Think*, Healt, Boston, 1933, p. 84.

¹² Omo Odus: são Odus principais que segundo a tradição africana do *Ifá* são energias da criação responsáveis diretamente por presságios na vida ser humano, são 16 Odus principais que são conhecidos como Omo Odus.

¹³ Umbanda mista “Omokolô” é a prática do culto afro-brasileiro que sofreu a influência dos candomblés “angola, mina jeji, Mussurumin e candomblé de caboclo.

ligados ao que eles chamam de Geração, e a ela é atribuído o valor numérico “9” e porque este valor tem sua importância, mostrarei agora.

O mês solar para os Lundas-Quiocos era de 40 dias.

O mês lunar para os Lundas- Quiocos era de 28 dias.

40 dias solares vezes 9 luas é igual a 360 dias.

28 dias lunares vezes 9 luas é igual a 252 dias.

Assim teremos:

360 dias (3+6+0) = 9 dias do Sol.

252 dias (2+5+2) = 9 dias de Lua.

Somando $360 + 252 = 612$

$612 = (6+1+2) 9$

Percebe-se, com isso, que todos os resultados darão sempre nove.

Segundo Omolu (2002), a terra, ao dar uma volta completa em torno do Sol, para completar essa tremenda jornada de 150 milhões de quilômetros em sua órbita, gasta 365 e $\frac{1}{4}$, ou seja, 8.775 horas e durante o que designamos quarto-de-lua, faz sete (7) rotações sobre si mesma, fazendo $7 \times 4 = 28$ dias, que é o mês lunar dentro de nosso calendário. Esses 28 dias lunares vezes a cabala nove (9), que são os nove meses lunares, é igual a 252 dias, ou seja, 6.048 horas.

8.775 (horas da Terra) + 6.048 (horas da Lua) = $14.823 = (1+4+8+2+3) 18$

$18 = 1+8 = 9$

Assim, a soma das horas da terra e da Lua seguida da sua decomposição dará nove.

Como se pode observar, as fases lunares em conjunção com o Sol têm a mesma cabala e assim pôde-se criar o dia e a noite, daí surgindo o mês com as suas quatro semanas iguais a 28 dias, o ano com as nove luas, iguais a 252 dias, cuja cabala é igual a nove, representando assim a geração da humanidade e a criação do homem. A geração do nascituro leva 252 dias para suprir as necessidades de sua formação, permanecendo no ventre, obedecendo às nove (luas) que simbolizam a circunferência com seus 360 graus, cuja cabala também corresponde a nove (9), dos Espíritos da Natureza (Orixás) e, dentro desse período, recebe as influências de todos os planetas do nosso sistema solar (OMOLU, 2002, p. 93-94).

As etnias de origem mulçumanas no Brasil trouxeram este legado cabalístico como forma de compreender a natureza e todo o sistema de geração; o mesmo sistema que comprovam a presença de um exato número por diversas somas e conhecido por vários povos,

inclusive, os de origem mulçumana como *quadrado mágico*¹⁴; dele surgem os números que usarei nos cálculos que apresentarei mais abaixo herdados oralmente por mim. Por serem de origem mulçumana e sua própria religião Islâmica podemos dizer que a Geomancia Árabe teve forte influência no Omolokô, o que torna legítimo os quadrados mágicos e os cálculos a serem apresentados de origem Geomântica e Africana.

Esse islamismo que já na África, como vimos, não era exatamente o mesmo da Arábia, no Brasil sofreu, é claro, ainda outras influências, recebendo o nome de “religião do alufãs”, e culto “mussurumim”, “muçulmi” ou male – nomes estes pelos quais eram genericamente conhecidos os negros islamizados. (LOPES, 1988, p. 47). Mas, em contrapartida, a tradição dos orixás iorubanos também foi influenciada pelo Islão. João José Reis (1986, p.152-155), no mais profundo estudo sobre os Malês até agora escrito no Brasil, lembra que a tradição nagô relaciona os negros islamizados aos orixás *funfun*, à frente do quais se coloca Obatalá, e isto: porque todas as representações simbólicas desses orixás se baseiam na cor branca, largamente usada pelos malês; pela utilização da água – elemento vital de Oxalá – em inúmeros rituais e cerimônias privados e públicos dos malês; pela consagração da sexta-feira – dia de Oxalá – como o dia do jejum muçulmano (LOPES, 1988, p. 45).

Apresentarei em seguida os *Quadrados Mágicos* dos planetas que serão utilizados nos cálculos:

Quadro 2- Quadrado mágico de Saturno

Saturno=15		
4	9	2
3	5	7
8	1	6

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

¹⁴ É uma tabela quadrada igual à intersecção de números em que a soma de cada coluna, de cada linha e das duas diagonais são iguais.

Quadro 3- Quadrado mágico de Marte

Marte=65				
11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Quadro 4- Quadrado mágico de Júpiter

Júpiter=34			
4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Quadro 5- Quadrado mágico do Sol

Sol=111					
6	32	3	34	35	1
7	11	27	28	8	30
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
25	29	10	9	26	12
36	5	33	4	2	31

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Quadro 6- Quadrado mágico de Vênus

Vênus=175						
22	47	16	41	10	35	4
5	23	48	17	42	11	29
30	6	24	49	18	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Quadro 7- Quadrado mágico de Mercúrio

Mercúrio=260							
15	58	59	5	4	62	63	1
49	23	14	52	53	11	10	56
41	23	22	44	45	19	11	48
32	34	35	29	28	38	39	25
40	26	27	37	36	30	31	33
17	47	46	20	21	43	42	24
9	55	54	12	13	51	50	16
64	2	3	61	60	6	7	57

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Quadro 8 – Quadrado mágico da Terra

Terra = 505									
1	99	98	4	95	6	7	93	92	10
90	12	13	87	16	85	84	18	19	81
80	22	23	27	75	76	74	28	29	71
31	69	68	34	36	65	37	63	62	40
50	49	53	47	45	46	57	58	59	41
51	52	48	54	55	56	44	43	42	60
61	39	38	64	66	35	67	33	32	70
30	72	73	77	26	25	24	78	79	21
20	82	83	17	86	15	14	88	89	11
91	9	8	94	5	96	97	3	2	100

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Quadro 9- Quadrado mágico da Lua

Lua=369								
37	78	29	70	21	62	13	54	5
6	38	79	30	71	22	63	14	46
47	7	39	80	31	72	23	55	15
16	48	8	40	81	32	64	24	56
57	17	49	9	41	73	33	65	25
26	58	18	50	1	42	74	34	66
67	27	59	10	51	2	43	75	35
36	68	19	60	11	52	3	44	76
77	28	69	20	61	12	53	4	45

Fonte: Comunidade Teúrgica Portuguesa.

Todos estes quadrados mágicos são conhecidos há séculos. O quadrado de 9 casas (3 x 3) é encontrado pela primeira vez em um manuscrito árabe, no fim do Século VIII, e atribuído a Apolônio de Tiana (I Século) por Berthelot (1987 – 1988). Através destas tabelas podemos verificar que a soma de cada coluna, de cada linha e das duas diagonais são iguais: *Quadrado de 3 tem 9 casas: Saturno; Quadrado de 4 tem 16 casas: Júpiter; Quadrado de 5 tem 25 casas: Marte; Quadrado de 6 tem 36 casas: Sol; Quadrado de 7 tem 49 casas: Vênus; Quadrado de 8 tem 64 casas: Mercúrio; Quadrado de 9 tem 81 casas: Lua; Quadrado de 10 tem 100 casas: Terra.*

O mais importante nesta descoberta que vem de encontro a minha herança oral está na soma resultante de cada linha, de cada coluna e de cada diagonal, as quais são importantes não porque somente resulta o mesmo e, sim, porque fornece um número específico, e seguindo a decomposição usada na cabala do Omolocô será imprescindível para os cálculos que executarei mais abaixo. Sendo assim, temos:

- a) *Saturno com cada linha coluna e diagonal somando 15, sendo que $15 = (1+5)6$;*
- b) *Júpiter com cada linha coluna e diagonal somando 34, sendo que $34 = (3+4)7$;*

- c) *Marte com cada linha coluna e diagonal somando 65, sendo que $65 = (6+5) 11$ e $11 = (1+1) 2$;*
- d) *Sol com cada linha coluna e diagonal somando 111, sendo que $111 = (1+1+1) 3$;*
- e) *Vênus cada linha coluna e diagonal somando 175, sendo que $175 = (1+7+5) 13$ e $13 = (1+3) 4$;*
- f) *Mercúrio cada linha coluna e diagonal somando 260, sendo que $260 = (2+6+0) 8$;*
- g) *Lua cada linha coluna e diagonal somando 369, sendo que $369 = (3+6+9) 18$ e $18 = (1+8) 9$;*
- h) *Terra cada linha coluna e diagonal somando 505, sendo que $505 = (5+0+5) 10$.*

Como dito anteriormente por Caio de Omulu, o número “9” nove significa a Geração. Partindo deste princípio, tira-se como prova a soma dos números finais (decompostos) de todos os planetas, como segue no exemplo: 6 (*Saturno*) + 7 (*Júpiter*) + 2 (*Marte*) + 3 (*Sol*) + 4 (*Vênus*) + 8 (*Mercúrio*) + 9 (*Lua*) = 27

O número $27 = (2+7) 9$, ou seja, aqui confirma-se que estes planetas a nível da ancestralidade e conceito matemático está presente no movimento cíclico comentado neste trabalho e se resume como o número representante da geração de tudo que é matéria e vida. Reparem que retirei da soma acima o número do planeta Terra que é “10”, porque o mesmo é a representação do que foi gerado, no entanto, para confirmar esta filosofia somaremos agora todos os números decompostos de todos os planetas mais o número do planeta Terra, para verificar se de fato ele próprio é o espelho reflexo de si mesmo, que falarei mais adiante nos cálculos propostos.

6 (*Saturno*) + 7 (*Júpiter*) + 2 (*Marte*) + 3 (*Sol*) + 4 (*Vênus*) + 8 (*Mercúrio*) + 9 (*Lua*) + 10 (*Terra*) = 37 .

O número $37 = (3+7) 10$, ou seja, este número comprova o planeta Terra como prova da sua própria existência (geração), pois o mesmo número que a ele foi atribuído antes da soma se resume nele mesmo como o próprio espelho reflexo. De acordo com Ifrah (1998, p. 23), no começo da história às civilizações egípcia, suméria, elamita, babilônica, fenícia, grega, maia e asteca era hábito nas suas respectivas escritas anotar os nove primeiros números inteiros pela repetição de traços verticais, círculos, pontos ou outros sinais análogos para figurar a unidade, dispondo-os mais ou menos deste modo, numa única linha:

I	II	III	IIII	IIIII	IIIIII	IIIIIII	IIIIIIII	IIIIIIIII
1	2	3	4	5	6	7	8	9

Mas eles abandonaram rapidamente este princípio, pois tais séries de sinais idênticos, para os números superiores a quatro, em nada facilitavam, ao olho de um “leitor apressado”, a adição imediata das unidades correspondentes. Para contornar a dificuldade, os egípcios e os cretenses tiveram a idéia de reunir seus algarismos-unidades segundo um princípio que se poderia denominar decomposição (IFRAH, 1998, p. 23).

I	II	III	IIII	IIII	IIII	IIII	IIII	IIII
				II	III	III	IIII	IIII
1	2	3	4	5	6	7	8	9
				(3+2)	(3+3)	(4+3)	(4+4)	(5+4)

A decomposição apresentada nos números contados de “1- 9” para civilizações também foi usado na decomposição dos cálculos cabalísticos, bem como nos exercícios dos cálculos herdados por mim através da minha tradição oral.

Dentro da oralidade que me foi confiada, aprendi que o nome e a data de nascimento de uma determinada pessoa têm supras importâncias no processo do conhecimento do indivíduo e de todos os acontecimentos e presságios que permeiam sua vida. Diante deste fato, surge a necessidade de interagirmos com a subjetividade vislumbrando que toda energia da criação envolve tudo que conhecemos e desconhecemos. Diante dos fatos até agora descritos, me atento a deixar claro que os resultados que irei apresentar na proposta para exercitarem consultas é que irão fornecer provas de que a subjetividade talvez não seja subjetividade diante de fatos relevantes.

Quanto à oralidade que me foi herdada, mas não questionada por meus predecessores para identificarmos Omo Odus específicos de cada pessoa, ela foi trazida para a linguagem matemática onde os números que serão obtidos; tratarei como números representativos. Posso dizer que estes números são fixos e serão as peças chaves para traduzir comportamentos, caráter, temperamentos, predisposição a doenças, sentimentos, profissões e tendências e todo este processo que diretamente influencia o ser humano é conhecido como presságios dentro da oralidade que me foi herdada. Aplicando o método seguem as regras estabelecidas pelos meus predecessores na subseção a seguir.

3.1 Regras para aplicação do método

Precisamos anotar o nome completo da pessoa a ser consultado. De acordo com os meus predecessores, o nome da pessoa é uma identidade ancestral, ou seja, o mesmo é um referencial não somente de identificação e, sim, com memória e esta memória é interpretada como uma forma de energia, um cordão umbilical; é uma espécie de codificação genética e cada uma tem suas especificidades presentes na vida de cada ser.

Neste processo, devemos anotar individualmente o número de letras de cada nome de uma pessoa. Ex: Ângelo Duarte Silvino (1º nome: 6 letras, 2º nome: 6 letras, 3º nome: 7 letras). Conseqüentemente, devemos anotar a data de nascimento 21 de Abril de 1503. Percebemos neste processo que temos que a pessoa neste processo de análise tem três nomes e neste caso seria necessário que houvesse quatro nomes para que pudéssemos fazer os cálculos segundo o método.

De acordo com a oralidade, seria necessário termos os quatro nomes uma vez que cada nome representa um elemento (terra, fogo, água e ar). Mas, para este problema, a solução consiste em se acrescentar o último número do ano de nascimento da pessoa e, se no caso a pessoa tivesse somente dois nomes, extrairíamos os dois últimos números do ano de nascimento. Caso a pessoa em questão tivesse mais que quatro nomes, usaríamos os quatro primeiros nomes em sequência.

Devemos considerar também o segundo número do mês de nascimento da pessoa, por exemplo, no mês 12 (Dezembro) consideraremos o número dois para fazermos o cálculo ou, se for o caso de haver somente um número, como é o caso de Abril (mês 4), também deve ser considerado. Caso haja um número seguido de zero, deve-se considerar o zero, por exemplo: (nº 10).

Temos números estabelecidos de acordo com o nome e a data de nascimento da pessoa citada e os mesmos somados ficarão da seguinte forma: (6+6+7) números do nome + (3) número do ano que foi atribuído para completar o quarto elemento e + (4) do mês de Abril. Aplicando o método temos: $(6+6+7) + (3) + (4) = 26$. Este método servirá para contribuir na descoberta dos (Omo Odus do caminho) presságios relacionados aos caminhos da vida no sentido amplo do que ela tem que superar ou transformar. Se tirarmos da soma acima o número do mês e do ano ajudará a contribuir para descoberta dos (Omo Odus da ancestralidade) presságios ancestral no sentido amplo de como funciona a razão, a lógica de raciocínio e as potencialidades da pessoa em questão, por exemplo: $(6+6+7) = 19$.

O próximo passo consiste na verificação de uma lista para que possamos verificar qual planeta (Orun) ou confluências de planeta (Oruns) são influências na vida da pessoa em questão.

Abaixo temos quadros, nos quais podemos verificar através da data de nascimento da pessoa em questão o planeta ou planetas regentes de acordo com o decanato que a pessoa nasceu.

3.1.1 Os decanatos e os planetas

Quadro 10- Decanatos e planetas de 20/01 a 18/02

Para os nascidos entre 20 de Janeiro e 18 de Fevereiro, Casa XI (Odu Iká): casa da amizade, dos projetos, sonhos e esperança. <i>Signo regido por Saturno.</i>
1º decanato: 21 de Janeiro a 31 de Janeiro. As pessoas serão governadas por Saturno e Vênus.
2º decanato: 01 de Fevereiro a 10 de Fevereiro. As pessoas são governadas por Saturno e Urano.
3º decanato: 11 de Fevereiro e termina dia 18 de Fevereiro. As pessoas são governadas por Saturno e Júpiter.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 11- Decanatos e planetas de 19/02 a 20/03

Para os nascidos entre 19 de Fevereiro e 20 de Março, Casa XII (Odu Ejiokô ou Oturukpon): casa das provações, portanto, das emoções. <i>Signo regido por Júpiter.</i>
1º decanato: 19 de Fevereiro a 28 de Fevereiro. As pessoas são governadas por Júpiter e Saturno.
2º decanato: 01 de Março a 10 de Março. As pessoas são governadas duplamente por Júpiter.
3º decanato: 11 de Março a 20 de Março. As pessoas são governadas por Júpiter e Marte.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 12- Decanatos e planetas de 21/03 a 19/04

Para os nascidos entre 21 de Março e 19 de Abril, Casa I (Odu Ejionile ou Ejiogbe): a casa mais poderosa, aquela do EU e da energia. <i>Signo regido por Marte.</i>
1º decanato: 21 de Março a 1 de Abril. As pessoas são governadas duplamente por Marte.
2º decanato: 02 de Abril a 11 de Abril. As pessoas são governadas por Sol e Marte.
3º decanato: 12 de Abril a 19 de Abril. As pessoas são governadas por Marte e Vênus.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 13- Decanatos e planetas de 20/04 a 20/05

Para os nascidos entre 20 de Abril e 20 de Maio, Casa II (Odu Oyekú): a casa que diz respeito às aquisições e posses.

Signo regido por Vênus

1º decanato: 21 de Abril a 1 de Maio. As pessoas são governadas por Vênus e Mercúrio.

2º decanato: 02 de Maio a 11 de Maio. As pessoas são governadas por Vênus e Lua.

3º decanato: 12 de Maio a 20 de Maio. As pessoas são governadas por Vênus e Saturno

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 14- Decanatos e planetas de 21/05 a 20/06

Para os nascidos entre 21 de Maio a 20 de Junho, Casa III (Odu Wiory ou Ejilashéborá): casa da comunicação por excelência.

Signo regido por Mercúrio.

1º decanato: 21 de Maio e termina dia 31 de Maio. As pessoas são governadas por Mercúrio e Júpiter.

2º decanato: 01 de Junho e termina dia 10 de Junho. As pessoas são governadas por Mercúrio e Marte.

3º decanato: 11 de Junho e termina dia 20 de Junho. As pessoas são governadas por Mercúrio e Sol.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 15- Decanatos e planetas de 21/06 a 22/07

Para os nascidos entre 21 de Junho e 22 de Julho, Casa IV (Odu Odi): casa relacionada à sua herança, suas raízes, seu passado e sua origem, pai e mãe.

Signo regido por Lua.

1º decanato: de 21 de Junho a 1 de Julho. As pessoas são governadas por Lua e Vênus.

2º decanato: 02 de Junho a 12 de Julho. As pessoas são governadas por Lua e Mercúrio.

3º decanato: 13 de Julho a 22 de Julho. As pessoas são governadas duplamente por Lua.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 16- Decanatos e planetas de 23/07 a 22/08

Para os nascidos de 23 de Julho a 22 de Agosto, Casa V (Odu Iorossun): a casa que se obtém informações sobre experiência pessoal, o entretenimento e a criatividade.

Signo regido por Sol.

1º decanato: 23 de Julho a 2 de Agosto. As pessoas são governadas por Sol e Saturno.

2º decanato: 3 de Agosto a 13 de Agosto. As pessoas são governadas por Sol e por Júpiter.

3º decanato: 14 de Agosto a 22 de Agosto. As pessoas são governadas por Sol e Marte.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 17- Decanatos e planetas de 23/08 a 22/09

Para os nascidos entre 23 de Agosto a 22 de Setembro, Casa VI (Odu Oworin): casa da vida cotidiana, do trabalho e das obrigações e da saúde. <i>Signo regido por Mercúrio.</i>
1º decanato: 23 de Agosto a 3 de Setembro. As pessoas são governadas por Mercúrio e Sol.
2º decanato: 04 de Setembro a 13 de Setembro. As pessoas são governadas por Mercúrio e Vênus.
3º decanato: 14 Setembro a 22 de Setembro. As pessoas são governadas duplamente por Mercúrio.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 18- Decanatos e planetas de 23/09 a 23/10

Para os nascidos entre 23 de setembro e 23 de outubro, Casa VII (Odu Obará): casa do casamento, dos contratos e das uniões. <i>Signo regido por Vênus.</i>
1º decanato: 23 de Setembro a 3 de Outubro. As pessoas são governadas por Vênus e Lua.
2º decanato: 04 de Outubro a 14 de Outubro. As pessoas são governadas por Vênus e Saturno.
3º decanato: 15 de Outubro a 23 de Outubro. As pessoas são governadas por Vênus e Júpiter.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 19- Decanatos e planetas de 24/10 a 21/11

Para os nascidos entre 24 de Outubro e 21 de Novembro, Casa VIII (Odu Okaran): casa relacionada com a renovação. <i>Signo regido por Marte.</i>
1º decanato: 24 de Outubro a 3 de Novembro. As pessoas são governadas duplamente por Marte.
2º decanato: 04 de Novembro a 13 de Novembro. As pessoas são governadas por Marte e Sol.
3º decanato: 14 de Novembro a 22 de Novembro. As pessoas são governadas por Marte e por Vênus.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 20- Decanatos e planetas de 22/11 a 21/12

Para os nascidos entre 22 de Novembro e 21 de Dezembro, Casa IX (Odu Etaogundá): casa das viagens, da liberdade, do desconhecido, da crença e filosofia de vida. <i>Signo regido por Júpiter.</i>
1º decanato: 23 de Novembro a 2 de Dezembro. As pessoas são governadas por Júpiter e Mercúrio.
2º decanato: 03 de Dezembro a 12 de Dezembro. As pessoas são governadas por Júpiter e Lua.
3º decanato: 13 de Dezembro a 21 de Dezembro. As pessoas são governadas por Júpiter e Saturno.

Fonte: elaboração do autor.

Quadro 21- Decanatos e planetas de 22/12 a 19/01

Para os nascidos entre 22 de Dezembro e 19 de Janeiro, Morada X (Odu Osá): Casa que representa o sucesso, as honras e a ambição.

Signo regido por Saturno.

1° decanato: 22 de Dezembro a 2 de Janeiro. As pessoas são governadas por Júpiter.

2° decanato: 3 de Janeiro a 11 de Janeiro. As pessoas são governadas por Marte.

3° decanato: 12 de Janeiro a 20 de Janeiro. As pessoas são governadas por Saturno e Urano.

Fonte: elaboração do autor.

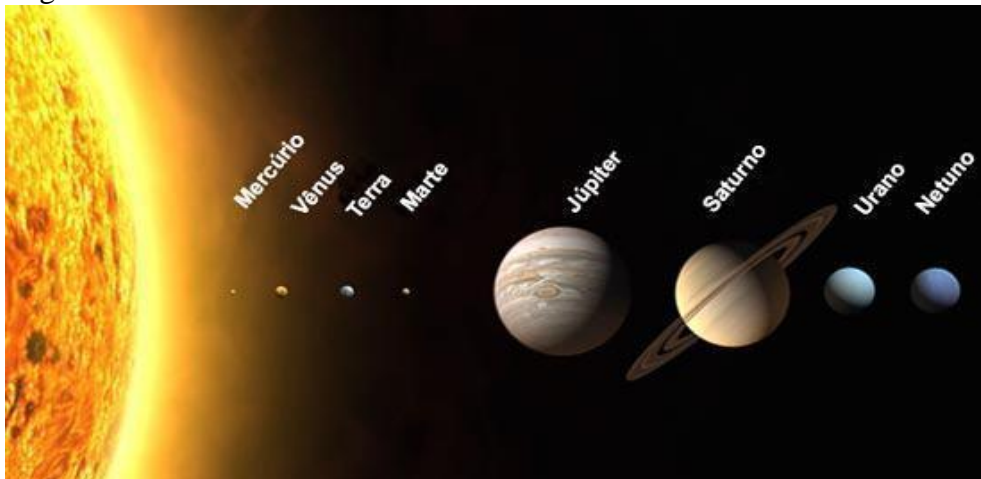
3.2 Aplicando e entendendo os princípios do método

De acordo com a data que a pessoa nasceu que foi dia 21 de Abril, podemos verificar que a pessoa sofre influência dos planetas Vênus e Mercúrio. Apresento na lista abaixo a referência numérica para cada planeta, pois esta referência numérica de um ou dois planetas será necessária para os cálculos. As referências numéricas estão de acordo com os quadrados mágicos apresentados na seção 3 (Quadro 2 a 9).

Seguem as referências numéricas:

- a) *Lua*: n° 9;
- b) *Mercúrio*: n° 8;
- c) *Vênus*: n° 4;
- d) *Sol*: n° 3;
- e) *Marte*: n° 2;
- f) *Júpiter*: n° 7;
- g) *Saturno*: n° 6.

Figura 4: Planetas



Fonte: Estudo Kids.

De posse dos planetas regentes da pessoa em questão (Ângelo Duarte Silvino), observamos as referências numéricas, e o planeta Vênus é representado pelo número quatro e o planeta Mercúrio pelo número oito. Devemos incluir este número à soma do nome, mês e ano da pessoa em questão. No caso, como temos dois planetas, a pessoa gerará quatro somas distintas, caso fosse um planeta, seria duas somas distintas.

Aplicando o método para identificarmos o número referente ao Omo Odu de caminho, temos: $(6+6+7) + (3) + (4) = 26 + (4) \text{ de Vênus} = 30$

Aplicando o método para identificarmos o número referente ao Omo Odu da Ancestralidade, temos: $(6+6+7) = 19 + (4) \text{ de Vênus} = 23$

Aplicando o método para identificarmos o número referente ao Omo Odu de caminho, temos: $(6+6+7) + (3) + (4) = 26 + (8) \text{ de Mercúrio} = 34$

Aplicando o método para identificarmos o número referente ao Omo Odu da Ancestralidade, temos: $(6+6+7) = 19 + (8) \text{ de Mercúrio} = 27$

Assim, temos quatro resultados obtidos; dois referentes ao Omo Odu de caminho e dois referentes ao Omo Odu de ancestralidade. Obtivemos como resultado da soma os números 30 e 34 para Omo Odu de caminho e 23 e 27 para Omo Odus da Ancestralidade. Como regra, nós temos que somar individualmente todo número acima de dezesseis (16), e no caso apresentado todos são. Executando a soma, teremos: Omo Odu do caminho 30 ficará $3 + 0 = 3$, Omo Odu do caminho 34 ficará $3 + 4 = 7$ // Omo Odu da Ancestralidade 23 ficará $2 + 3 = 5$, Omo Odu da Ancestralidade $2 + 7 = 9$. Os resultados de somas obtidos serão finais. Devemos agora observar abaixo a referência numérica para cada Omo Odu e o seu respectivo nome:

$N^{\circ} 1 = \text{Omo Odu Ejiogbe}$, $N^{\circ} 2 = \text{Omo Odu Oyeku}$, $N^{\circ} 3 = \text{Omo Odu Wiori}$, $N^{\circ} 4 = \text{Omo Odu Odí}$, $N^{\circ} 5 = \text{Omo Odu Írò̀ssun}$, $N^{\circ} 6 = \text{Omo Odu Ò̀wò̀rìn}$, $N^{\circ} 7 = \text{Omo Odu Obà́rá}$, $N^{\circ} 8 = \text{Omo Odu Ò̀kà̀ràn}$, $N^{\circ} 9 = \text{Omo Odu Etaogundá}$, $N^{\circ} 10 = \text{Omo Odu Osá}$, $N^{\circ} 11 = \text{Omo Odú Iká}$, $N^{\circ} 12 = \text{Omo Odu Ejiokô}$, $N^{\circ} 13 = \text{Omo Odu Oseturá}$, $N^{\circ} 14 = \text{Omo Odu Obeogundá}$, $N^{\circ} 15 = \text{Omo Odu Osé}$ e $N^{\circ} 16 = \text{Omo Odu Ofun}$.

Os Omo Odus serão de suma importância para o entendimento de todo este processo e, para tanto, é necessário que se compreenda como eles são formados e como são representados através de ideogramas elementais.

Toda representação simbólica dos Odus, assim como sua tradição, é filogênica, mas com extrema importância no desenvolvimento e entendimento do raciocínio humano, uma vez que raciocinamos binário; é também a estrutura de base sólida do pensamento

filosófico africano. Abaixo temos os princípios simbólicos do pensamento que nascem de dois sinais verticais ou um sinal vertical, seguem:

Figura 5 - Ideograma elemental



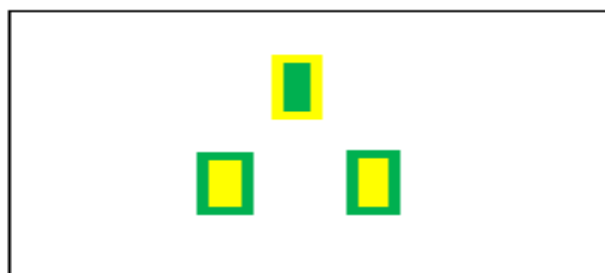
Fonte: elaborada pelo autor.

Um único sinal vertical representa a expansividade e dois sinais paralelos e verticais representam a contração. O símbolo (ideograma) ímpar é decodificado como aquele que se remete a energia criadora aplicada como energia fecundadora, e a mesma poderá ser simbolizada como masculina, que assume o caráter expansivo. O símbolo (ideograma) par é decodificado como aquele que se remete a energia geradora, ou seja, aquela que foi fecundada gerará o corpo para a vida poder habitar e representa a contração. É importante dizer que o sexo é somente figurativo nessa interpretação a fim de entendermos os princípios da filosofia de *Ifá*, pois a questão transcende gênero.

Seguindo a interpretação dos sinais, informo que o símbolo ímpar (masculino) se refere a dois elementos da natureza identificados como ar e fogo.

Os elementos assumem significados que serão as bases do pensamento, ou seja, os princípios do pensamento filosófico, e começando pelo elemento ar podemos dizer que ele significa o pensamento, o intelecto racional lógico e subjetivo ligado à busca pela evolução, o futuro e o planejamento do mesmo. É representado simbolicamente por um elemento ímpar sobre o par, sendo considerado masculino, porque o elemento ímpar sobrepõe o par. Segue abaixo a figura simbólica (ideograma) do elemento ar:

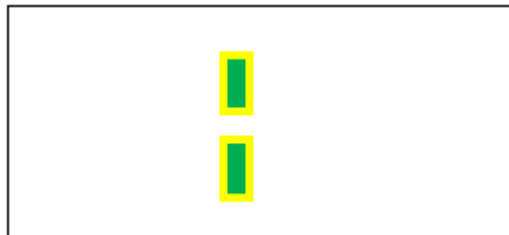
Figura 6 - Ideograma do ar



Fonte: elaborada pelo autor.

O segundo elemento masculino é o fogo, representado pelo elemento ímpar sobre ímpar e significa a vontade, o envolvimento, a transformação e a manifestação do destino pessoal. Tanto o elemento ar como o fogo inspira o caráter expansivo na humanidade. Segue abaixo a representação simbólica do fogo:

Figura 7 - Ideograma do fogo



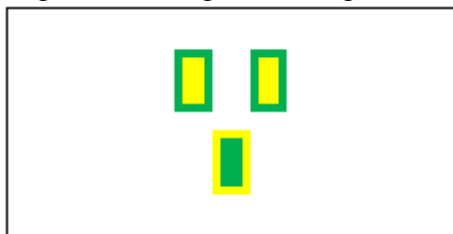
Fonte: elaborada pelo autor.

O símbolo par (feminino) se refere a também dois elementos da natureza, que são conhecidos como água e terra; que remete, como dito antes, ao significado de contração (retenção, ligação e hereditariedade).

O elemento água tem seu significado atrelado ao lugar onde se iniciou a vida, que de acordo com a tradição africana foi no útero e no mar. Seu significado está ligado à formação da matéria como parte do que a compõe e se repõe a fim de manter a vida; também está atrelado à lua como o signo da noite que influencia diretamente os corpos femininos e as marés altas e baixas, ou seja, é o elemento que assume papel agregador na filosofia do *Ifá*, pois a mesma sofre influências da pressão atmosférica, assim como nós.

Segue abaixo o símbolo ou ideograma do elemento água como sendo feminino pelo fato de ser o elemento para sobrepor o elemento ímpar.

Figura 8 - Ideograma da água

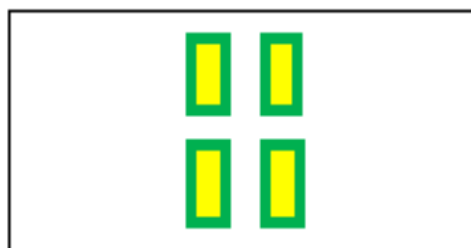


Fonte: elaborada pelo autor.

Como último elemento “par” a terra tem significado simbólico feminino como elemento que nos une (o coletivo) e para onde voltamos, representa a necessidade de voltar, reciclar e até mesmo de nos tornarmos o alimento para outros que voltarão para ela; é

necessário voltar para renascer ou para outro renascer (a terra o alimenta para a vida e você a alimenta com sua morte). Seguimos com a ilustração abaixo do símbolo do elemento Terra.

Figura 9- Ideograma da terra



Fonte: elaborada pelo autor.

Sabemos agora como é a simbologia dos quatro elementos e seus significados, mas ainda não sabemos como surgem os princípios de pensamentos; daqui em diante por meio destes símbolos apresentados farei comparações aos pares que se tornam a chave do pensar filosófico.

Os elementos aqui apresentados (terra, fogo, água e ar) na forma de ideogramas é nada mais e nada menos que o princípio do raciocínio interdisciplinar. A concepção desta forma de raciocínio se dá por comparação e identificação. Sugere esta base de raciocínio que ao se unir um ideograma de um elemento com outro elemento tem-se o que chamamos de Odus, e a mesma combinação de dois elementos também sugere duas formas de sobreposição ao serem alternadas. Um exemplo pode ser: terra sobre fogo apresenta a outra possibilidade de ser o inverso fogo sobre terra.

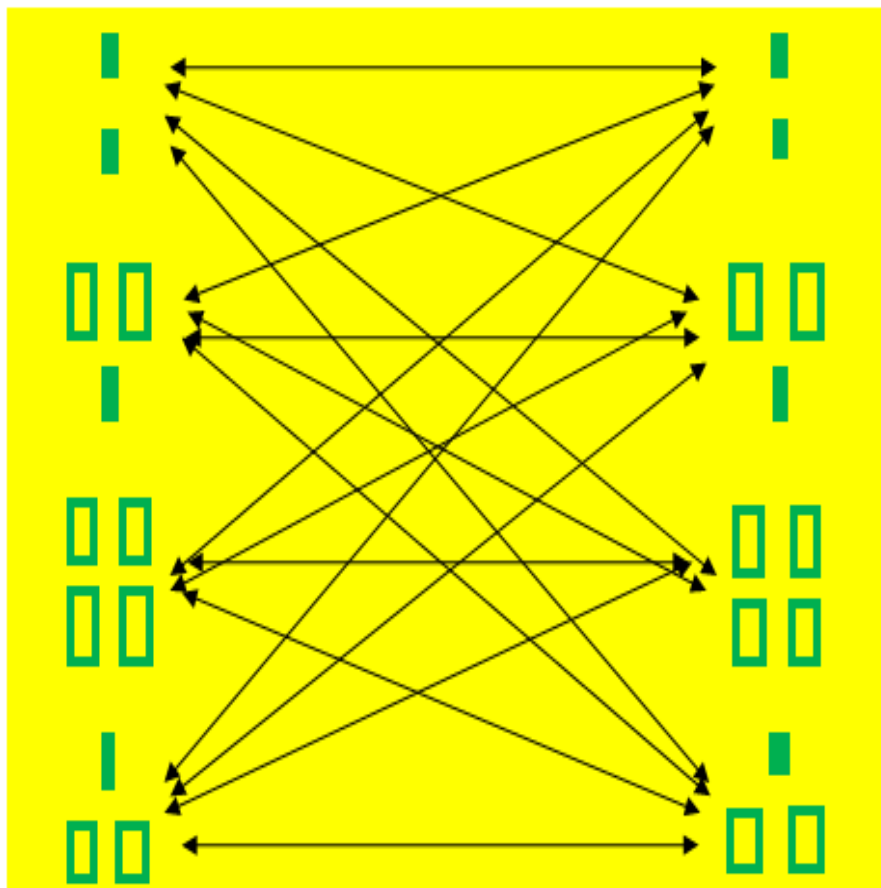
Percebe-se no exemplo acima que existem probabilidades quando juntamos dois elementos. Esta forma de análise, comparação e identificação viabiliza possíveis probabilidades de pensamentos e associações. Os pensamentos buscam o entendimento que, por sua vez, acontece em virtude do contexto de significado que abrange cada elemento. Cada elemento quando associado com outro gera um significado enquanto que o inverso dele gera outro significado. Trata-se de uma forma diversa de comparações e probabilidades, que detém peculiaridades diversas, mas não são totalmente distintas, porque às vezes um exato elemento se repete em outra combinação com outro elemento.

Isto pode ser chamado de padrões de pensamento binário, que se traduz como forma interdisciplinar de como o cérebro entende para poder apreender o conhecimento. E o que encontramos de epistêmico e cognitivo na *tradição do Ifá* é justamente como se traça o caminho do conhecimento efetivo, porque auxilia o ser humano a fazer memória.

Até aqui tratei somente de princípios que buscarei inserir como caminho epistemológico para facilitar a absorção, interpretação por comparação dos conhecimentos que poderiam ser passados como distintos dentro de uma escola de base. Entendo que o caminho para a interdisciplinaridade na formação das crianças possa ser desenvolvido de meios pedagógicos de interação que possibilite a interação da criança com as bases de cada disciplina futura, de modo que haja a possibilidade de comparação e identificação. Conseqüentemente, é necessário viabilizar o entendimento e o aprendizado de forma indutiva e dedutiva para que o cérebro desenvolva as suas potencialidades e habilidades.

Abaixo segue o quadro com os quatro elementos formados por ideogramas representados binariamente, onde poderemos encadear 16 possibilidades de sobreposições atendendo a posições das setas nas posições vice-versa, ou seja, indo e voltando.





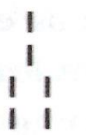
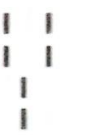


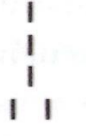



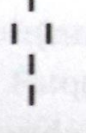
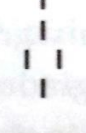
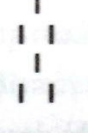
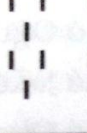
Figura 10 - 16 Ideogramas



Fonte: elaborada pelo autor.

A partir do quadro acima podemos fazer a sobreposição dos elementais para formar o ideograma representativo de cada Omo Odu. Segue abaixo as sobreposições representativas para cada um dos 16 Omo Odus:

Figura 11 – Os ideogramas dos Odus

1 – Ejiogbe 	2 – Oyeku Meji 	3 – Iwori Meji 	4 – Odi Meji 
5 – Irosun Meji 	6 – Owónrin Meji 	7 – Obara Meji 	8 – Okanran Meji 
9 – Ogunda Meji 	10 – Osa Meji 	11 – Iká Neji 	12 – Oturukpon Meji 
13 – Otura Meji 	14 – Irete Meji 	15 – Oxe Meji 	16 – Ofun Meji 

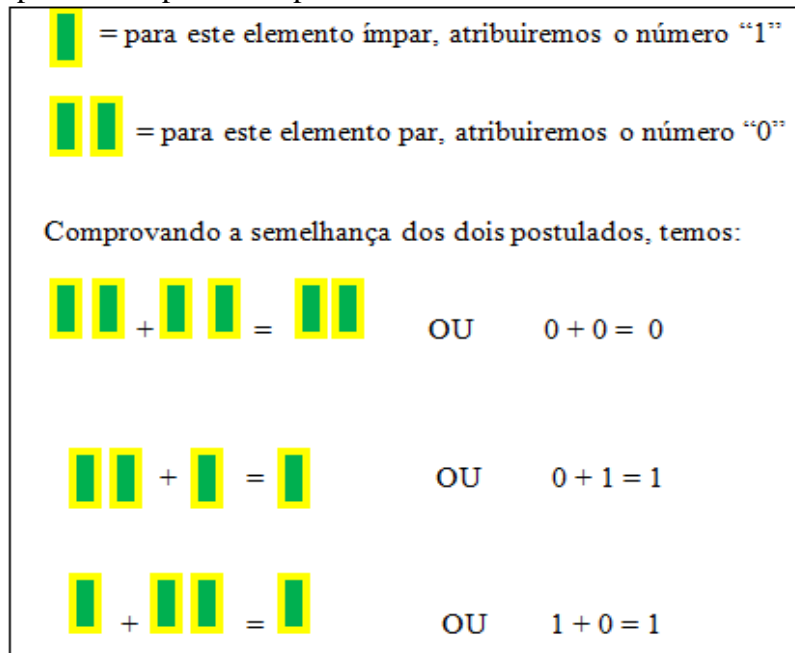
Fonte: elaborada pelo autor.

A seguir, aplicando a regra para a descoberta dos Omo Odus não poderia deixar de enfatizar que o africano da *tradição do Ifá* há aproximadamente seis mil anos já era detentor dos conhecimentos da lógica binária, ele mesmo é detentor do postulado da adição conhecida hoje em dia como postulado da adição de Boole (álgebra Booleana). As constantes Booleanas 0 (Zero) e 1 (um) são conhecidas hoje em dia como a estrutura do “Bit”, de onde nasce toda estrutura e forma como o computador raciocina. O mesmo postulado dentro da tradição da tradição do *Ifá* não é usado para simplificar circuitos digitais e sim “foi implementado” para compor um terceiro Odu derivado de dois outros Omo Odus.

Na tradição africana existe a visão lógica diferente da visão lógica por números, a visão lógica africana se aplica através dos ideogramas elementais, explicados nesta seção. Para posterior entendimento explicarei como funciona este processo.

De acordo com a explicação da Figura 5, um único sinal na posição vertical deve ser adotado como um elemento masculino ou ímpar e dois sinais paralelos na posição vertical que deverá ser adotado como um único elemento feminino ou par. Adotarei para fazer a devida equiparação dos postulados o critério par e ímpar. Segue abaixo a representação dos mesmos:

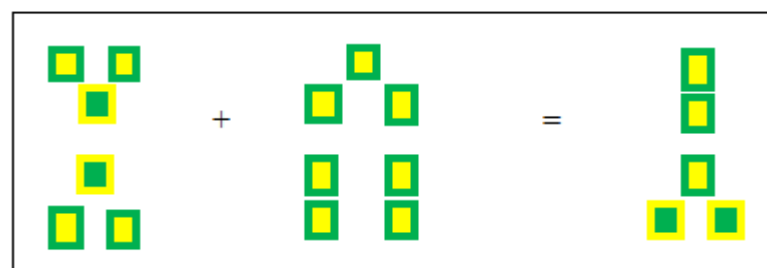
Figura 12- Ideogramas formadores de Omo Odus para os postulados pares e ímpares



Fonte: elaborada pelo autor.

Entendido o postulado para adição, passaremos a compreender como ocorre o processo de soma dos elementais formadores dos Omo Odus. Neste caso tem-se a formação de um terceiro Omo Odu. Trazendo para o exemplo a ser dado o nome analisado anteriormente de (Ângelo Duarte Silvino), observamos como resultado numérico final para o caminho da pessoa em questão o número 3 e o número 7 e, conseqüentemente, observando a Figura 11- Os ideogramas dos Odus, apresento a referência para o número de caminho (Nº 3 = Omo Odu Wiori), que esta na figura 11 como Iwori Meji (duplo) e para o número do caminho (Nº 7 = Omo Odu Obárá), que esta na figura 11 como Obará Meji (duplo). Abaixo estão dispostos os ideogramas dos dois Omo Odus citados somados formando um terceiro Omo Odu.

Figura 13- Ideogramas dos Omo Odus gerando Omo Odu Etaondá



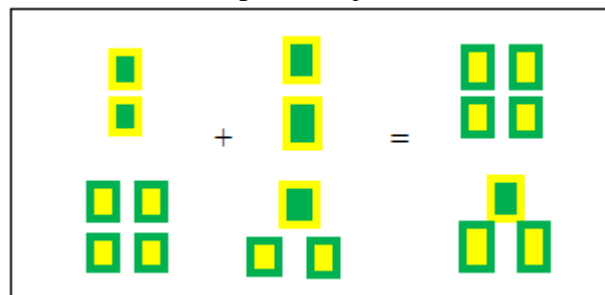
Fonte: elaborada pelo autor.

Observando os ideogramas notam-se as figuras somadas acima gerando os postulados da adição de Boole. Segue abaixo como estão representadas as constantes “0” (zero) e “1” (um), sendo somados para os respectivos ideogramas acima.

- a) $(0 + 1 = 1)$ Para um elemento par somado com um elemento ímpar temos a constante “1” e um resultado ímpar;
- b) $(1 + 0 = 1)$ Para um elemento ímpar somado com um elemento par temos a constante “1” e um resultado ímpar;
- c) $(1 + 1 = 0)$ Para um elemento ímpar somado com um elemento par temos a constante “0” e um resultado par;
- d) $(0 + 0 = 0)$ Para um elemento par somado com outro elemento par temos a constante ‘0’ e um resultado par.

Continuando a análise para Ângelo Duarte Silvino, efetua-se a soma dos elementais formadores do terceiro Omo Odu. Observamos anteriormente como resultado numérico final para a ancestralidade da pessoa em questão o número 5 e o número 9 e conseqüentemente observando a Figura 2- Ideogramas dos Odus, temos as referências de nomes para cada um; na mesma página encontramos a referência para o número de ancestralidade (Nº 5 = Omo Odu Íoròssun), seguido do nome do Omo Odu e devido ideograma elemental, também encontramos o outro número da ancestralidade (Nº 9 = Omo Odu Etaogundá), seguido do nome do Omo Odu e seu devido ideograma elemental. Abaixo estão dispostos os ideogramas dois Omo Odus, citados somados formando um terceiro Omo Odu.

Figura 14- Ideograma dos Omo Odu gerando Omo odus Oturukpon ou Ejiokô



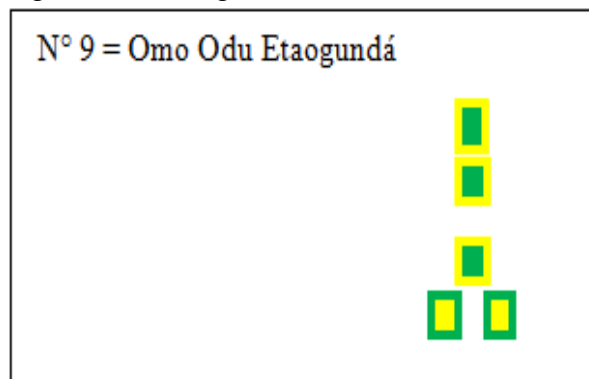
Fonte: elaborada pelo autor.

Observem nos ideogramas as figuras somadas acima gerando os postulados da adição de Boole. Segue abaixo como estão representadas as constantes “0” (zero) e “1” (um), sendo somadas para os respectivos ideogramas acima.

- a) $(1 + 1 = 1)$ Para um elemento ímpar somado a ele mesmo temos a constante “1” e um resultado par;
- b) $(1 + 1 = 0)$ Para um elemento ímpar somado a ele mesmo temos a constante “0” e um resultado par;
- c) $(0 + 1 = 1)$ Para um elemento par somado com um elemento ímpar temos a constante “1” e um resultado ímpar;
- d) $(0 + 0 = 0)$ Para um elemento par somado com outro elemento par temos a constante ‘0’ e um resultado par.

Após as descobertas do Omo Odu do caminho identifica-se através do ideograma que se formou qual é o seu nome. Neste caso, ao fazer a observação encontra-se na figura 11- ideograma dos Odus, o mesmo ideograma, apresenta o respectivo número de referência e nome Ogunda Meji que seria o mesmo Odu Etaogunda de forma dupla (meji):

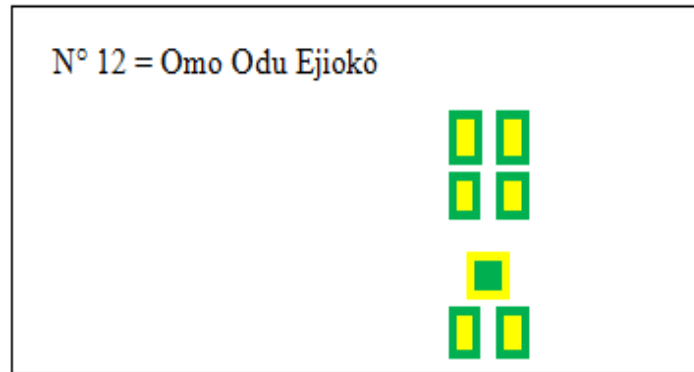
Figura 15- Ideograma do Omo Odu
Ogundá ou Etaogunda



Fonte: elaborada pelo autor.

O Omo Odu de ancestralidade será identificado através do terceiro ideograma dos cálculos dos números da ancestralidade que se formou, “qual o seu nome neste caso”. Ao observar a Figura 11- ideograma dos Odus encontrar-se-á o mesmo ideograma, seu respectivo número de referência e nome Oturukpon outro nome ao Odu Ejiokô, também na figura aparecerá duplo ideograma (meji), mas com ideograma idêntico como está abaixo:

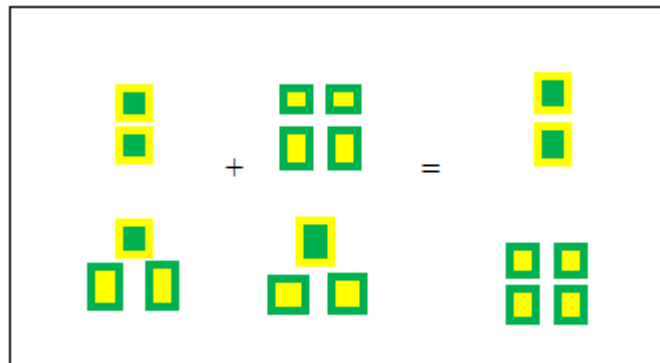
Figura 16- Ideograma do Omu Odu Oturukpon ou Ejiokô



Fonte: elaborada pelo autor.

Agora vem a última etapa de formação de ideogramas dos Omo Odus, denominada de “colo¹⁵”. Nesta fase, o objetivo é descobrir através da soma do terceiro ideograma para o “caminho” (Nº 9 = Omo Odu Etaogundá) somado ao terceiro ideograma para a “ancestralidade” (Nº 12 = Omo Odu Ejiokô) quem será (=) o terceiro ideograma “colo”. Seguindo o mesmo processo da adição em utilizado até aqui, será feita a seguir a soma dos ideogramas comentados neste parágrafo:

Figura 17- Soma de Ideogramas de Omo Odu gerando o terceiro Omo Odu Iorossun



Fonte: elaborada pelo autor.

Nota-se nos ideogramas as figuras somadas acima gerando os postulados da adição de Boole.

Segue abaixo como estão representadas as constantes “0” (zero) e “1” (um), sendo somadas para os respectivos ideogramas acima.

¹⁵ Colo: refere-se aos desejos, vontades de cada ser humano e como relacionamos sentimentalmente ou emocionalmente com tudo a nossa volta “o coração” é também a memória formada nesta vida conhecida dentro da tradição afrodescendente como alma.

- a) $(1 + 0 = 1)$ Para um elemento ímpar somado com um elemento par temos a constante “1” e um resultado ímpar.
- b) $(1 + 0 = 1)$ Para um elemento ímpar somado com um elemento par temos a constante “1” e um resultado ímpar.
- c) $(1 + 1 = 0)$ Para um elemento par somado com outro elemento par temos a constante ‘0’ e um resultado par.
- d) $(0 + 0 = 0)$ Para um elemento par somado com outro elemento par temos a constante ‘0’ e um resultado par.

Assim, fica claro que o terceiro ideograma do Omo Odu do “colo”, resultado da soma do par de terceiros ideogramas resultantes do caminho e ancestralidade, é um Omo Odu que foi usado para a soma referente à ancestralidade (N° 5 = Omo Odu Íoròssun). Logo, o terceiro Omo Odu não foi gerado, mas é preponderante, o que está sendo dito não é a regra geral para o terceiro Omo Odu do “colo”, mas, sim, uma forma de estabelecer o conceito preponderante e gerado. O preponderante será qualquer um dos Omo Odu que foram presentes na soma e por consequência das somas sejam distintas ou não aparecem como gerados, ou seja, o terceiro elemental ou produto da soma.

É importante dizer que um elemental preponderante pode ocorrer em outra situação que não a mesma apresentada acima. Para tanto segue o seguinte postulado:

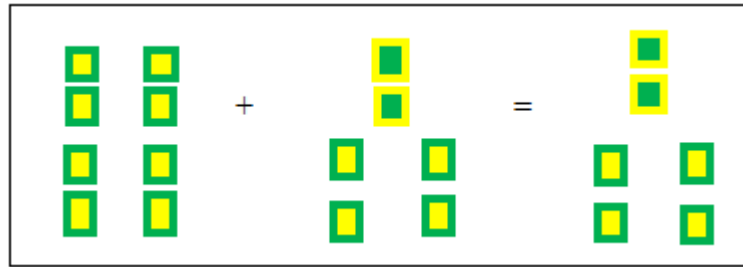
- a) $(0 + 1 = 1)$ desde que o elemento par (zero) esteja à esquerda o elemento ímpar a sua direita gerará (=) o mesmo elemento da direita (1) do elemento par.
- b) $(0 + 0 = 0)$ desde que o elemento par (zero) esteja à esquerda o elemento par a sua direita gerará (=) o mesmo elemento da direita (0) do elemento par.

Nesse sentido, faço uma observação: o processo no qual este postulado também é possível para formar um elemental preponderante podemos chamar de “espelho fixo a esquerda”. O mesmo sempre será assinalado pela presença fixa à esquerda de um valor par para a soma. Segue abaixo o exemplo em ideograma elemental.

N° 2 = Omo Odu Oyeku e seus respectivos postulados:

- a) O espelho fixo servirá como um espelho para qualquer de ideograma elemental.
- b) Qualquer elemento somado ao espelho fixo resultará no próprio reflexo.

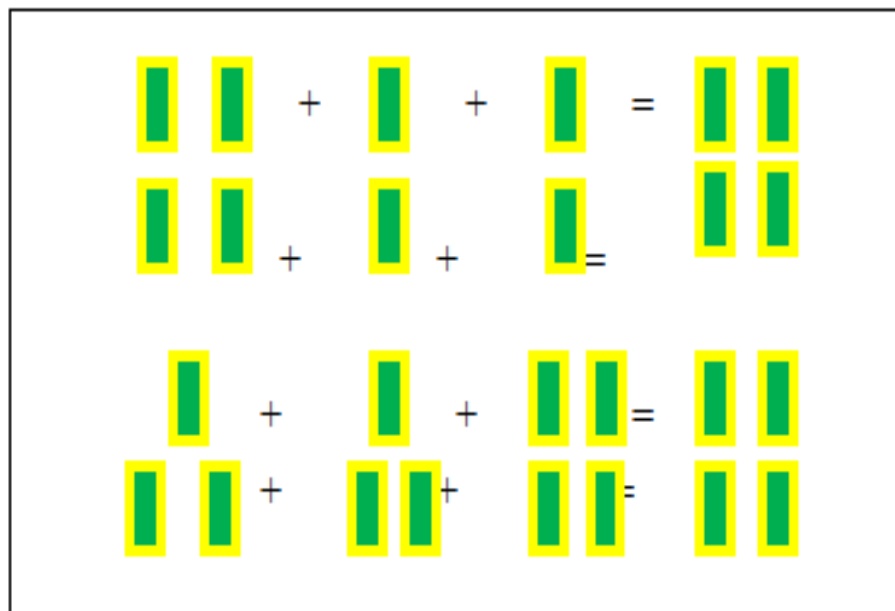
Figura 18- Ideograma (Omo Odu Oyeku) gerador do reflexo do Omo Odu Iorossun



Fonte: elaborada pelo autor.

Logo, estes postulados com suas respectivas “premissas” permitem dizer uma “verdade” afirmativa, que os três ideogramas gerados e somados (caminho, ancestralidade e colo) gerará o seu próprio reflexo, ou seja, o seu próprio espelho. Dentro deste princípio, postulo: basta que exista matéria (em movimento ou inerte) para que haja reflexo. Pode-se dizer que deste princípio, que somente é verdade o que habita um corpo, podemos dizer que o que detém reflexo, porém inerte é, portanto, sem alma e o que detém reflexo e tem movimento tem alma (vida). Segue o exemplo:

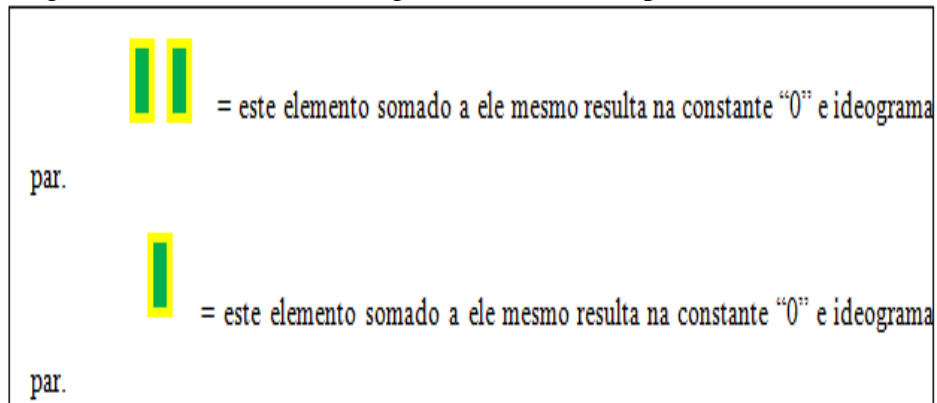
Figura 19- Soma dos ideogramas de Omo Odus gerando o Omu Odu reflexo de comprovação



Fonte: elaborada pelo autor.

Para este postulado do princípio verdade que três ideogramas geram o reflexo (espelho), deve-se observar a seguinte regra:

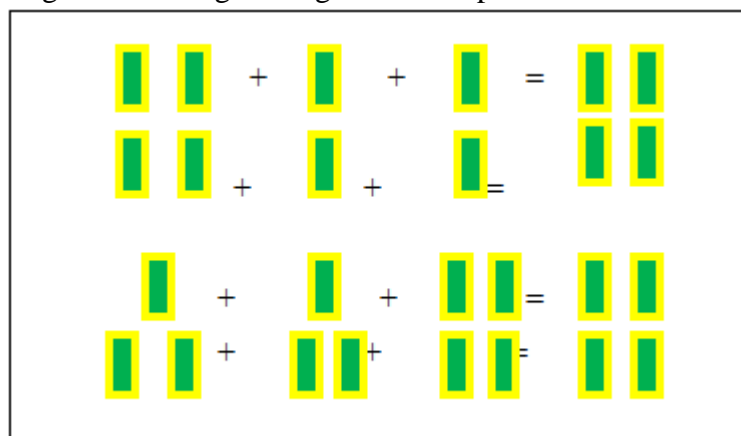
Figura 20- Postulado do ideograma reflexo do espelho



Fonte: elaborada pelo autor.

Aplicando a regra para os três ideogramas gerados e formadores do espelho reflexo, deve-se somar cada sinal vertical na linha horizontal e cada uma das linhas deve resultar em um sinal par a fim de se constituir o espelho reflexo. Este processo deve-se a uma simplificação que deve resultar em quatro sinais ou oito sinais verticais para todas as quatro linhas de forma que se exprima como resultante um único sinal par simplificado do número par oito ou quatro ($8 \text{ OU } 4 = 2$) também ($8 \text{ AND } 4 = 2$) para todas linhas interpretadas na horizontal.

Figura 21- Ideogramas gerando o espelho reflexo



Fonte: elaborada pelo autor.

Para este postulado do princípio verdade que três ideogramas geram o reflexo (espelho), a regra do espelho fixo deve ser aplicada. Segue:

- a) $(0 + 1 = 1)$ desde que o elemento par (zero) esteja à esquerda o elemento ímpar a sua direita gerará (=) o mesmo elemento da direita (1) do elemento par.

b) $(0 + 0 = 0)$ desde que o elemento par (zero) esteja à esquerda o elemento par a sua direita gerará $(=)$ o mesmo elemento da direita (0) do elemento par.

Também devemos aceitar as seguintes regras postuladas que seguem:

c) $(1 + 1 = 0)$ Para um elemento ímpar somado a ele mesmo temos a constante "0" e um resultado par

d) $(0 + 0 = 0)$ Para um elemento par somado com outro elemento par temos a constante '0' e um resultado par.

Somente quando não se aplicar nenhuma das regras postuladas acima é que devemos aplicar as duas regras postuladas abaixo.

e) $(1 + 0 = 1)$ Para um elemento ímpar somado com um elemento par temos a constante "1" e um resultado ímpar.

f) $(1 + 0 = 1)$ Para um elemento ímpar somado com um elemento par temos a constante "1" e um resultado ímpar.

A cada soma dos três elementais podem ser combinadas duas regras postuladas. Desta forma é que se consegue formar o espelho e seu reflexo. Segue o processo de soma, de acordo com os postulados combinados para os elementais formadores do espelho.

3.3 Retomada aos aspectos filosóficos da personalidade humana, em virtude do que foi determinado¹⁶

A morada em algarismos romanos está relacionada a cada Odu, indicando os decanatos e os planetas. Também é a base da conhecida astrologia, e com os mesmos significados, a mesma é produto da Geomancia que é de suma importância para o divinizador se orientar sobre a análise de qualquer consulente. Na astrologia são conhecidas doze casas ou moradas e demais moradas, como a morada treze, quatorze, quinze e dezesseis, como o passado, futuro, presente e o juízo.

Somos regidos pelo espírito (a ancestralidade, a memória, o código genético), conduzidos pela alma e destinados a um caminho, e para melhor entendimento pode-se definir tudo como:

¹⁶ Sobre a retomada aos aspectos filosóficos da personalidade humana, em virtude do que foi determinado: se trata de um ensaio em virtude do que me foi passado de boca a ouvido vindo dos meus ancestrais para isto foram abordados os princípios da geomancia astrológica de Franz Hartman e dos Odus os conhecimentos estes herdados, contamos para tanto também com as Obras de Dafa (um poderoso sistema para ouvir a voz do criador ensinamentos de Bologun Awolu Onisegun Ifase de Ode Remo-Nigéria).

a) *Ancestralidade: o que te rege; e está diretamente ligada à razão e a lógica por detrás de nossas ações.*

b) *Alma ou colo: é o caminho dos nossos desejos e sentimentos; é o gênio para todos os fins atrelados à nossa vontade.*

Caminho é o que temos por missão e independente do desejo e da razão por detrás de tudo que acontece na vida de cada um temos que aceitar, ou seja, estamos condicionados.

O caráter, a personalidade e a filosofia de vida que está atrelada ao Odu do espírito, da alma e do caminho e o bem-estar de cada um estão vinculados a como cada um lida com os presságios atraídos por cada um, de acordo com a Lei da afinidade, ou seja, posturas negativas tendem a atrair coisas negativas, posturas positivas atraem coisas positivas.

Ao ler e observar em qual lugar tal Odu habita em si (Espírito, alma ou missão) é preciso se atentar às observações inerentes à razão e à lógica, ao sentimento e ao desejo, à missão, de acordo com cada lugar que os mesmos ocupam, pois se o Odu ocupa a alma não tem como influenciar a razão e vice-versa; uma vez que o sentimento e o desejo são coisas distintas cada Odu determinado para cada pessoa vai influenciar onde ele está atuando, seja no caminho, na alma ou na razão.

Abaixo segue as dezesseis moradas (casas) dos Odus correspondentes que nos descrevem a personalidade, caráter, comportamento e predisposições específicas para cada ser. Declaro que ao seguir este método para avaliação da pessoa a ser consultada é necessário observar que cada Odu varia o seu significado em relação à ancestralidade, colo e Caminho, citados anteriormente.

É importante dizer que o Odu que prevalecerá com mais afinidade com o consulente é o que habita o colo, isto se dá pelo fato deste ser o resumo do que marca a ancestralidade e o caminho da pessoa em questão. Portanto, ao usar este método para analisar, é essencial que se busque aprender as características pertinentes ao Odu do colo, principalmente se tratando de sentimentos e desejos. O Odu do caminho não exatamente influencia a pessoa em questão, mas trará pessoas com o perfil que é descrito por ele para convivência do dia a dia do consulente, marcando a vida da pessoa com acontecimentos bons ou ruins; subtende-se através dele que este Odu (caminho) é o grande provocador para que haja a evolução da pessoa, frente às dificuldades que encontrará. Este Odu irá contribuir para a forma como a pessoa raciocina (Odu da Ancestralidade), de modo que esta pessoa estruture ou reestruture o seu próprio caráter e personalidade frente à dificuldade. Dentro desta analogia, somos o resultado de como analisamos, convivemos e agimos. Neste aspecto, temos

como analisar a formação social o comportamento no indivíduo frente a ele mesmo e a relação com o coletivo.

3.3.1 *Odus*

Quadro 22- Okaran

Okaran
Refere-se à percepção humana de mundo como errada, incita a busca pela verdade.
Função: ensinar novas possibilidades e novas direções.
Órgãos onde atua: cartilagens, estrutura óssea, vértebras, articulações, bexiga, cotovelo, joelhos, pés, dentes, capacidade de pensar, estabilidade emocional.
Significado geral: representa a maldade do mundo e a mentira.
Doenças: nos ossos, nevralgias, obstruções uretrais e intestinais, degeneração dos tecidos e neurônios, dores de cabeça, impotência sexual, nervosismo, doenças venéreas, câncer, cáries, hipocondria, melancolia, paralisia, reumatismo, artrite, males do estômago, fraturas e suas complicações, dores nas costas e nos rins, cirurgias no ventre e aparelho urinário, impotência.
Profissões: sábios, padres, teólogos, inventores, filósofos, eremitas, alquimistas, astrólogos, arquitetos, agricultores, pedreiros, coveiros.
Tipo de constituição física: delgada, olhar tristonho, inteligência aguda, porém restrita.
Personalidade: representa coisas encadeadas, acontecimentos que se sucedem a partir do primeiro, são fogosos insaciáveis e não desistem até que consigam o que querem.
Particularidades: este Odu está sempre ligado à ideia do inevitável, sofrimento, desgraças, desgostos e angustias. Representa tudo que cai e desmorona, submerge, o declínio do sol, a noite que se aproxima, o sofrimento e a dor. Nele nascem as enfermidades contagiosas. É considerado o protetor e dispensador da oratória. Seus filhos são grandes oradores e convencem com a palavra.
Plano espiritual: o homem que se crê abandonado pelo céu e esquecido por todos, sozinho no fundo abismo.
Plano material: poços, fendas, fossas, abismos, avalanchas, desabamentos, esmagamentos.
Plano intelectual quando estão presentes como o Odu que rege o espírito a personalidade: espírito penetrante, perspicácia, interesse pelo oculto e pelas situações misteriosas, tendência a angustia.
Plano afetivo quando influencia o sentimento o Ego os desejos: período de solidão que causa depressão, frustração sexual e frieza.
Plano profissional: monges, mineiros, escavadores de poços e minas, pessoas dedicadas ao saber e à pesquisa, ocultistas sem finalidade espiritual.
Plano de saúde: depressões nervosas, anemia, paralisia, reumatismo, doenças da velhice.
Mensagem: aquele que perdeu o dinheiro não perdeu nada; aquele que perdeu o humor, perdeu algo; aquele que perdeu a coragem e a esperança, perdeu tudo.

Fonte: elaborada pelo autor.

Quadro 23- Ejioko (Oturukpon)

Ejioko (Oturukpon)
Não sentir ódio, nem distratar o outro.
Representa o segredo da criação da terra.
Ensina a obter riquezas.
Representa o sistema imune humano utilizado como um processo de purificação.
Refere-se à relação do homem com a natureza.
Refere-se à compreensão de uma doença em busca da cura.
Função criar a manutenção da saúde.
Caráter: cortês, afetuoso, passível, amável, sensual, liberal, inconstante, frívolo.
Órgãos onde atua: aparelho genital feminino, testículos, secreções sexuais, útero, seios, glândulas mamárias, tireoide, faringe, garganta, olfato, língua, humor, estado de espírito, temperatura do corpo e visão.
Doenças: cegueira, distúrbios dos órgãos sexuais femininos, uretrite, sífilis, blenorragia, distúrbios da gravidez, perda de alguns sentidos.
Profissões: todas as profissões que dependam da criatividade artística e intuitiva, dançarinos, comediantes, artesões, lapidadores, perfumistas, costureiros, prostitutas de alto luxo, possuem grande tendência ao curandeirismo e à medicina.
Dia da semana: sábado.
Influência no corpo: pode indicar inércia das atividades celulares ou das atividades fisiológicas, apatia dos órgãos e relaxamento patológico dos tecidos, representa a hesitação do ser diante da torrente dos instintos, é a fêmea que louca para se entregar, finge resistir à posse, é o desvanio, a vocação artística influenciada pelo sentimento, principalmente pelo amor.
Personalidade e caráter da pessoa deste Odu: as pessoas deste Odu são faladoras, alegres, felizes, confiantes, voluntariosas, geniosas, prepotentes, exigentes, tentam sempre impor sua vontade, desta maneira adquirem sempre inimigos declarados, tornando-se sofridas quando algo não sai como esperavam e aí fazem mexericos, criando grandes confusões, mas como possuem grande coração logo se arrependem do que fazem e procuram contornar a situação criada tentando reconquistar as amizades perdidas. As pessoas influenciadas por este Odu costumam ser afetuosas e gentis. O homem deste Odu apresenta características femininas se o Odu for da alma, tem gosto refinados, observam mínimos detalhes, buscando o puro e a harmonia, dotados de inteligência acima da média, são sedutores, mas passivos, são inconstante e serão eternos enquanto durar.
Plano espiritual: elevação do espírito por meio da renúncia aos bens materiais e terrenos. O homem voltado para Deus, aberto para sua influência.
Plano material: lugares isolados e calmos, como lagos, jardins e monastérios. Tudo o que é branco: animais, roupas e montanhas cobertas de neve.
Plano intelectual: juízo, ponderação, senso estético, tendência à reflexão, tolerância e prudência.
Plano afetivo: sem ressonância direta. Simboliza a castidade.
Plano ativo: pouca ressonância, já que a figura simboliza a calma. No máximo, resistência passiva para preservar a paz.
Plano profissional: profissões ligadas à arte ou à religião, quando voltadas para a espiritualidade; marchands, instrutores de ioga, de meditação.
Plano de saúde: problemas geniturinários e nos olhos, insuficiência respiratória.
Mensagem: neste momento de tranquilidade, é preciso recuperar as forças. Nada será conseguido se você não souber ouvir a voz da sabedoria.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 24- Etaogunda

Etaogunda
Simboliza: a ideia de limpeza de uma estrada ou o abrir de uma estrada.
Está associado à estrutura de organização de uma cidade e organização social.
Está associado com o progresso satisfação e destino.
Função: a remoção de obstáculos.
Caráter: enganador, egoísta, duro, cruel, imoral, hipócrita, ciumento, venal e dissimulado.
Comportamento: amoral ou imoral, falta do sentido do certo e do errado, os fins justificando os meios, as atitudes conduzem ao declínio.
Órgãos onde atua: no órgão sexual feminino exterior, nas nádegas e nas coxas.
Doenças: intoxicação, doenças venéreas, impotência, vaginite, frigidez, ereto mania, doenças respiratórias, aparelho digestivo, cansaço, dores no peito e nas pernas.
Dias da semana: 5° feira.
Profissões: espíões, segurança de casa noturna, detetives particulares, feiticeiros, cartomantes, vendedores de rifas, banqueiros de jogos de azar e funcionários de bancos.
Particularidades: este Odu apresenta com toda a força da Lei e da justiça, por ser ele o senhor das lutas e das batalhas. São dotados de uma inteligência muito grande utilizando-as astuciosamente para envolvem quem eles quiserem. Seus filhos são lutadores e perseverantes, não se deixam vencer e nem dobrar facilmente, são honestos, organizadores, exigentes e pontuais. Seu ponto fraco é ser ferido em seu orgulho. Podem ser o maior amigo ou o pior inimigo, para que seus objetivos sejam alcançados fazem uso de qualquer atitude. São pessoas radicais e olho por olho e dente por dente, são vítimas de injustiça.
No corpo humano: atua através de ações de fluidos destruidores que contribuem para a degeneração da matéria orgânica (fermentações, viroses, infecções, doenças venéreas, parasitárias, alcoolismo, invenções e perversões sexuais). Prenuncia: perigos, vícios, traições e discórdias.
Pressupõe: a utilização da inteligência de forma diabólica e astuta.
Caráter: cruel, natureza viciosa e voltada a pratica de atitudes perniciosas.
Conduta: podem se envolver com facilidade com todos os tipos de vícios, dos quais se tornam escravos.
No amor: são possessivos e cruéis, imorais, impiedosos, preocupando-se em exercer sobre o parceiro um domínio absoluto, tirano e irracional. É sério, organizado e viril. A mulher é muito sexy e extremamente fértil, tem aparência masculina e possui espírito de liderança.
Características físicas: corpo vigoroso e mal formado, desproporcional e pouco atrativo, musculatura exuberante, mas mal definida, feições, às vezes, duras.
Plano espiritual: dominação das forças negativas que agem sobre o bem e o destroem.
Plano material: grutas, subterrâneos, minas, pântanos, florestas selvagens e perigosas.
Plano intelectual: esperteza nefasta, falsidade, aconselhamento pernicioso que visa destruir e possibilitar o domínio do mal.
Plano afetivo: sexualidade, com toda espécie de perversão e as traições e conquistas que tem um único objetivo o domínio do mal.
Plano ativo: intensa atividade exterior, material, arrivismo (pessoa inescrupulosa, que quer vencer na vida a todo custo.), comportamento falso e interesseiro. Ambição material, avidez, sede de poder pelo poder.
Plano da saúde: doenças venéreas, infecções, toxicomania.
Mensagem: todo poder que está baseado em sentimentos negativos é ilusório. Evite-o, impedindo que a ira ou o rancor o dominem.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 25- Iorosun

Iorosun
Refere-se à reencarnação.
Representa o uso efetivo de herança e orientação da família; a tarde, o acaso e rege os metais.
Função: criar satisfação potencial.
Indica: vitória pelo esforço, conformação, trabalho que surge, início de uma nova empresa, peregrinação religiosa, conquistas de bens de pouco valor, mas que trazem satisfação, obtenção de recursos suficientes para satisfação, sorte no jogo.
Temperamento: colérico, audacioso, decidido, temerário e autoritário.
Comportamento: decidido, ambicioso, impetuoso, distante, egoísta, indiferente e realizador.
Profissões: chefes de estado, ministros, ditadores, escritores, célebres, administradores de grandes empresas, joalheiros, lapidadores, agiotas, financistas e conquistadores, chefes militares e todas as atividades que concedem poder.
Doenças: cardíacas, inflamações das vistas, inflamações cerebrais, coluna vertebral, inflamações intestinais e problemas circulatórios.
Pessoas deste Odu: costumam apresentar olhos vermelho e lacrimejantes, possuem qualidades e defeitos que resultam em coisas medíocres que lhe trazem satisfação. Costumam trazer os problemas de todos para si, mas não resolvem nem os seus problemas. Pessoas demasiadamente generosas e fazem da generosidade uma forma de ostentação em detrimento, às vezes, de coisas essenciais para a própria subsistência. Agem sem avaliar e pensar. A ambição é uma bússola e a indiferença por sua própria reputação resulta quase sempre em decepção. No amor porta-se de forma obstinada e decidida até que a conquista se realize, depois adota comportamento variado, mostrando por vezes caloroso e por vezes distante, por outra indiferente. Geralmente são pessoas felizes, satisfeitas com pouco ou com muito que lhe seja dado pela vida; embora permaneçam simpáticos, calorosos e animados, vivem sempre cercados de muita gente que não selecionam e nem distinguem, considerando a todos com muita igualdade. Por isto é sempre traída pelos amigos, portanto, deixam-se dominar pela cólera com muita facilidade, tornando-se agressivos.
Plano espiritual: sem ressonância espiritual.
Plano intelectual: espírito aberto, culto, mas superficial, autoridade, necessidade de convencer, espontaneidade, pouca reflexão.
Plano afetivo: afetos efêmeros, paixões devastadoras, instabilidade sentimental.
Plano ativo: realizações que requerem audácia, esperteza e até certo atrevimento; golpes, conquistas passageiras.
Mensagem: aproveite logo as chances que surgirem; não espere que durem para sempre.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 26- Osé

Osé
É a fonte de abundância e fertilidade no mundo. Está associado à água fresca. Diz que a abundância e fertilidade são resultados do uso adequado do poder da palavra.
Refere-se ao desejo erótico.
Refere-se às crianças como forma de riqueza.
Função: criar riquezas através das palavras.
Caráter: indeciso, suplicante, venal, inconstante, malfazejo, egoísta, injusto, egocêntrico, instável e enganoso. Comportamento muda constantemente. Variável segundo a situação presente, dispersivo, causando prodigalidade, evasão e desperdício.
Órgãos onde atua: sistema nervoso central, medula espinhal, plexo solar, sistema motor, músculos faciais, laringe, intestinos, encéfalo, vesícula biliar e articulações.

Doenças: nervosas, melancolia, paralisias locais ou gerais, falta de coordenação dos centros de comandos, problemas de medula, epilepsia, catalepsia, langor desesperado, desejos incontrolados, tendência ao suicídio, alucinações, visões, histeria, prisões de ventre, coração, sangue, pernas e estômago e, se for mulher, da barriga, dores de cabeça, dores nas vistas, operação de útero e ovários, traumatismos, lesões, fraturas e ferimentos de todas as espécies, doenças pulmonares.
Profissões: matemáticos, engenheiros, inventores, astrólogos, filósofos, pintores, comerciantes, cortesãs, escribas, escroques, falsários e jogadores.
Particularidades: os filhos deste Odu possuem cargo sacerdotal, o Dom da feitiçaria. Este Odu é muito negativo e perigoso, pois é aquele que invoca a ideia de quebrar, partir, fazer em pedaços. Pode, em raríssimas oportunidades, ser portador de riqueza e longevidade, dependendo de sua posição em relação aos outros Odu. É um Odu voltado para as perdas, os prejuízos, a dilapidação e o desperdício fora do controle. A influência deste Odu provoca a diminuição das energias, física e vital, predispondo o organismo debilitado e indefeso, a doenças, traumatismos, lesões, fraturas e ferimentos de todas as espécies. As pessoas deste Odu apresentam características singulares e discordantes. São pessoas um tanto quanto prosas, ambiciosas, perigosas em tudo, e muito mais no amor. Pensam em grandes lucros sendo precipitadas na maneira de agir, podendo perder grandes oportunidades, pois sempre existe um inimigo oculto tentando combater com grandes esforços as pessoas deste Odu. Contudo, consegue vencer a luta e em pouco tempo se equilibram obtendo a realização de seus desejos. Possuem caráter inconstante, instável e egoísta, agindo de forma inesperada e decepcionante. São em geral pessoas simpáticas e envolventes, sempre prontas a ajudar com iniciativa própria, o que as torna solicitadas e queridas por todos e mesmo quando revelam seu verdadeiro caráter, não chegam a ser detestadas, conseguindo manter o bom relacionamento com as pessoas que a tenham prejudicado de alguma forma. São dotadas de inteligência intuitiva que sabem utilizar para dar o bote no momento certo, costumam conduzir-se diplomaticamente até que seus objetivos sejam atingidos. Desprovidos de um correto sentido de moral em relação ao dinheiro, não podem ser consideradas desonestas quando se apropriam de coisas ou valores que não lhes pertençam por direito, pois da mesma forma que lançam mão do que é dos outros, importam-se muito pouco quando alguém age da mesma forma, apropriando-se do que lhes pertence. No amor, entregam-se com intensidade, mas mudam de amores com muita facilidade, amando com sinceridade, enquanto dure seu interesse pelo ser amado.
Plano espiritual: dissolução das energias.
Plano material: locais onde reina a pobreza, como favelas, bairros miseráveis, terras estéreis, ruínas. As intempéries.
Mensagem: não se deve ir longe demais à busca da realização de um desejo. É melhor parar antes que seja tarde.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 27- Obará

Obará
É considerado a inteligência na Terra e representa a sabedoria.
Significa força e espírito de força.
Refere-se a enfrentar a realidade.
Função: criar a transformação interior.
Símbolo: pirâmide.
Caráter: altivo, presunçoso, benfazejo, passivo, amistososo, bom-vivante e alegre.
Comportamento: alegre e festivo, carregado de generosidade e observação de tradições.

Obtenção de riqueza com dignidade através da capacidade intelectual. Benfazejo e sociável.
Órgãos onde atua: Sangue, circulação arterial, digestão, respiração, secreção seminal, diafragma pulmões, senso de equilíbrio e músculos das costas.
Doenças: problemas circulatórios, infecções do sangue, males respiratórios, atrofia muscular e problemas de nutrição, afecções hepáticas, circulatórias, digestivas etc.
Profissões: juízes, magistrados, prefeitos, ministros, financistas, papas, mordomos, gerentes, altos funcionários de Estado, festeiros, confeiteiros, mestres de cerimônias, artistas de circo, promotores de espetáculos.
Dia da semana: 4ª feira.
Particularidades: as pessoas de Obará são destinadas à liderança, que irrita profundamente as pessoas de seu convívio, possuem o Dom da palavra, gesticulam muito, são invejados, têm o Dom do conhecimento. São ótimos vendedores, advogados e professores. Possuem grandes ideias e passam boa parte de suas vidas tentando realizá-las e dificilmente encontram meios para começar. Na maioria das vezes fracassam por não pedir ajuda, porém todo sofrimento não é duradouro e as pessoas acabam vencendo pela força e vontade, pois possuem espírito de luta e não se entregam facilmente. São pessoas batalhadoras e possuem o privilégio de muita proteção espiritual e também possuem a ajuda dos outros Odu. São pessoas que são vítimas de calúnia, fuxico, rompimentos de casos amorosos, porém a qualquer momento poderão receber um auxílio inesperado. Destinam-se a uma vida longa com velhice feliz, alegre e desprovida de problemas financeiros. No corpo humano participa e contribui para a expansão e o desenvolvimento orgânico e celular. Denota ausência de enfermidades. Age principalmente sobre o sistema respiratório e seus órgãos e, em particular, na narina esquerda e no sentido do olfato. Este Odu exprime o nascer de um novo dia, uma nova aurora, a glorificação. Este Odu fala da traição e insegurança. É um Odu de desmoralização e de perda de prestígio. A pessoa não tem amigos, e suas coisas se confundem entre o bem e o mal. A pessoa é vítima de injúrias e calúnias de que seu próprio cônjuge a engana.
No amor: costumam ser fiéis e buscam perenizar seus relacionamentos, empenhando-se até ao sacrifício para que isto possa ocorrer.
Recomendação: recomenda usar roupa azul claro e violeta, usar perfumes com base nas essências de eucalipto, canela e gerânio. Usar talismã adornado com ametista e/ou safira.
Plano material: lugares de divertimento e de prazer como parques de diversão, centros de lazer, colônias de férias, jardins e todos ambientes arejados e luminosos, cheios de harmonia. E, ainda, os locais onde a juventude se encontra.
Plano intelectual: um pouco de despreocupação e de preguiça, algo de superficial, mas muita inteligência, compreensão e amabilidade.
Plano afetivo: alegria de amar, concordância entre desejos e sentimentos, lealdade, confiança merecida.
Plano ativo: mais distração que trabalho, mas traz sucesso, elevação e progresso.
Plano profissional: atividades ligadas ao lazer, à indústria ou ao comércio de artigos de luxo, hotelaria, donos e empregados de restaurantes e também o alto clero.
Mensagem: tudo vai bem, viva a vida!

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 28- Odi

Odi
Refere-se à cosmologia de todos os nascimentos após o momento inicial da criação, é renascimento.
Função: criar o renascimento.
Temperamento: melancólico, Caráter Duro, severo, inflexível, taciturno, melancólico, crítico,

prudente, perseverante, reflexivo, incrédulo, porém supersticioso, rancoroso, altruísta, inteligente e dotado de boa memória.
Comportamento: atitudes duras e de resultados pouco ou nada expressivos. Rejeição a qualquer tipo de mudança impedindo toda e qualquer possibilidade de evolução. Ações altruístas.
Órgãos onde atua: estrutura óssea, cartilagens, vértebras, articulações, bacia, bexiga, pés, dentes, pele e estabilidade de humor.
Doenças: dos ossos, da bacia e da bexiga. Necrose, dermatoses, hemorragia pela boca, diabetes, leucemia, dores localizadas no lado esquerdo da cabeça, otite, câncer, lepra, hipocondria, melancolia e neurastenia, enfermidades nos ouvidos, na garganta, bexiga, intestino e impotência.
Profissões: padres, teólogos, inventores, eremitas, engenheiros, arquitetos, alquimistas, astrólogos, diretores de hospitais, de clínicas e de prisões, minérios, catadores de pedras e vigias.
Particularidades: este Odu denuncia enclausuramento. As pessoas regidas por este Odu são pessoas muito importantes, influentes em todas as camadas sociais (da mais alta até a mais baixa), gostam de todos os tipos de prazeres que a vida pode oferecer, principalmente de sexo. São também ambiciosas, pensam em grandes lucros, sonham demais com grandeza, viagens com o propósito de obter lucros elevados, enfim, vivem sempre sonhando com uma melhora repentina na vida, mas infelizmente fracassam em quase tudo, principalmente no amor. Quando um fracasso ocorre, culminam todos os tipos de perturbações até pelas coisas mais simples, daí então viverem sempre cercadas de influências negativas, pois não sabem perder qualquer um de seus sonhos e oportunidades por não saberem agir devidamente na ocasião precisa, dependendo sempre de muito conselho e de boa orientação. Apesar de Odi ocasionar desgostos, banalidades, imoralidades etc., também proporciona muita sorte em qualquer tipo de jogo, recebimento de herança, bons empregos, conquistas de todos os tipos, bom gosto e boa aparência, porém a sorte nunca é duradoura, pois existe maior número de negatividade do que positividade. As pessoas deste Odu são de natureza quente e muito sensual, cheias de malícias, costumam ser infiéis. São demasiadamente ciumentas e inteligentes. Algumas têm tendências à homossexualidade e podem perder-se por caluniar os amigos. Devem sempre ter cuidado com o mar e com os rios que representam sempre, para elas, um perigo constante. São prudentes e reservadas, acabam por deixar transparecer seu egoísmo e autoritarismo fazendo com que todos lhes voltem às costas. Suas posturas reacionárias é um verdadeiro impedimento, um enorme obstáculo para todo e qualquer tipo de evolução. Não creem em nada nem em ninguém, mas podem ser facilmente levadas por superstições tolas que nem sempre são aceitas pelos demais. Altamente críticos em relação aos outros, costumam ser benevolentes com os próprios defeitos, chegando mesmo a exaltá-los como se fossem virtudes. Dotados de inteligência invejável, excelente memória e grande capacidade de assimilação, negam-se, entretanto, a transmitir seus conhecimentos, preferindo, antes, utilizá-los como instrumento de manipulação de tantos quantos deles venham a depender. Seus pensamentos são profundos e filosóficos, mas tendem a se perder por falta de transmissão e consequente aproveitamento prático. No amor são desconfiados e ciumentos, mas muito zelosos do objeto de seus sentimentos. Costumam estabelecer regras rígidas em suas relações amorosas, o que acaba por ocasionar a cristalização e o esfriamento destas relações. Adoram o isolamento total. Suas atitudes em relação aos outros, sua insensibilidade em face dos acontecimentos periféricos colaboram efetivamente com a inexpressividade de resultados obtidos em toda a sua trajetória pelo mundo.
Recomendação: usar roupas vermelhas ou marrons, joias com coral negro, jaspe ou ônix, defumar-se com incenso de Java.
Plano material: lugares fechados como prisões, fortalezas, tribunais, cavernas e, no sentido

relacionado a isolamento, os hospitais, clínicas, hospícios, asilos e residências.
Plano intelectual: gosto pela análise, grande poder de concentração, tendência à meditação, dom para as ciências e para a filosofia. Persiste a possibilidade de sectarismo.
Plano afetivo: melancolia, frieza, solidão forçada, incompreensão, separação.
Plano ativo: permite apenas as buscas longas e solitárias e a concentração.
Plano de saúde: constipação, resfriado, reumatismo, quedas e fraturas.
Mensagem: agora, a precipitação só provocaria um impasse ainda maior. Espere e reúna forças para uma ação futura.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 29- Ejionile ou Ogbe (caminho, rota, estrada)

Ejionile ou Ogbe (caminho, rota, estrada)
É uma manifestação de pura luz. É a expansão da luz de uma fonte para fora. Em termos práticos, é o movimento sem oposição ou caminho aberto.
Fala de crescimento espiritual, destino, caminho.
Função: criar um caminho aberto.
Comportamento comum: popular e zombeteiro.
Caráter: impulsivo, espontâneo, direto, indisciplinado, irritadiço, caprichoso, impressionável e sensual. Tem mau gênio. As pessoas deste Odu são geralmente dotadas de natureza sensual, fantasiosa e indiscreta. Possuem gosto simples, tendendo ao vulgar, possuem espírito belicoso (temperamento forte) e uma acentuada predisposição para envolverem-se sempre em confusões. São caprichosos e supersticiosos, possuidores de imaginação fértil e excelente memória. Sua capacidade mental é um tanto quanto restrita, o que é compensado por uma intuição muito aguçada. Possuem grande proteção espiritual, possuem grandes amizades, e quase sempre os caminhos abertos. Gostam de calma, procuram acalmar o próximo, porém possuem comportamento delicado, são honestos e atenciosos. Vivem com grande esperança, estão sempre apaixonados, são sonhadores, sofrem e desdobram-se para ajudar um amigo. Sendo fogo sobre fogo, propõem dinamismo puro, sem objetivo predestinado, lançados à própria sorte, ao sabor do destino. O símbolo Odúnico representa um caminho que deveria ser trilhado lentamente e ininterruptamente, desconhecendo barreiras que impeçam a progressão e recusando qualquer tipo de ajuda extra. A caminhada é cega e obsessiva, o avanço instintivo, inevitável. São, geralmente, impulsivas, chegando quase à irracionalidade. Seus objetivos devem ser atingidos a qualquer preço. Quaisquer obstáculos provocam-lhe profunda irritação, que pode transformar-se em fúria agressiva. Consideram-se autossuficientes, raramente aceitam a ajuda de outrem na solução de seus problemas. Adoram a solidão, a calma e o isolamento, mas nem por isso deixam de, constantemente, envolverem-se em algum tipo de confusão, da qual saem vencedores. Seu desenvolvimento intelectual é alimentado por uma curiosidade incontrolável e prejudicado por uma imaginação desenfreada que os leva a criar teorias e explicações absurdamente fantasiosas para tudo o que se proponha a compreender e transmitir.
No amor: são passionais, possessivas e sensuais por demais inconstantes, podendo mudar de amor como se muda de roupa, da forma mais natural, como se nada tivesse acontecido. Tendem à busca do mais fácil, do comum em detrimento, do clássico e do melhor elaborado. // // // No negativo Pronuncia perdas e prantos, infelicidade no amor. É o Odu dos vícios, atraindo acidentes ao seu redor, vivem cercados de perigo, adoram fazer sexo e não se cansam, são perseguidos pela mentira.
Órgãos onde atua: sistema linfático e digestivo, coluna vertebral, estômago, intestino, olho esquerdo e vasos sanguíneos.
Doenças: anemia, constipação, males de estômago, da região mamária, do ventre (colite), da

garganta, bexiga, dor de cabeça (loucura ocasionada por imaginação excessiva) e nervosismo.
Profissões: pescadores, marítimos, aviadores, agentes ferroviários, telefonistas, corredores, ciclistas, motoristas, caçadores ilegais, saltimbancos, agentes de viagens e missionários.
Recomendação: usar roupas brancas ou de cores claras, inserir na dieta alimentar: pepino, abóbora, melão, uva e maracujá.
Plano espiritual: elevação lenta, permanente e solitária.
Plano material: meios de comunicação.
Plano afetivo: incerteza, sensualidade, indecisão.
Plano profissional: viagens de negócio.
Mensagem: não corra, cada coisa tem seu tempo.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 30- Osá

Osá
É a manifestação de uma mudança súbita e desesperada.
Fala da influência de fatores externos que perturbam ou destroem.
Está diretamente ligada a tempestades, furacões, transformações.
Pode representar mudança drástica.
Negativo: pode levar a doença mental.
Função: criar mudanças nas circunstâncias.
Simboliza: a orientação correta, o progresso, as ideias inteligentes que produzem sempre a um nível mais elevado.
Comportamento: atitudes dotadas de dignidade e nobreza, pautadas em senso dual de hesitação e iniciativa.
Órgãos onde atua: sangue, intestinos, no estômago, nos lábios, nas orelhas, nos braços, no aparelho genital feminino, no fluxo menstrual e na coluna vertebral. Sendo composto de água sobre o Fogo, determina ajuda e apoio para a ação, garantindo o desaparecimento dos obstáculos e a conquista do objetivo.
Doenças: problemas relacionados à coluna vertebral, doenças do sangue, menstruação excessiva, hemorragias femininas, enxaquecas, pressão baixa e dores no colo do útero.
Profissões: aviadores, alpinistas, guias, jardineiros, fabricantes de vinho e carpinteiros.
Dia da semana: 4º Feira.
Cores: vermelho, laranja e vinho.
Correspondência planetária: Lua.
Recomendação: usar perfumes de alfazema, defumar-se periodicamente com folhas de alfazema misturada com folhas de louro. Se possível, criar gatos.
Plano espiritual: o despertar da consciência quando ela é harmoniosamente fecundada pelas forças espirituais.
Plano material: torres, montanhas, árvores, escadas e tudo que possibilite a ascensão.
Plano intelectual: facilidade de expressão e de assimilação, flexibilidade.
Plano afetivo: mudanças ou reavaliações que conduzem à liberação e ao progresso, que surgem como consequência natural da verdadeira maturidade espiritual.
Plano profissional: arquitetos, atletas, agricultores, engenheiros e pesquisadores.
Plano da saúde: tendência aos choques, enxaquecas e otites.
Mensagem: tudo estará ao seu alcance sem muito esforço, se você puder atender a sua intuição e for receptivo às influências positivas que recebe.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 31- Ofun (Senhor dos mistérios)

Ofun (Senhor dos mistérios)
Este Odu fala de fama, sucesso, grandeza, longevidade, invulnerabilidade e conquistas em todos os aspectos. E o único Odu hermafrodita. O senhor dos mistérios, ou ainda "Hekpa Baba", termo que exprime respeito, pavor, reza, prece e saudação.
Pessoas deste Odu: os naturais deste Odu são pessoas predestinadas a obterem o sucesso e adquirem fortuna, o que só ocorre depois de certa idade, sendo que isso não implica em nenhum tipo de frustração, já que são predestinadas a viverem muito, atingindo idades superiores a 80 ou 90 anos, conservando sempre a jovialidade e energias invejáveis. Costumam ser pessoas sérias e corretas em suas atitudes, excessivamente preocupadas com dinheiro, chegando por vezes a assumirem atitudes que as fazem parecer avaras, o que é atenuado por sua tendência natural a ajudar o próximo de forma generosa e benfazeja. Possuem boa saúde, embora sejam atormentadas por problemas de pouca importância, relacionados à circulação sanguínea e ao aparelho respiratório. São inteligentes e perspicazes, assimilam com a mesma facilidade com que ensinam tudo o que sabem.
No amor: costumam ser leais, agindo com acentuado senso de moral pautado na liberalidade e confiança mútua. Seu desenvolvimento espiritual ocorre lenta e gradativamente e ao atingirem idade avançada, acumulam um tal número de experiências filosóficas e espirituais, que se transformam em orientadores e conselheiros infalíveis. Personalidade negativa: são vingativos, não sabem perdoar. Dá o troco na hora. São nervosos e descontrolados. Age com a razão, pouco lhe importando o que os outros pensem ou sintam.
Caráter: generoso, acolhedor, liberal, benevolente, benfazejo, caritativo, filantrópico, altruísta, econômico e muito ambicioso.
Órgãos onde atua: em que atua circulação sanguínea, respiração, digestão, secreções seminais, diafragma, útero, pernas, menstruação, músculos das costas, ovários e sentido do equilíbrio.
Doenças: má circulação sanguínea, problemas respiratórios, atrofia muscular, obesidade, cirurgias abdominais, e a estriparção do útero e dos ovários, aborto, pressão baixa, respiração difícil, laringite, bronquite, problemas nasais, cardiológicos, má circulação, nevralgias, inchações, melancolia e solidão, carência afetiva, não gostam de ficar sozinhos. Seus filhos têm tendência a sofrer do coração e a sentirem falta de ar. As principais doenças que Ofun traz se concentram na cavidade abdominal.
Cores: branco, azul céu e violeta.
Profissões: juizes, altas autoridades policiais, prefeitos, ministros, banqueiros, financistas, gerentes, intendentes, vigias noturnos.
Recomendação: usar roupas claras, fazer defumações com incenso de Java e canela, tomar banhos com folhas de oliveira e pétalas de lírio branco com água de melissa.
Plano material: todos os meios em que o dinheiro circula, como bancos, bolsas, loterias etc. heranças e todos os tipos de ganho financeiro, locais onde o homem alcança o bem-estar ou a recuperação, como sanatórios e casas de repouso.
Plano afetivo: progresso, aproximação, fidelidade.
Plano ativo: realizações concretas que evoluem num ritmo lento, mas constantes.
Plano profissional: todas as profissões ligadas ao dinheiro e aos tribunais.
Plano de saúde: problemas hepáticos, obesidade, congestões ou convulsões.
Mensagem: se a sorte o ajuda a progredir, saiba usufruir o tempo das vacas gordas.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 32- Woworin

Woworin
É o rompimento inesperado, a destruição de uma base fraca.
É a capacidade de lidar com a mudança e ver as coisas de uma nova perspectiva.
Fala da velhice e das doenças latentes.
Função: fazer mudanças inesperadas.
Comportamento: atitudes sempre pautadas no senso de moral adquirido; lealdade e nobreza nas ações; ambição generosa contendo planos em que todos são incluídos.
Caráter: dinâmico, caloroso, propulsivo, atraente, excessivo e masculino. Temperamento Melancólico Oworin é o Odu que atua dia e noite. Aquele que vem ao mundo sobre a regência deste Odu, mesmo nascendo em berço humilde, tenderá a estabilidade ainda jovem. Seus filhos correm o risco de sofrerem acidentes fatais. Se observarmos à simbologia deste Odu, parece uma taça em pé, boca aberta para o alto, pronta para ser preenchida com as bênçãos e energias oriundas do mundo superior. Seus filhos são atraentes, excessivos em tudo, têm o sucesso assegurado em tudo o que se proponham a fazer com dedicação e vontade, não conhecem desafios que não possam vencer. Não admitem o pessimismo e a vacilação. No amor são generosos e dignos, sabendo impor um doce domínio que é aceito com certa gratidão. São fiéis e exigem de seus parceiros fidelidade absoluta e dedicação total. Gostam do que é bom, do que é caro e do que é raro. Vivem cercados de pessoas que as admiram com sinceridade e que nutrem sua vaidade com elogios e bajulações, o que é de seu pleno agrado. A busca pela fama, pelo romance e pela reputação é uma constante em sua vida. No negativo: indica acidentes fatais, morte súbita ou prematura, vida curta, doenças no olho direito e excesso de sangue. No positivo: nobreza de atitudes, planos que darão certo, fortuna, riqueza, ajuda de terceiros e proteção astral.
Órgãos onde atua: coração, artérias e sentido da visão.
Doenças: doenças do coração, infartos, hipertensão, inflamação das vistas, paralisia do sistema motor, nevrites, inflamações e tumores intestinais, dores estomacais e complicações renais.
Cores: luxuriantes, quentes, principalmente o vermelho e o dourado.
Profissões: ministros, presidentes de órgãos, representantes, escritores célebres, financistas de alto escalão e embaixadores.
Recomendação: usar perfumes fortes, defumar-se periodicamente com incenso de Java.
Plano espiritual: o homem imbuído de influências positivas, o espírito mais receptivo para o bem.
Plano material: tesouros, presentes, castelos e palácios ou locais onde se reina em ordem, beleza, luxo e tranquilidade.
Plano intelectual: grande abertura de espírito, senso de justiça e objetividade.
Plano afetivo: sentimentos compartilhados, união feliz, realização de desejos, afetos sinceros e duradouros.
Plano ativo: projetos arriscados que exigem coragem e ambição, as grandes aventuras.
Plano profissional: reis chefes de estado, altos executivos, nobres, embaixadores e todas as profissões honoríficas.
Plano de saúde: anemias, doenças cardíacas.
Mensagem: se você está no bom caminho, não tenha dúvidas ou receios, pois aquele que caminha na sinceridade e respeita os homens de mérito é abençoado pelo céu.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 33- Ejilashebora (Wiory)

Ejilashebora (Wiory)
Determina o encaminhamento dos esforços ao encontro dos obstáculos que poderão ou não serem transpostos.
Responde a respeito dos caminhos (ou conhecimentos da vida espiritual) da espiritualidade e determina a liberação do espírito do jugo da matéria, o qual faz ligação do Orun com Aiyê (do céu com a terra).
O Iwori palavra que implica uma parceria com o processo de consciência que se forma a sua identidade. Em termos de psicologia é chamado de individualização.
Refere-se à transformação espiritual simbolizada pelo fogo.
Refere-se à paixão e a procriação.
Função: criar a transformação.
Temperamento: melancólico.
Caráter: passível, honesto, calmo, digno, espiritualista, filantrópico, apaziguador e voltado à religiosidade.
Órgãos onde atua: sexuais femininos e reprodutores, testículos, ovários, seios, glândulas mamárias, tireoide, faringe, garganta, as carnes que compõem o corpo humano.
Doenças: dos órgãos sexuais reprodutores femininos, dos órgãos sexuais masculinos, sífilis, doenças sexualmente adquiridas, dores de cabeça, de estômago, nervosismo, perda de sangue, pressão no peito, histeria, males de ovário, anomalias sensoriais, elefantíase e inchações em geral.
Profissões: artistas, músicos, poetas, pintores, religiosos, médicos, enfermeiros, monges e sacerdotes.
Cores: todas as cores derivadas do vermelho, aceitando também o negro e tudo o que for estampado com estas cores.
Particularidades dos seus filhos: são sensíveis, amáveis e cordiais, adoram os relacionamentos numerosos. No amor, preferem a superficialidade e dificilmente assumem compromissos duradouros, provocando uma constante troca de parceiros, sendo a inconstância sua característica mais marcante. Podem ter vitória em todos os sentidos, fortalecimento espiritual, inteligência, contato bem sucedido, sociedade ou casamento benéficos. Coisas ruins: maus resultados, morte, inimigos, difícil de ser derrotado, derrota, associação prejudicial, tendência ao suicídio e desespero.
Recomendações: usar constantemente roupas claras ou totalmente brancas, perfumes suaves feitos com essência de jasmim, verbena, rosa ou violeta, fazer defumação periódica com benjoim. Tomar banhos com pétalas de rosas brancas, árvore ritualística o cedro.
Plano espiritual: pouca ressonância.
Plano material: todos os locais de reunião, como assembleias, colégios, universidades, casas de cultura e espetáculos.
Plano intelectual: inteligência viva e adaptável, diplomacia, eloquência, muita atenção aos detalhes e pouca profundidade.
Plano ativo: ações convergentes, que têm por objetivo aproximar, reunir, harmonizar, associações e empresas ligadas por uma mesma orientação e objetivo.
Plano afetivo: forte ressonância neste plano favorecendo os casamentos e os encontros.
Plano profissional: todas as profissões ligadas à literatura, desde os escritores, editores e livreiros até os conferencistas, professores, advogados e médicos.
Plano de saúde: distúrbios ginecológicos ou sexuais, problemas gastrointestinais.
Mensagens: a solução dos problemas está no movimento de reunião, de direção aos outros, e nunca na solidão ou no isolamento. É preciso não hesitar em dar o primeiro passo.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 34- Ejiologbon (Oyeku)

Ejiologbon (Oyeku)
Determina a necessidade de viver em grupo.
Pode se referir a um ciclo de um bebe quando nasce, ou seja, deixou a barriga para a vida no mundo.
Quando um jovem se torna adulto.
Pode indicar o fim de um ciclo, pode ser um fim prematuro.
Função: criar e terminar um ciclo.
Particularidades: a ideia de morte que este Odu é portador está ligada ao fim de uma determinada situação, cujas possibilidades de continuar tenham sido esgotadas pelo total cumprimento de uma determinação cármica. Quando está positivo indica mudanças para melhor, o fim de uma situação desagradável, intuição correta, capacidade de convencer, porém quando está negativo, fala da incapacidade de tomar decisões, morte de uma pessoa ligada, queda de situações, notícia ruim que está para chegar. As pessoas deste Odu são ranzinhas e nostálgicas, trazendo melancolia e tristeza, não possuem sorte no amor e por isso tornam-se perturbados. São pessoas trabalhadoras e honestas, exigentes e inconformadas. Este Odu é preocupado com a transformação e renovação. Os filhos deste Odu são dóceis, tímidas, ingênuas (não tendo conhecimento de seu potencial), vulneráveis e facilmente manipuláveis. A necessidade de agir em grupo provoca-lhe certa incapacidade de tomarem decisões. São pessoas dotadas de forte intuição, podendo ser enganadas, mas por pouco tempo, e quando descobrem costumam externar reações que denotam seu lado negativo e malévolo. São do tipo que observam e assimilam tudo. No amor são receptivas e passivas, mantendo-se fiéis enquanto houver reciprocidade. Detestam brigas e disputas e sempre que surge alguma, assumem postura moderadora, procurando contemporizar e restabelecer o estado de paz. Tendências à homossexualidade feminina.
Doenças: complicações linfáticas, dor na coluna, nas pernas, inflamações uterinas e próstata, dores no corpo, anemias, males do estômago, do ventre, da bexiga, angústia, alucinações e obsessões.
Profissões: lavadeiras, faxineiras, poetas, músicos, artistas, pescadores, marinheiros, prostitutas, caçadores, oradores e líderes populares.
Dia da semana: 2º feira.
Cores: preto, branco nacarado e cinza prateado.
Plano espiritual: o espírito que precisa se livrar do caos para conduzir os outros.
Plano material: cidades, praças, lugares onde as pessoas se reúnem.
Plano intelectual: abundância de ideias, tagarelice, indiscrição.
Plano afetivo: sociabilidade sem seletividade, inconstância.
Plano ativo: trabalhos que envolvem muitas pessoas.
Plano profissional: político, homens públicos, marinheiros pescadores.
Plano de saúde: resfriados, sensibilidade à umidade, infecções microbianas.
Mensagem: a situação está confusa e contraditória e requer uma intervenção no sentido de restabelecer a ordem e a clareza.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 35- Iká

Iká
Refere-se a meios para atrair as pessoas a sua volta através da fala.
Refere-se ao poder pessoal através da palavra ou invocação da mesma.
Refere-se à fonte de um poder pessoal para a proteção e cura, transformação e riqueza.
Refere-se à afirmação de si mesmo.

Fala sobre os mistérios da ancestralidade.
Ensina que se devem guardar segredos.
Representa: o mistério da encarnação e o domínio sobre os espíritos.
Comportamento: impulsionado pela paixão, pautado quase sempre em atitudes violentas, explosivas e corajosas.
Caráter: impulsivo, indisciplinado, corajoso, violento, colérico, brutal, agressivo, libertino, intuitivo, perspicaz, curioso e apaixonado.
Órgãos onde atua: sistema muscular, fígado, vesícula biliar, pênis, clitóris, maxilar inferior, ânus, vulva, tato, mamilos e ventrículos.
Particularidades: este Odu rege o amor filial, a morte dos fetos, a falsa gravidez, as cirurgias em geral, as vértebras e os movimentos da coluna vertebral.
Particularidades dos seus filhos: seus filhos são pessoas difíceis de lidar, pois sempre estão em estado de alerta, prontas a dar o bote e por isto todo cuidado é pouco. Não tem amigos e não confiam em ninguém. Só pensam em si mesmo e acham que todo mundo age da mesma forma. Possuem caráter altivo e orgulhoso, perdendo-se por serem desobedientes e não aceitem conselhos de ninguém. Tendem para atitudes violentas e querem sempre fazer valer suas opiniões pela força bruta, desejando sempre estar por cima, dar ordens, e que as suas vontades prevaleçam sobre as demais. Possuem caráter forte e dominador e quando não conseguem obter o que desejam, choram de raiva ou tentam destruir o que não pode ser seu. Portanto, este é um Odu de chantagens, ardis, perfídias e enganos.
Doenças: impotência, frigidez, exacerbação das funções sexuais, atrofia e inflamações musculares, inflamações cerebrais, desarranjos intestinais, doenças do fígado e da vesícula, problemas renais, descontrole do fluxo menstrual, órgãos genitais, vistas, dor de ouvido e nas pernas, doenças de pele e irritações localizadas.
Profissões: militares, policiais, engenheiros, técnicos metalúrgicos, cirurgiões, dentistas, amieiros, fundidores, funcionários de abatedouros, caçadores e demais profissões em que se trabalhe com armas.
Cores: vermelho sangue e púrpura.
Plano espiritual: o fogo que destrói e purifica.
Plano material: vulcões, incêndios, fundições e todos os lugares áridos e pedregosos.
Plano intelectual: raciocínio crítico e construtivo; inteligência viva, criativa original, imaginação.
Plano afetivo: nenhuma ressonância afetiva.
Plano profissional: todas as profissões ligadas ao sangue e ao aço: açougueiro, cirurgião, ferreiro, metalúrgico, mecânico. Também os militares, controladores e revolucionários.
Plano ativo: as lutas pela independência, as revoltas, as revoluções.
Plano da saúde: hipertensão, doenças agudas, inflamações, acidentes, intervenções cirúrgicas.
Mensagens: nada pode continuar como está. Uma mudança radical é iminente, e será precioso muito sangue frio para enfrentá-la.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 36- Ogbeteogunda (Iretê)

Ogbeteogunda (Iretê)
Representa a determinação obstinada.
Refere-se à busca de riqueza para alcançar a boa sorte.
Respeitar os mais velhos, as crianças, o pai e a mãe.
Representa o poder dos segredos dos espíritos da terra. Ensina sobre o poder da cura.
Função: criar ou fazer a determinação.
Comportamento: opinião estável, mudando sempre, natureza dual, provocando constante

instabilidade de maneira de ver as coisas e de se expressar opiniões.
Caráter: engenhoso, adaptável, intuitivo, diplomático, hábil e de fácil compreensão.
Órgãos onde atua: sistema nervoso central, medula espinhal, plexo solar, nervos, músculos faciais, laringe, encéfalo, vesícula biliar e sistema auditivo.
Doenças: melancolia, distúrbios nervosos, paralisias locais e gerais, dos órgãos genitais, vistas, dor de ouvido e nas pernas, falta de coordenação motora, loucura e epilepsia, catalepsia, tendência suicida, alucinações, atrofia muscular, inflamações intestinais, impotência sexual, febres eruptivas, lepra, varíola, hepatite e histeria.
Profissões: matemáticos, professores, engenheiros, inventores, pintores, compositores, filósofos, jornalistas, comerciantes, pequenos industriais, falsários, alcoviteiros, jardineiros e velejadores.
Cores: vermelho vivo, negro, cinzento, azul e o branco.
Particularidades dos filhos deste Odu: Os filhos deste Odu são sempre impulsionados pelo desejo de conquista e de domínio, não hesitando em, para isto, assumirem atitudes ameaçadoras, visando manter o permanente controle da situação. São pessoas corajosas audazes e presunçosas, muito solícitas e prontas a socorrer a quem deles precisar. No positivo: amor correspondido, domínio absoluto de uma situação, influência, respeito, auxílio poderoso, dinamismo. No negativo: falta juízo, atitudes egoístas, violência, ciúmes e cólera incontrolável. As pessoas sob a influência deste Odu apresentam características muito atraentes. Suas atitudes são pautadas na diplomacia, na habilidade e na polidez. Dotadas de profunda percepção, assimilam com muita facilidade os conhecimentos considerados de caráter subjetivo, o que fortalece sua estrutura espiritual. Seu comportamento é instável, fazendo com que pareçam sempre estar em cima do muro, sem tomar nenhum partido, para que mais tarde não possua arrependimento. São pessoas sensíveis, amáveis e cordiais, que adoram a paz e buscam sempre os relacionamentos superficiais e numerosos.
No amor: preferem a superficialidade e dificilmente assumem compromissos que duram muito tempo, o que ocasiona uma constante troca de parceiros. A inconstância é um de seus defeitos mais marcantes. Podem apresentar tendência ao lesbianismo.
Particularidades do Odu: este Odu significa tudo que entra em contato não só por associação como também por oposição, é o confronto de 2 homens ou de 2 exércitos em luta um corpo a corpo.
Caráter: altivo, sarcástico, indisciplinado, porém amam o trabalho.
Correspondência planetária: mercúrio.
Plano espiritual: não há ressonância espiritual.
Plano material: todas as situações em que os homens se reúnem, tanto para festa quanto para guerra – quartéis, bares, centro esportivos.
Plano intelectual: engenhosidade, vivacidade.
Plano afetivo: tendência à aventura, à libertinagem, atração pelas conquistas efêmeras.
Plano ativo: o início, o princípio, as ações impulsivas e indisciplinadas.
Plano profissional: aventureiros, rebeldes, militares, atletas.
Plano da saúde: hipertensão, convulsões, inflamações e febres, problemas do aparelho geniturinário.
Mensagem: a energia controlada sempre é mais bem utilizada.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 37- Aláfia (Oturá)

Aláfia (Oturá)
Refere-se à origem da visão mítica. A ligação da consciência com o divino.
Refere-se ao sentido e fundamento do destino e propósito do ser humano na terra.
Seu negativo, fala de falsidade, ganância, racismo, senso inflamado.
Representa o pleno poder sobre a matéria.
Aqui está o segredo da criação.
Fala sobre a raça humana. Aqui se aprende o domínio dos mistérios sobre a dissociação dos átomos e o domínio do conhecimento sobre a matéria, usar a força mágica através da fala humana.
Função: Oturá cria a função mítica.
Particularidades das pessoas deste Odu e do Odu: são impulsionadas por um desejo incontrolável de conquista, de domínio e por isto, não hesitam em fazerem uso de atitudes ameaçadoras e da prática da violência. São pessoas corajosas e sua audácia não conhecem limites. Aqui a alegria e a tristeza andam lado a lado com o pranto, é um Odu de riqueza.
Comportamento: sempre impulsionado pelo desejo de conquista, desânimo, pautado em atitudes ameaçadoras que buscam assumir o controle da situação.
Caráter e personalidade: ativo, egoísta, dominador, ativo, corajoso, batalhador, crítico, sarcástico, libertino, indisciplinado, entusiasta, sensual, enérgico, aventureiro. Presunçosos, possuindo como principal qualidade a solicitude, estando sempre prontas a socorrerem tantos quantos necessitarem de seus préstimos. Amantes do trabalho, não demonstram nunca cansaço e desânimo. A pessoa de Aláfia tem a proteção incondicional de Ososi e de Omolu. São pessoas incapazes de se sacrificarem por quem quer que seja, mas quando se sentem feridas em sua vaidade, tornam-se perigosos sendo capazes de até matar. Seus filhos gostam de viver com luxo e de vestir-se bem, gabam-se exaltando suas qualidades e se acham superiores aos demais. Possuem grande mediunidade e cargo de santo. São solitários, pensam muito antes de realizar algo importante.
No amor: são tremendamente possessivos e ciumentos, tornando-se por estes motivos amantes perigosos que não hesitam em matar e morrer em defesa do ente amado, representando o perigo, pois se sentirem-se desprezados ou trocados por outrem, matam sem piedade.
Órgãos onde atua: sistema muscular, virilidade, fígado, rins, ânus e tato.
Doenças: impotência sexual, atrofia muscular, problemas cardiológicos e sanguíneos, flebite, musculares, doenças do fígado, da vesícula e dos rins.
Profissões: militares, instrutores do uso de armas, literatos, desportistas, cirurgiões, carrascos, caçadores, pescadores, piratas, assaltantes, assassinos e pessoas que abatem animais em matadouros.
Dia da semana: 3º feira.
Plano material: todos os lugares e atividades que estejam ligados à beleza, à harmonia, à estética: institutos de beleza, butiques, floriculturas, galerias de arte.
Plano intelectual: senso artístico, gosto pela forma, adaptabilidade.
Plano afetivo: ternura, gentileza, caráter pacífico e dependente dos entes queridos.
Plano ativo: a ressonância não é considerável, já que esta é uma figura passiva. Atividades artísticas e estéticas.
Plano profissional: os artistas – pintores, músicos, poetas – e todos os que estão, de alguma forma, ligados à arte e aos ornamentos.
Planos de saúde: deficiências hormonais, problemas de crescimentos, de apetite e de assimilação.
Mensagem: ouça a voz do seu coração.

Fonte: elaborado pelo autor.

3.4 Sistema combinatório semiótico de transição de acontecimentos na vida e sua interpretação

O nome de uma pessoa, segundo a ancestralidade que me foi herdada, é a identidade não somente física da pessoa e, sim, também espiritual, assim como o batismo que ocorre nas igrejas católicas, seria a forma como o universo nos conhece. Podemos presumir que a relação por meio da minha ancestralidade acontece não somente com os indivíduos, mas, sim, com tudo o que está a nossa volta, que existe através da combinação de tudo o que há presente nos quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar), seja mineral, vegetal (átomos). Por detrás de tudo há uma inteligência viva e cíclica, porém em crescente manutenção e evolução da vida. Quero aqui dizer que não existe adivinhação em virtude de presente, passado e futuro, existe divinação, pois tudo que temos por passar já esta estabelecida pelo movimento cíclico do universo, todo este contexto apresentado é uma ciência que diz serem inevitáveis os presságios na vida humana, mas os mesmos podem ser atenuados.

Ângelo Duarte Silvino, nascido dia 21 de Abril de 1503, este é o nome que foi utilizado para gerar todos estes cálculos, mas dentro da divinação que me foi herdada pelos meus antepassados, todos aqueles cálculos de forma binária, sejam por símbolos ou por números atribuídos, servem para dizer sobre os presságios que acometem a pessoa em questão. Através de presságios que são formas estabelecidas do filosofar africano é que concluímos predisposições que podem acontecer para a pessoa em questão. Ressalto que o método serve para verificar situações para qualquer pessoa, mas para isto é necessário o aparelho físico da Figura 22, que consiste um eixo interno rotatório 360° e um eixo externo fixo.

Os presságios do Omo Odu Etaogunda para o caminho da vida de Ângelo Duarte Silvino, nascido dia 21 de Abril de 1503, denuncia vícios, traições, perigos e discórdias, se refere à pessoa de características físicas vigorosas e feições duras, pessoa que está sempre buscando novos rumos e caminhos, gosta de viver em ambiente social. Esta pessoa poderá ser acometida em específico pelas seguintes doenças ou problemas com a saúde no decorrer da vida que são: intoxicação, doenças venéreas, impotência, vaginite, frigidez, doenças respiratórias, aparelho digestivo, cansaço, dores no peito e nas pernas, visão. Os presságios para esta pessoa, em virtude do Omo Odu Oturukpon, são em relação ao raciocínio e como funciona o raciocínio lógico da pessoa em questão, indica que a pessoa é inconstante e

preocupada com a harmonia demonstrando grande habilidade para o raciocínio criativo e subjetivo, ou seja, ligado à arte de alguma forma.

O presságio em relação ao Omo Odu Iorossun para a pessoa em questão refere-se a um comportamento decidido, ambicioso, impetuoso, distante, egoísta, indiferente e realizador e também atribui um comportamento por sua vez colérico, autoritário, audacioso, decidido e, dependendo da situação, temerário. Descrevi aqui alguns presságios em relação aos Omo Odus que foram determinados para o nome em questão que, por sua vez, podem influenciar comportamentos, sentimentos, desenvolvimento de patologias e predisposições a várias ações. Por este caminho, vê-se que existem paradoxos entre a filosofia da tradição africana e o raciocínio humano que podem tanto serem fluentes no comportamento humano quanto álgebra binária.

Diante disso, sugiro neste trabalho uma avaliação da personalidade e vocação do aluno, com fins de acompanhamento deste para posteriores estudos, e até mesmo estabelecer metas mais compatíveis com determinado aluno, a fim do seu desenvolvimento intelectual e maior aproveitamento dos estudos. Pedagogicamente, seria a forma de potencializar o encanto do aluno frente ao fenômeno provocador para o aprendizado.

Sigo explicando como ocorre a formação da memória frente à provocação para consolidação da mesma. Busco através de um método assertivo potencializar características distintas que estão ocultadas em cada ser humano em virtude das potencialidades específicas de cada um, e para que isto ocorra não será necessário dogma. O método apresentado acima exemplifica como a matemática está envolvida na cultura e *tradição do Ifá* como divinação da mesma; é uma ciência e filosofia que toma forma matemática e pode ser entendida como postulados que podem conversar na arte e estética africana.

A intenção também é demonstrar como esta forma matemática é versátil e pode conversar através da parte psicossocial e psicoemocional, como também na arte, na matemática e filosofia de forma interdisciplinar, pois está diretamente ligada a forma como o cérebro combina assimila e interpreta interdisciplinarmente; também em relação a como o ser humano se relaciona com o meio e como raciocina.

O sistema de divinação é baseado na transição dos elementos da natureza que os mesmos por combinação chamamos de Odus. Temos como exemplo um sistema combinatório semiótico desenvolvido neste trabalho como modelo de transição de acontecimentos na vida cotidiana de cada pessoa. O mesmo pode descrever detalhes de acontecimentos que ocorreram na vida de determinada pessoa, de acordo com a verificação sobre o passado, descrever detalhes de acontecimentos que estão ocorrendo na vida de determinada pessoa, de acordo

com a verificação para o presente, e descrever detalhes de acontecimentos que estarão ocorrendo na vida de determinada pessoa, de acordo com a verificação para o futuro. Isto tudo é possível de se fazer através do sistema de modo preciso; todo este processo é viável porque existe uma estrutura genealógica por detrás do *Ifá* é cíclica em constante renovação e crescimento.

Abaixo está disposta a foto do sistema combinatório semiótico de transição dos acontecimentos na vida. Este sistema contém dois eixos internos rotacionais e independentes que, de acordo com os Odus que foram determinados para cada pessoa através do nome e data de nascimento, poderemos através dele dizer quais foram os acontecimentos em relação ao dia mês e ano (passado, futuro e presente) na vida da pessoa em questão. Como dito anteriormente, este processo é possível, pois dentro desta filosofia tudo é como um relógio biológico, com processos marcados para acontecer e nada que aconteceu deixou de ser memória. Vale destacar que o processo divinatório dentro da *tradição do Ifá* não reconhece este método desenvolvido na pesquisa; isto acontece porque me distanciei da prática religiosa para me aproximar da prova científica, a qual adaptei os números cardinais para os cálculos e números romanos para ordem das moradas (casas) dos Odus; mesmo assim não me distanciei do significado de cada Odu, bem como da sua representação através de ideogramas, os quais utilizei como representação semiótica da combinação dos elementos terra, fogo, água e ar, como está demonstrado abaixo.

Figura 22 – Sistema combinatório semiótico de transição de acontecimentos na vida



Fonte: arquivo pessoal do autor.

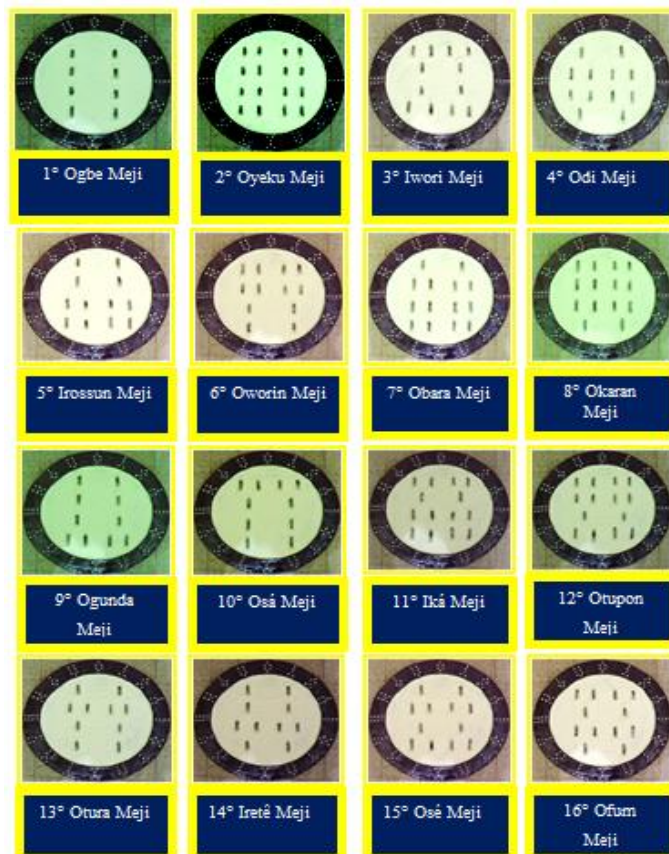
O sistema combinatório acima apresenta no seu círculo externo os Odus em posição cardinal fixa e o círculo interno também apresenta os mesmos Odus, mas é rotacional.

O círculo externo fixo representa os meses e o círculo interno rotacional representa os dias. Seguindo esta forma, a partir dos Odus que foram determinados para uma exata pessoa, buscaremos a sua referência no círculo interno rotacional interno girando-o para posição do mês a ser consultado.

A “Casa I” na lista “Os Decanatos e os Planetas”, como o nome já diz, a primeira casa começa no dia 21 de Março e a décima segunda casa “Casa XII” termina dia 20 de Março. Isto deixa claro que o calendário Geomântico é diferente do nosso calendário, sendo o primeiro mês em Março e para nós brasileiros o primeiro mês é Janeiro e o último Dezembro. Para este método adota-se o calendário brasileiro, sendo o primeiro mês “Janeiro” igual a Casa I, sucessivamente, findando na Casa XII igual a “Dezembro”.

Abaixo temos a representação dos 16 Olodus por ordem de chegada à Terra (Aye), representados aonde a linha imaginária só serve para entender os elementos que os formam. Todos são representados de forma dupla (Meji), mas também existe a representação combinada de um Odu (Olodu) com outro Odu (Olodu), que gerará as demais duzentas e quarenta possibilidades chamadas de Omo Odus, ou seja, Odus filhos que seriam aqueles que na terra contribuem com ciclos naturais de acontecimentos e desenvolvimento da vida.

Figura 23 - Os dezesseis Olodus (Odu)



Fonte: elaborada pelo autor.

Para que seja possível a avaliação por este método é necessária a descrição dos significados de Casa dos Odus em relação às probabilidades de acontecimentos. Segue abaixo a descrição dos assuntos que se aborda em cada uma das Casas Odúnicas, passados por meus ancestrais de boca a ouvido.

Quadro 38- Casas Odúnicas

Casas Odúnicas	
Casa I (Odu Ejionile ou Ogbe)	O eu, a individualidade, a unidade, o ponto, o eu individual, a afirmação do eu pessoal, o caráter, a personalidade, o impulso criador, a energia em ação, a autoafirmação, o temperamento, o comportamento, o modo de agir da pessoa, o seu jeito, a aparência, o corpo físico, a infância, as condições de infância.
Casa II (Odu Oyeku)	Depósito de sustentação, a fortuna, os recursos, as finanças, os assuntos financeiros, as posses, o dinheiro, as aquisições, as aglomerações, a assimilação, o sistema glandular, o aumento material, as posses materiais culturais, espirituais, mentais, assuntos de ganhos, pecuniários.
Casa III (Odu Iwori)	Os irmãos, as irmãs, sobrinhos, tios, primos, vizinhos, colegas, parentes consanguíneos, colaterais, as relações de parentesco, as relações íntimas, próximas, o meio ambiente próximo, as pequenas viagens e passeios, a linguagem, a expressão, os meios de comunicação, os transportes, a locomoção, as estradas, as vias, os caminhos, as entradas, o jornal, o jornalismo, os jornalistas, publicações, cartas, correspondência, telefone, recados, bilhetes, avisos, o intelecto prático, a linguagem do cotidiano, o aprendizado, as primeiras letras, os primeiros anos do ginásio, o movimento, os gestos, a comunicação em geral.
Casa IV (Odu Odí)	A origem, o passado, a casa paterna, o lar, o meu interior, os assuntos domésticos, a família, a infância, a herança genética, o atavismo, os ancestrais, o fim da vida, a mãe, o povo, a popularidade, o alimento, o cuidado, o envolver, a proteção ao jovem, a hereditariedade, a atuação anímica, as emoções, os sentimentos, a imaginação, a memória, a necessidade de segurança emocional, de proteção íntima, os desejos, a vida indistinta, os pais, a base, a formação, o ambiente cultural, linguístico, o território pátrio, os monumentos históricos, as coisas antigas, tradicionais, a bagagem que eu trago comigo.
Casa V (Odu Iorossun)	A vida sentimental, a atuação anímica, as forças devida a origem, as forças e impulsos da vida instintiva, transmitidos pelos pais, os filhos, as criações artísticas, as obras realizadas, o eu sentimental, o eu instintivo, a criatividade, a vontade, a independência, a individualização, o egocentrismo, a alegria de viver, as recreações, os amantes, o amor pessoal.
Casa VI (Odu Oworìn)	A formação de órgãos, o trabalho, o ambiente de trabalho, os servos, os empregados, operários servidores públicos, os subalternos, os inquilinos, pensionistas, a economia do organismo, as enfermidades, os defeitos físicos, os alimentos, as ferramentas e utensílios, as dívidas e créditos, os animais domésticos, pequenos animais, a prestação de pequenos serviços, os serviços de humildes, a saúde, a higiene, a disciplina no trabalho.
Casa VII (Odu Obará)	O outro, o não eu, o distinto, o ambiente social, a coletividade, o relacionamento social, as relações e contratos com os outros, o círculo, a linha, o sócio, o cônjuge, o casamento, os associados, os inimigos declarados, aquele ou aquilo que me complementa.

Casa VIII (Odu Okaran)	A morte, as transmutações, as transformações, a desassimilação, o desgaste, as perdas, a perda da vitalidade, a transformação da matéria prima, o fim de um ciclo e o início de outro, algo de novo que começa após uma crise, a histólise, o renascimento, as vidas paralelas, o oculto, a vida do além, os mortos, a mediunidade, os fenômenos psíquicos, os sonhos, as emoções profundas, as crises, as mudanças, os bens dos mortos, heranças, os legados, o INPS, o testamento, a aposentadoria, o dinheiro do outro, a pensão, o dinheiro do povo, dos cofres públicos, as crises, as angústias, o sofrimento, as provações, as provas, as iniciações, o término de um ciclo de vida, as experiências e o começo de uma nova fase de vida.
Casa IX (Odu Etaogundá ou Ogundá)	A atividade submetida à razão, a vida intelectual, o mental superior, o mental abstrato, as ideias, o pano de fundo das ideias, a filosofia, a religião, a metafísica, o conhecimento superior, o pensamento abstrato, a moral, a ética, o dogma, a lei, a restrição à vida instintiva, a igreja com o pecado do sexo, a busca do ilimitado, as viagens, o estrangeiro, as fronteiras distantes, a visão do mundo, a cosmovisão, o que está distante.
Casa X (Odu Osá)	O futuro, a profissão, as honras, os status, a fama, a posição social, profissional, a busca espiritual, a autoridade, o governo, a atividade produtiva, a extroversão, a luta pela existência, a razão, a vida intelectual, o raciocínio, a estrada da vida, a meta da existência, o ponto de chegada.
Casa XI (Odu Iká)	Os amigos, os planos e projetos para o futuro, as associações grupais, fraternas, as relações futuras, as invenções, as cooperativas, os partidos, o congresso, a liberdade, fraternidade, os amigos novos, o servir ao próximo, as esperanças, a cultura humana, o humanitarismo, a filantropia, a aviação, a tecnologia, os aparelhos eletrônicos, os clubes, a ótica, a casa dos órfãos, dos filhos adotivos ou alunos, a relação entre professor e aluno.
Casa XII (Odu Ejiokô ou Otupon)	A restrição, a casa dos inimigos ocultos, das coisas ocultas, o karma, doenças crônicas, os grandes animais, grandes máquinas, a fusão com o todo, a união mística, o misticismo, a imaginação criadora, a arte, o isolamento, os hospitais, asilos, cemitérios, conventos, as fazendas, os retiros espirituais, os lugares ermos, sítios, lugares sossegados, desertos, os enfermeiros, os laboratórios fotográficos, a prisão, o cerceamento da liberdade, a necessidade de viver o momento de solidão, a renúncia, o amor a Deus, a piedade, a doação, a abnegação, o lado oculto transcendente, as ordens iniciáticas, a fé, a união com o cosmo infinitamente grande.
Casa XIII (Odu Oseturá ou Aláfia)	Esta se remete a tudo que ligado ao passado e as habilidades e facilidades adquiridas.
Casa XIV (Odu Iretê Ou Ogbeteogunda)	Esta casa se remete aos acontecimentos que estão por vir “futuro”.
Casa XV (Odu Osé)	Esta casa remete aos acontecimentos do presente momento da vida de cada um.
Casa XVI (Odu Ofun)	Esta é a casa do Juiz, se remete as respostas para tudo ou intercessão para tudo. É a casa ligada a Orunmilá e Olodumarè.

Fonte: elaborado pelo autor.

Para que se possa fazer a leitura por este sistema, é importante saber como estão relacionados os meses em relação ao eixo externo fixo e os dias em relação ao eixo interno rotacional.

Quadro 39- Eixos e casas

Eixos	Casas
Eixo rotacional interno – dias oito, dezessete, vinte e seis de cada mês	Odu Ejiogbe ou Ogbe (Casa I)
Eixo externo fixo – mês de Janeiro	Odu Ejiogbe ou Ogbe (Casa I)
Eixo rotacional interno – dias treze	Odu Oyekú (Casa II).
Eixo externo fixo – mês de Fevereiro	Odu Oyekú (Casa II).
Eixo rotacional interno	Odu Iworì (Casa III)
Eixo externo fixo – mês de Março	Odu Wiorì (Casa III)
Eixo rotacional interno – dias sete e vinte e cinco	Odu Odí (Casa IV)
Eixo externo fixo – mês de Abril	Odu Odí (Casa IV)
Eixo rotacional interno – dias quatro e vinte e dois	Odu Iorossún (Casa V)
Eixo externo fixo - mês de Maio	Odu Iorossún (Casa V)
Eixo rotacional interno – dias onze, vinte e nove	Odu Oworìn (Casa VI)
Eixo externo fixo – mês de Junho	Odu Oworìn (Casa VI)
Eixo rotacional interno – dias 6, vinte e quatro	Odu Obará (Casa VII)
Eixo fixo externo – mês de Julho	Odu Obará (Casa VII)
Eixo rotacional interno – dias 1	Odu Okaràn (Casa VIII)
Eixo fixo externo – mês de Agosto	Odu Okaran (Casa VIII)
Eixo rotacional interno – dias três e vinte e um	Odu Ogunda ou Etaogundá (Casa IX)
Eixo fixo externo – mês de Setembro	Odu Etaogundá (Casa IX)
Eixo rotacional interno – dias nove e vinte e sete	Odu Osá (Casa X)
Eixo fixo externo – mês de Outubro	Odu Osá (Casa X)
Eixo rotacional interno – dias quatorze	Odu Iká (Casa XI)
Eixo fixo externo – mês de Novembro	Odu Iká (Casa XI)
Eixo rotacional interno – dias dois e vinte	Odu Ejiokô ou Otrupo (Casa XII)
Eixo fixo externo – mês de Dezembro	Odu Ejiokô ou Otupo (Casa XII).
Eixo rotacional interno – dias 16	Odu Oseturá ou Alafia (Casa XIII).
Eixo rotacional interno – dias 15	Odu Iretê ou Ogbeteogunda (Casa XIV)
Eixo rotacional interno – dias 5	Odu Osé (Casa XV)
Eixo rotacional Interno – dias 10	Odu Ofun (Casa XVI)

Fonte: elaborado pelo autor.

3.5 A importância do arquétipo na formação do educando na tradição africana do Ifá

A importância do conceito formador através da imagem pode ter significado universal para todos e o mesmo poderá habitar o consciente imaginário, bem como o inconsciente imaginário dos seres humanos. O que habita o consciente e inconsciente imaginário pode ser muito antigo, ou não, mas universal, ou seja, o significado, seja ele imagético, simbólico ou estético, é para todos; o que possa ser, passará a ter significado representativo, mas mais do que isto, exprimir ideias primordiais, que deram sentido ou significado às manifestações que se tornaram modelo de algo e definem o conceito do arquétipo.

O arquétipo tem sido uma forma de linguagem universal carregada de sensações e emoções, pautada nos aspectos imagéticos, sensorial e estético. Trata-se de uma ideia primordial que tornará algo um símbolo universal. Os hábitos em comum dentre espécies de animais levam-nos a defini-los muitas vezes fazendo comparações e assimilações que no final exprime uma ideia primordial e universal revelando um aspecto positivo ou negativo.

Em épocas passadas - apesar de existirem opiniões discordantes e tendências de pensamento aristotélicas-não se achava demasiado difícil compreender o pensamento de PLATÃO, de que a ideia é preexistente e supra-ordenada aos fenômenos em geral. "Arquétipo" nada mais é do que uma expressão já existente na Antigüidade, sinônimo de "ideia" no sentido platônico. Por exemplo, quando Deus é designado por t. a.e-t.p.. f. ' no Corpus Hermeticum, provavelmente datado do século HI, expressa-se com isso a ideia de que ele é preexistente ao fenômeno "luz" e imagem primordial supra-ordenada a toda espécie de luz (JUNG, 1875-1961, p. 87).

Os mitos revelam arquétipos em qualquer cultura ou tradição de povos, e se tratando dos povos africanos e afrodescendentes brasileiros existem muitos mitos. Os mitos na tradição ou cultura afrodescendente estão presentes dentro das comunidades de terreiros de matriz africana e se tornam importantes, porque não só traduzem o arquétipo, mas, também, o colocam em contato com o mesmo.

O contato com o arquétipo nas comunidades de terreiro e povos africanos está em vestir sua camisa, ou seja, se trata de vivenciar o seu significado em todos os aspectos. É também uma forma de buscar o bem viver. Na presente abordagem desta tese foi possível verificar o quanto os Odus são presentes no significado para comportamento, caráter, presságios e doenças. Trata-se de um método dos primórdios dos tempos, dos povos antigos, que fundamentalmente retrata a ideia primordial; a ideia antes das coisas manifestas. Em si, os Odus descrevem os arquétipos não somente dos seres humanos, mas de toda a criação da vida.

A ciência da psicologia muito tem se aprofundado no significado dos arquétipos e através dos mesmos busca-se analisar e entender o ser humano consciente e inconsciente.

Para C. G Jung (1875-1961), existe a inconsciência coletiva universal e a mesma é o arquétipo, a mesma não se desenvolve, mas é herdada. Na ciência da psicologia os arquétipos estão presentes em formas anímicas representativas, que ajudam na análise do paciente descrevendo seu perfil para posterior diagnóstico.

Do inconsciente emanam influências determinantes, as quais, independentemente da tradição, conferem semelhança a cada indivíduo singular, e até identidade de experiências, bem como da forma de representá-las imaginavelmente. Uma das provas principais disto é o paralelismo quase universal dos motivos mitológicos, que denominei arquétipos, devido à sua natureza primordial (JUNG, 1875-1961, p.71).

Dentro da cultura de tradição afrodescendente, o nome e a data de nascimento dizem muito sobre uma pessoa e todos os acontecimentos e proposições de acontecimentos que o antecede e o sucedem, e na cultura de tradição africana o Odu diz muito sobre a pessoa em relação aos mesmos aspectos descritos anteriormente, a única exceção é que na prática o oráculo do *Ifá* não se usa o nome e data de nascimento do consulente. Destaca-se assim, que existe uma especialidade em prática na cultura de tradição africana e afrodescendente, que é muito eficaz e a mesma traduz o arquétipo da pessoa, previne, interage e aconselha o seu consulente.

Com base nos significados arquetípicos as tradições africana e afrodescendente buscam entender a natureza das coisas, não somente como física, mas também metafisicamente e energeticamente, dimensionando o seu lado positivo e negativo para a pessoa que vive determinado arquétipo. Parte-se do princípio que tudo no universo e até nós mesmos somos energia e o espírito seria uma manifestação cíclica de energia portadora da memória, ou seja, dos arquétipos. Visto que o arquétipo é a presença do seu ancestral, sendo assim, o arquétipo seria a memória também do ancestral do ser humano e o constante movimento cíclico desta memória é o espírito.

Para o afrodescendente das comunidades de terreiros de matriz africana, bem como africana, o arquétipo não é uma escolha, mas, sim, uma herança genética que se fortalece nos seus instintos, percepções ou consciência. Esta herança genética é o espiritual. O arquétipo é o produto da comparação entre duas coisas ou mais, mas sempre aos pares se define as diferenças, princípio este do pensamento binário tão bem desenvolvido na *tradição do Ifá*. A assimilação dos povos é possível de boca a ouvido através de mitos, mas a

incorporação de todos os aspectos de um arquétipo por uma pessoa se torna impossível, se não genética (espiritual).

Para tanto, nascemos e crescemos criando afinidades e manifestando instintos, e o mesmo só é possível porque algo mais forte e gritante, muito mais inconsciente do que consciente, está dentro de nós, promovendo indiretamente todas as afinidades; daí o fator de ser genético (espiritual).

Uma concepção amplamente difundida concebe o espírito como um princípio de atividade superior, e a alma como inferior; inversamente, entre certos alquimistas o espírito é visto como *ligamentum animae et corporis* sendo que obviamente é considerado como *spiritus vegetativus* (posteriormente, espírito da vida ou dos nervos). É também comum a concepção de que espírito e alma são essencialmente a mesma coisa, só podendo ser separados arbitrariamente. Em WUNDT o espírito é "o ser interior, independentemente de qualquer conexão com um ser exterior". Outros limitam o espírito a certas capacidades, funções ou qualidades psíquicas, tais como a razão e a capacidade de pensar frente às, *faculdades afetivas* "da alma". Para estes autores o espírito significa o conjunto dos fenômenos do pensamento racional, ou seja, do intelecto, incluindo vontade, memória, fantasia, poder criativo ou motivações determinadas por um ideal. Outro significado de espírito outorga-lhe uma conotação "espirituosa", a qual supõe uma dinâmica surpreendente, multifacetada, rica em conteúdo e engenhosidade, brilhante, surpreendente e cheia de humor. Além disso, o espírito é designado como uma certa atitude ou seu princípio subjacente, como por exemplo educar "no espírito de Pestalozzi" ou "o espírito de Weimar é a herança imortal dos germânicos". Um caso especial é o espírito da época, o qual representa o princípio e motivo de certas concepções, julgamentos e ações de natureza coletiva. Existe ainda um chamado espírito objetivo, que significa o acervo total das criações culturais do homem, particularmente de natureza intelectual e religiosa. O espírito, compreendido como atitude, tem - como demonstra o uso corrente da língua - a tendência inconfundível à personificação: o espírito de Pestalozzi também pode ser tomado num sentido concretista, como seu espírito, isto é, a sua *imago* ou fantasma, bem como os espíritos de Weimar podem ser os espíritos pessoais de Goethe e Schiller, pois espírito tem ainda sempre o significado de aparição de fantasma, isto é, a alma de um falecido. O "sopro fresco do espírito" indica, por um lado, o parentesco originário da ψυχή com ψυχρός e ψύχος sendo que estes dois últimos têm o sentido de frio e, por outro lado, o significado originário de πνεύμα, o que designa somente "o ar em movimento"; animus e anima, por sua vez, têm a ver com άνεμος (vento). A palavra alemã *Geist* (espírito) deve relacionar-se mais com algo que espuma e borbulha, razão pela qual não se pode rejeitar seu parentesco com *Gischt* (espuma), *Gäscht* (bolha), *Gheest* (fantasma) e com o *Aghast* (irritação) emocional. A emoção é concebida como possessão, desde os tempos mais remotos, e por isso dizemos ainda hoje que um indivíduo irascível é possuído pelo demônio ou por um mau espírito, ou é por eles cavalgado, ou que um espírito dessa categoria entrou neles³. Tal como os espíritos e as almas dos mortos são, segundo uma antiga visão, de constituição sutil, semelhante a um sopro de vento, ou fumaça, o *spiritus* significa também para o alquimista uma essência sutil, volátil, ativa e "vivificante" como, por exemplo, o álcool era compreendido, assim como as demais substâncias arcanas. Neste nível, o espírito é espírito do vinho, espírito do amoníaco, espírito fôrmico, etc. (JUNG, 1875-1961, p. 207).

Cada um dos 16 Omo Odus dentro das *tradições africana do Ifá* são instituidores dos arquétipos conhecidos pela humanidade. São eles a manifestação dos mesmos presentes

nos hábitos, costumes, personalidade, caráter, comportamento, filosofia de vida, doenças e profissões. Nas tradições afrodescendentes do Brasil os arquétipos estão presentes no estereótipo de cada divindade vinda do panteão africano, são elas Orixás, Voduns e Inkises. Dentro dos terreiros de matriz africana no Brasil as divindades citadas são conhecidas e tidas como aqueles que regem os seus descendentes ancestrais, no caso, humanos, e os mesmos herdam seus arquétipos que lhes trarão presságios bons e ruins. Os arquétipos que as divindades trazem aos seus descendentes são os mesmos dos Odus, o que esclarece que cada divindade detentora de certos aspectos é na verdade portadora de um específico Odu.

O arquétipo seria, dentro da tradição herdada da África, a força manifesta pelo próprio Odu, que está além da nossa compreensão e o mesmo nos antecede, mas permite-nos a interação por ser tratar de algo herdado e gerado na sociedade. Na psicologia símbolos e sinais descrevem os arquétipos de cada ser e os símbolos seriam a manifestação física do arquétipo, que é provido de uma linguagem que está presente na comunicação dos seres. Na tradição herdada dos ancestrais no Brasil, os arquétipos seriam manifestações não somente simbólicas na comunicação entre seres, mas também que introduzem personalidade e caráter que resultam da percepção, pensamento, sentimento e intuição de cada um, os mesmos seriam inteligências.

Minha tese é a seguinte: à diferença da natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de carácter coletivo, não-pessoal. Ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de natureza inteiramente pessoal e que - mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal - consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tomar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência (JUNG, 1875-1961, p. 54).

Vivemos atualmente a era dos arquétipos, que se tornaram meios para conduzir, credibilizar ou fidelizar, dogmatizar, identificar, influenciar e educar a humanidade. No tocante a cada um dos aspectos citados, os arquétipos são usados pelas religiões, política, marketings, psicologia, ciências humanas, ciências da saúde e de formação de carreira.

As religiões por meio das doutrinas e dogmas estigmatizam certos arquétipos que provocam o medo. Estes arquétipos definem o pecado, seriam proibições para que os fiéis não corram o risco de ir ao inferno, que em si já é um arquétipo. O divino (Deus) na sua representação onipotente, onisciente e onipresente é o arquétipo instituído como referencial de bons hábitos e costumes a serem seguidos e os que provocam repulsão e medo a serem evitados. Neste aspecto, temos o arquétipo hereditário por ser antigo e muito forte sobre a

humanidade e ancestral, no qual por toda a nossa história as religiões têm mantido o controle sobre a humanidade; ser virtuoso e puro seria a busca de todo cristão e ser pagão aquele que não merece o céu. O arquétipo, por sua vez, é usado para exercer dentro das religiões muito poder sobre a humanidade, sendo que o dogma e a doutrina influenciam, fideliza e conduz o fiel.

No âmbito político o arquétipo ocorre através da promoção e fabricação da imagem pessoal do político e por meio de marketings de persuasão busca-se estruturar um perfil desenvolvido com base no arquétipo que atende o apelo ideológico do seu público-alvo. No caso político, se trata de convencer o povo, credibilizá-lo com os objetivos, fazê-lo acreditar; neste caso, o arquétipo formam ídolos, mártires. O idólatra nesta probabilidade busca se sentir compensado ao se tornar representado nos seus ideais. A crença, a fé em algo tem sido através dos séculos um fator genético na humanidade, funciona como a mola propulsora da sociedade, se tornou uma necessidade para a sociedade crer em algo, ter esperanças, colocar créditos de intenções e, para tanto, a política achou um modo de tornar isto legítimo através do voto.

O arquétipo é o meio pelo qual manifestamos por idolatria ou encantamento a nossa fé, postamos nossos créditos, porque existe uma impulsividade em sonhar, esquecemos que podemos ser manipulados ou enganados, muitas por aqueles que fazem mau uso dos arquétipos. Um exemplo da manipulação negativa do arquétipo que une religião política e publicidade recente no Brasil seria a referência dada ao então presidente Jair Bolsonaro pelas igrejas evangélicas que ele seria o Messias (Deus), outra que segue seria uma propaganda veiculada na mídia que Jair Bolsonaro seria o Leão da propaganda, enquanto que aqueles que ele considera como seu adversário, Hiena. Alguns analistas dizem ser uma tentativa de Jair Bolsonaro tentar se passar pelo Leão de Judá que seria o próprio Jesus, passar uma mensagem procurar igualá-lo a ídolo em busca de arrebanhar pessoas tem sido uma forma negativa de manipular a sociedade com o uso do arquétipo.

O arquétipo pode ser a peça fundamental para se criar um mito, seja ele positivo ou negativo, no sentido de dogmatizar (manipular) a sociedade politicamente ou religiosamente. O mesmo é atrelado ao referencial mitológico enraizado na humanidade como forma herdada (genética), a fim de que o ser humano se submeta ao sistema de fins ideológicos que privilegiam poucos.

Assim como os arquétipos ocorrem a nível etnológico, sob a forma de mitos, também se encontram em cada indivíduo, nele atuando de modo mais intenso, antropomorfizando a realidade, quando a consciência é mais restrita e fraca,

permitindo que a fantasia invada os fatos do mundo exterior. Esta condição é dada indubitavelmente na criança em seus primeiros anos. Para mim é mais provável que a forma arquetípica do par divino recubra e assimile a imagem dos pais verdadeiros, num primeiro momento, até que, com o desenvolvimento da consciência, a forma real dos pais seja percebida, não raro para o desapontamento da criança. Ninguém sabe melhor do que o psicoterapeuta que a mitologização dos pais se prolonga muito tempo através da idade adulta, e só é abandonada após uma grande resistência (JUNG, 1875-1961, p. 79).

A publicidade (marketing) tem como foco a sua identidade com algo para buscar provocar-lhe sensações, encantamentos, assimilações e comparações, em virtude do que é promovido através do que se vê e do que se ouve; é uma ferramenta aliada e primordial à política em face à ideologia que se busca promover, bem como a manipulação, comercialmente uma forma de captar o cliente e até mesmo fidelizá-lo, mas, primordialmente, fazer com que haja identidade entre o cliente a ideologia ou o produto que se busca comercializar. Este papel da identidade com o produto só é possível através dos arquétipos presentes nas relações humanas.

A psicologia enquanto ciência humana não poderia deixar de lado o estudo dos arquétipos na humanidade por meio da arte, do comportamento humano e das representações e referências de cada sociedade o que interfere diretamente no comportamento de cada ser humano, na identidade, na formação do caráter, personalidade e filosofia de vida. Também a psicologia em se tratando de ciência médica tem evoluído e vislumbra tratar doenças psicossomáticas e de somatização (síndrome do pânico, transtorno bipolar do humor, depressão, ansiedade). Existe também dentro da psicologia a preocupação com a formação de carreira que, assim como as divisões da psicologia citadas anteriormente, busca entender o ser humano através dos arquétipos.

O arquétipo tem se tornado altamente relevante em se tratando de humanidade e é também uma arma que há séculos usa-se para manipular a humanidade. Dentro do pensamento da *tradição africana do Ifá* não existe o propósito da manipulação; este ocorre nas religiões de matriz africana no Brasil, e na psicologia. Visto que o interesse maior para *tradições africanas do Ifá* e das religiões de matriz africana no Brasil é a identificação do arquétipo de cada ser consulente desta tradição, e por meio da identificação buscam-se interagir com as probabilidades de presságios, a fim de diminuir causas e efeitos na vida do consulente, os arquétipos de cada indivíduo consulente são conhecidos quanto ao comportamento, temperamento, personalidade e caráter, que é uma especificidade de cada ser. Cada ser dentro das religiões de matriz africana pode ser visto como uma combinação de arquétipo.

Na seção anterior trouxe a avaliação de uma pessoa no qual o seu nome é Ângelo Duarte Silvino, nascido dia 21 de Abril de 1503. Nesta seção abro para a avaliação de qualquer nome, seguido da sua data de nascimento, em virtude do fato que o nome avaliado no método de divinação, anteriormente explicitado, revelou todos os arquétipos que descrevem o ser humano em análise através do significado dos Odus. Para fazer a avaliação basta substituir o nome e data de nascimento nos procedimentos apresentados na seção anterior.

Os arquétipos, por sua vez, na questão inerente a Odus, acentuam probabilidades na saúde e de acontecimentos no cotidiano, além de descreverem personalidade, caráter, temperamento humano; por vezes, variações possíveis acontecem no sentido de assimilações dos presságios, ou seja, o comportamento humano pode se adaptar ou mudar em virtude dos acontecimentos (presságios).

Entendo que os presságios são proposições de pré-acontecimentos que confluirão para o destino. Eles podem ser importantíssimos para análise em função de agregar valores até mesmo nas mudanças do comportamento humano. Ancorado na tradição que me foi herdada dos ancestrais africanos, trago a reflexão das causas e efeitos dos arquétipos de cada um para que possam se pautar das melhores possibilidades que são prováveis.

O arquétipo tem sido nestes tempos algo provocador de um fenômeno na sociedade, seja ele de encantamento, aprendizados ou ideologias para a tradição africana herdada por nós brasileiros. Neste aspecto, a ideologia de pensamento não tem sido o foco, mas o ideal de se equilibrar com o meio que vivemos somados ao encantamento e aprendizados.

Não quero acumular exemplos desnecessários. Basta saber que não existe uma só ideia ou concepção essencial que não possua antecedentes históricos. Em última análise, estes se fundamentam em formas arquetípicas primordiais, cuja concretude data de uma época em que a consciência ainda não pensava, mas percebia. O pensamento era objeto da percepção interior, não era pensado, mas sentido como fenômeno, por assim dizer, visto o» ouvido. O pensamento era essencialmente revelação; não era algo inventado, mas imposto ou algo que nos convencia por sua realidade imediata. O pensar precede a consciência do eu primitivo e esta é mais seu objeto do que sujeito. Mas nem mesmo nós escalamos ainda o último pico da consciência e temos portanto um pensar preexistente, de que não temos consciência enquanto nos apoiarmos em símbolos tradicionais: na linguagem do sonho, enquanto o pai ou rei não tiverem morrido (JUNG, 1875-1961, p. 42- 43).

Essencialmente o Fenômeno é um agente provocador de encantamentos dentro da *tradição africana do Ifá*. É primordial para haja o entendimento e consequentes aprendizados nas relações sociais *da tradição do ifá*, o que não é diferente nas *comunidades de tradição*

afrodescendentes brasileiras. Tudo está contido nos mitos contados de boca a ouvido e nas cinestésias das relações com a natureza, entendidas e cultuadas como a materialização e manifestação do divino criador, levando-nos a definir o fenômeno do divino criador como ser que é tocável e encantado, do qual somos partes do mesmo. Surge neste princípio a consciência com o meio que vivemos, onde a natureza por si é sentida como algo divinal e, por sua vez, é cíclica e autorrenovável, levando o ser humano a inserir-se na filosofia de pensamento, agindo em prol do equilíbrio da natureza em consoante ciclicidade e renovação do meio ambiente. Ou seja, entende-se o divino criador como sendo um grande organismo (meio ambiente), no qual somos células vivas e muitas vezes o seu próprio anticorpo.

Consoante ao fenômeno como provocador da sensibilidade humana, não poderia deixar de dizer que o mesmo força a interpretação das coisas, mas não somente isso, ele ajuda diante da sensibilidade provocada no ser em virtude do sentimento interiorizar, não somente reações químicas, mas também nas memórias. As memórias são supras necessidades humanas, visto que agrega sabedorias ancestrais, e que poderá fazer toda diferença nos dias atuais frente à educação que se mostra antagônica.

O processo de identificação dos arquétipos pessoais de cada um tem uma enorme propriedade com a análise do ser e pode fornecer muitas informações sobre uma determinada pessoa a fim de priorizar as potencialidades e habilidades de cada um. Digo os arquétipos pessoais de cada um, porque ao contrário da psicologia, a tradição afrodescendente brasileira das comunidades de terreiro por mim herdada pauta-se de seis arquétipos na construção do ser, que são de combinações de Odu.

Figura 24: Instrumento de análise dos arquétipos individuais

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS ARQUÉTIPOS INDIVIDUAIS

DATA __/__/____.

NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO: __/__/____.

MISSÃO DO ARQUÉTIPO ANCESTRAL: __ + __ + __ + __ + __ + __ = __ (_____).

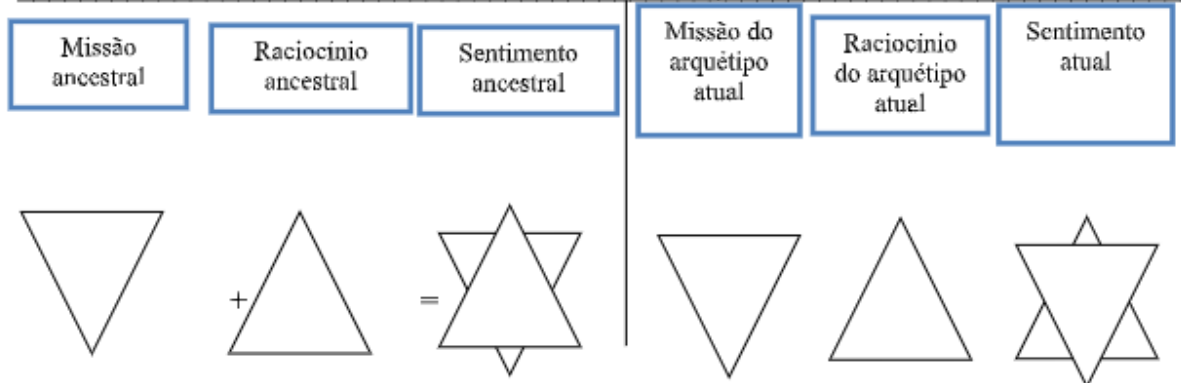
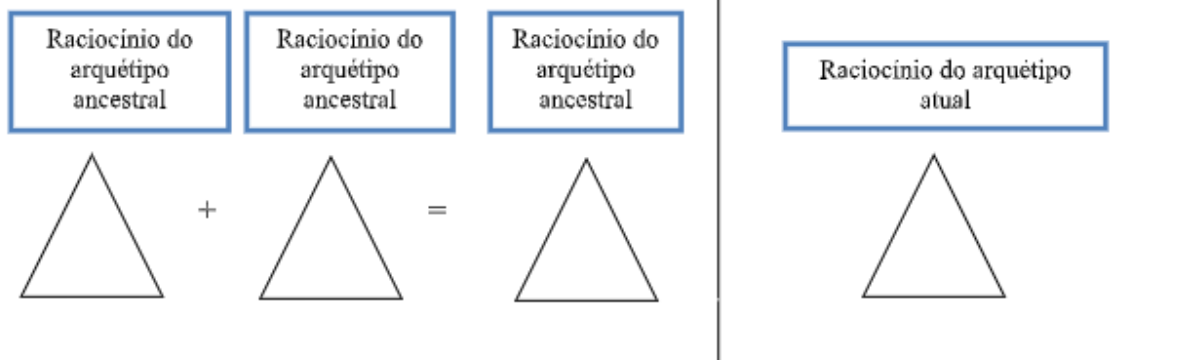
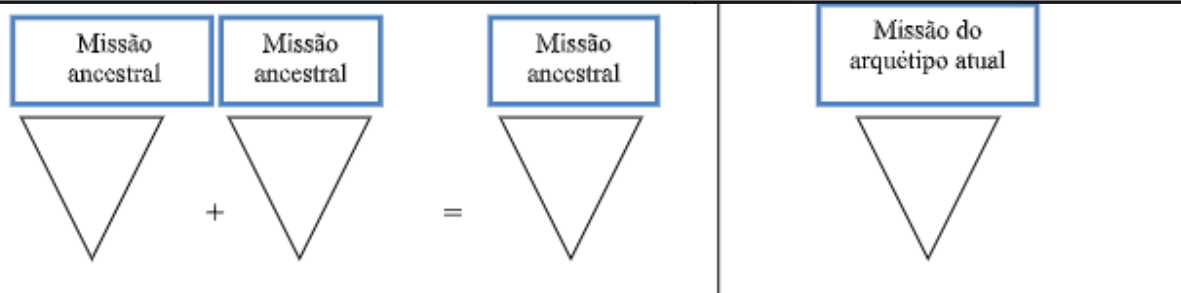
MISSÃO DO ARQUÉTIPO ANCESTRAL: __ + __ + __ + __ + __ + __ = __ (_____).

RACIOCÍNIO DO ARQUÉTIPO ANCESTRAL: __ + __ + __ + __ + __ = __ (_____).

RACIOCÍNIO DO ARQUÉTIPO ANCESTRAL: __ + __ + __ + __ + __ = __ (_____).

MISSÃO DO ARQUÉTIPO ATUAL: __ + __ + __ + __ + __ + __ = __ (_____).

RACIOCÍNIO DO ARQUÉTIPO ATUAL: __ + __ + __ + __ + __ = __ (_____).



Fonte: elaborada pelo autor.

Procedimento para determinar os arquétipos individuais de uma determinada pessoa:

Quadro 40- Passo a passo para determinação dos arquétipos individuais

Passo a passo da determinação dos arquétipos individuais	
1º passo	Escreva o nome completo e a data de nascimento da pessoa a ser avaliada, caso a pessoa seja mulher deverá ser escrito o nome de batismo e não de casada.
2º passo	Busque saber qual o número do planeta é relativo à sua data de nascimento, caso seja dois ou um anote. Para isto, verifique na subseção 3.1.1 o planeta referente à data e na subseção 3.2 número referente ao planeta.
3º passo	Anote na linha da missão do arquétipo ancestral em cada espaço o número de letras de cada nome do nome completo e no final o número correspondente ao planeta em relação à data de nascimento da pessoa a ser analisada. Em seguida também coloque na linha pontilhada o último número do ano de nascimento (ex: 1959 anote o nº9) mais o segundo número do mês de nascimento (ex: mês 10 anote o nº 0). Se atente para as seguintes observações: se o nome da pessoa for composto de duas palavras deverá ser anotado também o penúltimo número do ano de nascimento mais o último número (ex: 1959 anote 5 e 9 em cada espaço), caso o nome da pessoa tenha mais que quatro palavras deverá ser anotado no máximo as quatro primeiras palavras do nome mais o segundo número do ano de nascimento mais o planeta. No caso de haver dois planetas deverá ser feita na segunda linha da missão do arquétipo ancestral a mesma soma dos números, somente substituindo o número do planeta pelo outro, em seguida some e anote o resultado.
4º passo	Para determinar o número do raciocínio do arquétipo ancestral deve-se somar o número do planeta mais os números resultantes da soma das palavras de cada nome, não podendo passar de quatro palavras do nome da pessoa em questão. Caso haja dois números de planetas deve-se na linha abaixo repetir a soma das primeiras quatro letras do nome substituindo pelo segundo número do planeta em questão, some e anote. Caso a pessoa só tenha dois ou três nomes em questão mesmo assim some somente o nome mais o número do planeta. Caso o número resultante seja maior que dezesseis, some o número resultante para obter o resultado. Ex: $17 = 1+7 = 8$
5º passo	Para determinar a missão do arquétipo atual devem-se somar o número de letras de no máximo das quatro primeiras palavras do nome da pessoa em questão mais o segundo nº do mês de nascimento (ex: mês 10 anote nº 0). Caso haja somente duas ou três palavras formando o nome, anote somente os números de cada palavra e some. Caso o número resultante seja maior que dezesseis, some o número resultante para obter o resultado. Ex: $17 = 1+7 = 8$
6º passo	Para se determinar o raciocínio do arquétipo atual devem-se somar somente o número de letras de no máximo as quatro primeiras palavras se houver, caso haja 3 palavras ou duas, some as que tem e neste caso não se somará o número do mês e nem o número do planeta. Caso o número resultante seja maior que dezesseis, some o número resultante para obter o resultado. Ex: $17 = 1+7 = 8$
7º passo	De posse dos números resultantes de cada soma na Figura 11- Ideogramas dos Odus verifique o desenho do ideograma de Odu relativo a cada número e anote o desenho em cada triângulo específico.
8º passo	Após assinalar cada ideograma de Odu some-os, segundo o procedimento para soma dos Odus, na subseção 3.2 e anote o ideograma resultante e seu subseqüente nome.

9º passo	Os ideogramas de Odu resultantes devem ser anotados na terceira linha de triângulos e somados a fim de determinar-se o ideograma do Odu do sentimento ancestral e do sentimento atual seguindo o 8º passo para fazer a soma.
10º passo	Em seguida busque ler o significado de cada Odu resultante das somas na subseção 3.2.1 e você conhecerá o que determina cada arquétipo de Odu para a pessoa.

Fonte: elaborado pelo autor.

Observação importante em se tratando de diferentes tipos de arquétipos resultantes das somas:

- a) *Missão do arquétipo ancestral está relacionada à busca ou renovação incessante presente na ancestralidade da pessoa em questão, em função dos laços sanguíneos e consanguíneos por afinidades e até mesmo heranças genéticas que podem acometer a pessoa de doenças ou boa saúde.*
- b) *Raciocínio do arquétipo ancestral se remete ao padrão de raciocínio, seja ele filosófico ou criativo, em virtude do que o arquétipo institui de valores, caráter, personalidade e temperamento humano.*
- c) *Missão do arquétipo atual muitas vezes se opõe ao arquétipo ancestral ou agrega outros valores, seja a limitação imposta ou valores; será ele o importante agente para superação de limites e aberturas para novos conhecimentos frente à renovação cíclica necessária.*
- d) *Raciocínio do arquétipo atual se trata do pensar filosófico e criativo atual com especificidade que trará novos paradigmas em função dos já existentes na própria herança ancestral de cada um. É o agente dotado de novas virtudes e criticidades para interpor, agregar e renovar as bases filosóficas e criativas frente às necessidades de adaptações dos arquétipos ancestrais. Para tanto, o mesmo poderá estar em confluência com aspectos contemporâneos, moderno, pós-moderno e tribal.*

A importância desta discussão encontra-se pautada na significativa tradição afrodescendente, visto que dentro da filosofia da *tradição do Ifá* somos herdeiros e também produzimos efeito. Quero dizer com isto que na categoria de povo miscigenado de povos de várias etnias pudemos cognir informações e acrescentar isto aos nossos costumes e tradição, e todo ato de interação com saberes provindo da memória de um povo não poderia tomar para si outro nome que capacidade interdisciplinar. Eis que aqui abordei dentro dos paradigmas e arquétipos de um povo uma forma de analisar, uma forma de comunicação específica de um povo afrodescendente.

4 A EPISTEMOLOGIA DO PENSAR INTERDISCIPLINAR AFRICANO: UM MODELO QUE VISA DESENVOLVER HABILIDADES ATRAVÉS DO RACIOCÍNIO HUMANO

Entendo a epistemologia como uma das principais áreas da filosofia que busca compreender as formas para obter ou tornar possível o conhecimento. Nela se contesta o fato do conhecimento ser absorvido totalmente ou não, a sua origem e, a priori, a sua importância. Além de ser a filosofia da ciência, se torna a teoria do conhecimento se relacionando com a metafísica e a lógica.

Epistemologia é a teoria do conhecimento. Trata do conhecimento como matéria universal e procura desvendar o que está envolvido no processo de conhecer. Formula perguntas como: Existe algo comum a todas as diferentes atividades a que aplicamos o termo “conhecer”? O conhecimento será um tipo especial de ato mental? Se assim for, qual é a diferença entre conhecer e crer? Poderemos conhecer alguma coisa além dos objetos com que travamos contato pelos nossos sentidos? O conhecer faz alguma diferença para o objeto conhecido? (KNELLER, 1966, p. 19).

Em virtude de tudo que foi dito acima, nada do que vem sendo estudado até aqui foge dos critérios que tornam a tradição do pensar filosófico do *Ifá* uma epistemologia, pois a mesma se torna linguagem epistemológica partindo de uma filosofia do pensar africano, do método lógico e binário de pensar, da relação metafísica que não traz somente os valores do bem viver, mas também o postulado que forma a filosofia africana.

Desta epistemologia, como em todas as epistemologias, nasce a teoria do conhecimento, mas com o diferencial de valorizar a memória. O tocante fator cíclico do ato de memorizar torna possível desenvolver a interdisciplinaridade como forma não somente de concentrar os valores de um povo, mas também de desenvolver conceitos individuais e coletivos.

Ao contrário do psicólogo, o epistemologista não está interessado em reunir e classificar fatos sujeitando-os a uma análise estatística. O epistemologista possui idéias sobre o modo como as pessoas pensam e sentem, mas não pretende estar habilitado a explicá-las cientificamente. Examina os conceitos psicológicos relevantes como percepção, memória e reforço, a fim de determinar se são coerentes, não forçosamente com os fatos, mas com eles próprios (KNELLER, 1966, p. 20).

A importância do conceito não está somente no fator resultante de opinião, mas, sim, na capacidade interdisciplinar desenvolvida para se chegar ao mesmo. Existe, para tanto, como dito antes, habilidades a serem desenvolvidas e associadas no cérebro, por meio de

dispositivos cognitivos. Parte-se do princípio de: como é a relação humana com o todo e quais dispositivos ou fenômenos podem ser marcantes nesta busca?

A estrutura, bem como tudo que possa validar o conhecimento através do entender e apreender, é a base da tradição africana do *Ifá*, que por ser interdisciplinar é relevante e inusitada diante de outro pensar epistemológico nos diversos sistemas de ensino pelo mundo.

De acordo com Eliade (1992), mito é no mínimo o relato do que é sagrado, ou seja, um evento primordial ocorrido no início dos tempos, do que se passou *ab arigne*¹⁷, que na filosofia se explica como origem do que somos.

A filosofia africana trabalha a dinâmica do pensar, conexas as análises de proposições e probabilidades, tudo que pode ser trazido ao conhecimento. Por mais que pareça sem lógica ou subjetiva, é valorizado este tipo de raciocínio. A princípio, o tipo de raciocínio é como silogismo¹⁸ (modelo de raciocínio baseado na ideia da dedução, composto por duas premissas que geram uma conclusão), mas a dinâmica interpretativa por detrás da dedução busca entender primeiramente para posteriormente aprender e confirmar possíveis possibilidades ou probabilidades diversas do cotidiano do ser humano. O corpo de conhecimentos é sempre multidimensional na compreensão e expressão visando a maior absorção de informações interdisciplinar possível, sendo que desse princípio se promove o desenvolvimento da capacidade analítica pautada nas várias vertentes de possibilidades e probabilidade que um aprendizado pode promover.

A lógica é o estudo do pensamento correto. Examina as regras de inferência válida, que nos habilitam a passar com êxito de um argumento para outro. Estabelece critérios, tais como o princípio da autocontradição ou a lei de exclusão do termo médio, que nos habilitam a avaliar a coerência interna de afirmações. Daquilo que nos é dado e aceito como auto-evidente ou já demonstrado, passamos a algo que necessariamente se segue – ou com a maior probabilidade. As crianças de escola, por exemplo, cometem uma inferência quando dizem ao professor que sabiam ter chovido porque o chão estava úmido [...] A lógica, portanto, trata do que as nossas proposições afirmam; mas de que maneira um indivíduo concretamente pensa, quando afirma essas proposições, é um problema irrelevante para a lógica. A nossa apreensão de um silogismo, por exemplo, pode ser estudada como um evento psicológico, visto ser um ato do pensamento; contudo, o silogismo que apreendemos não é em si evento psicológico, mas, pelo contrário, uma relação entre as formas de três proposições (KNELLER, 1966, p. 31- 34).

Segundo Martins (2012), para entender todas as vertentes do pensamento que envolve *Ifá*, é importante compreender a Geomancia (adivinhação através da terra), que tem o

¹⁷ *Ab origine*: desde o princípio.

¹⁸ Silogismo: raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições (premissas), das quais se obtém por inferência uma terceira (conclusão) [p.ex.: "todos os homens são mortais; os gregos são homens; logo, os gregos são mortais"].

corpo dos Odus (signos) como base para sua interpretação e traz grande importância intelectual, pois

Na Pérsia, nos séculos VIII e IX, ou seja, na florescência da cultura Iraniana, a Geomancia era matéria ensinada em universidades célebres, como a de Bagdá, e estudada pela elite intelectual da época. Foram os Sábios formados nessas universidades que, junto com a filosofia e as ciências adquiridas, levaram a Geomancia a Alexandria, ao Cairo, ao Sudão e à Europa, tendo na última como porta de entrada a Espanha, onde a influência da civilização árabe ainda hoje é notável (MARTINS, 2012, p. 33).

Dentro dessa filosofia nada morre, simplesmente deixa de ter um corpo, nada é intocado, seja divinal ou ancestral. Nessa filosofia nada é impossível, porque a mesma se baseia, em princípio, na mutação, renovação e transformação; nessa filosofia nada é inimaginável, que por isso se tornou divinal a ponto de não ser tocado. Não poderia deixar de dizer que na filosofia do *Ifá* a renovação é uma forma de agregar os conhecimentos dos ancestrais, também é a forma de manter a memória e se tornar memória a fim de se ter raízes, tronco e os galhos da árvore genealógica da vida bem estruturada. Em outras palavras, renovar não significa, para a tradição e filosofia do *Ifá*, esquecer seus ancestrais e suas memórias.

Na representação dos pensamentos sintetizados em frases ou em mitos podemos ter a designação numérica binária que foi e é uma forma de codificação da ciência filosófica do *Ifá*. A maneira como os padrões estão representados binariamente é semiótica, ou seja, através de signos, sendo estes formados cada um por dois elementos de um grupo de quatro que são conhecidos como terra, fogo, água e ar, citados posteriormente como estruturas dos signos dos Odus.

A filosofia do *Ifá* começa a se moldar através dos princípios que obedecem ao desenvolvimento de ideias com base na lógica binária de interpretação do Odu em face aos fenômenos naturais bem como aos fatos do cotidiano dos seres humanos. A forma de raciocínio concebida por *Orunmilá*¹⁹ 6.000 anos atrás contempla o raciocínio binário como o meio pelo qual o cérebro desenvolve e amplia suas potencialidades. A filosofia detalha codificadamente a estrutura do pensar inter-relacional em relação a como tudo que compreende as formas da natureza e vida, seja material ou espiritual (imaterial), está relacionado aos fatos e acontecimentos do dia a dia.

¹⁹ Na mitologia Yoruba, *Orunmilá* é um orixá, e divindade da profecia. Também é chamado *Ifá*, que é de fato a incorporação do conhecimento e sabedoria e a forma mais alta da prática de adivinhação.

Dentro da *tradição do Ifá* o equilíbrio natural só é possível quando atende ao critério da ciclicidade. A mesma significa o intenso movimento da vida (energia vital) que deve estar em constante renovação atemporal, que só é possível através do ganho e perda do corpo físico, da importância que envolve o mistério da vida de cada indivíduo (evolução), a reprodução e principalmente o significado e importância de tudo para o meio no qual vivemos seja de valores ou renovação.

Os princípios de possibilidades de comparações e interpretações filosóficas da *tradição do Ifá* não contradizem o princípio da identidade, da não contradição, do terceiro excluído e da razão suficiente, pois os mesmos, dentro da filosofia contemporânea, estão de acordo com a forma de raciocínio binário de comparação e identificação que ocorre na tradição filosófica do *Ifá* há mais de 6.000 anos. A diferença que ocorre na adoção de tais princípios está em como eles podem ser cognitivos e epistemológicos, a fim de desenvolverem as habilidades mentais que no caso do *Ifá* estão ligadas à lógica, à potencialidade da memória e à relação do aprender e entender partindo do ponto de vista interdisciplinar e transdisciplinar do desenvolvimento humano. No aspecto que tange a multidisciplinaridade, ela é o foco dos princípios da tradição africana do *Ifá*, mas no tocante a formação do aprendiz no aspecto inter-relacional e interpessoal a interdisciplinaridade, é formadora para instrumentalizar a formação do ser interdisciplinar. O ser humano que não tem a estrutura interdisciplinar de raciocinar não terá como consolidar o conhecimento multidisciplinar, ou seja, criar conceitos em virtude da formação interior esta relacionado como dito aos aspectos inter-relacional e interpessoal que garantem a sua estrutura de cognição interna do pensar para colocá-lo em conexão com o coletivo e as múltiplas interdisciplinaridades.

O que se busca nestes aprendizados (educação) é sempre a constante renovação, que na tradição *Ifá* quer dizer *Àtúnwá*, no seu sentido mais amplo da vida para onde todo conhecimento verte inovações na vida social, saúde, política, ciência, religião e vida emocional. A tradição filosófica do *Ifá* por estar em constante renovação é um ensinamento que se inova para o ensino pedagógico e andragógico²⁰, ou seja, é o caminho que se relaciona na renovação, conseqüentemente, o aprimoramento do mais novo e do mais velho.

Dentro da *tradição africana do Ifá* não haverá a boa formação da identidade, caráter e personalidade sem os valores e virtudes que contribuem para a formação e equilíbrio

²⁰ Andragogia é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender, segundo a definição cunhada na década de 1970 por Malcolm Knowles. O termo remete para o conceito de educação voltada para o adulto, em contraposição à pedagogia, que se refere à educação de crianças (do grego paidós, criança).

do indivíduo. De acordo com Xavier (2004), os yorubás têm quatro grandes valores e virtudes que permanecem na ciclicidade chamados de Iwá Pele, Abá, Axé e Suru. Os mesmos se inserem como princípios da hermenêutica do bem viver.

O Iwá Pele significa o bom caráter paralelo à integridade. Estas combinações garantem a inserção e aceite do indivíduo na sociedade, exercendo o papel de credibilidade aos propósitos da criança que precisa de apoio na formação identitária, sendo este valor a base da oralidade através da fala dos ancestrais que trazem credibilidade e segurança e como transmissores do valor existem os mitos com versos e parábolas, contribuindo com o seu significado para aquele que vem para saudar a terra, viver em harmonia com a terra, ou seja, compreender o mundo em que vivemos.

Em seguida temos o Abá (valores) que significa desígnio que retrata a definição do seu lugar como ser humano na história do seu povo em virtude do que ele representa e de sua árvore genealógica, de onde um indivíduo se fortalece na relação com o outro.

No tocante ao Axé o mesmo significa a força de realização, sendo, desta forma, a força que move e faz história (memória), a energia que liga o ser humano à presença divina e à ancestralidade; é a interação com o espiritual como parte que o completa e permite as transformações. O Suru é o exercício constante da virtude por se tratar da paciência para saber esperar certo resultado que irá se resumir no exercício para o equilíbrio com a natureza e a vida em geral.

A educação na *tradição do Ifá* é técnica, trata-se do processo contínuo no qual os seres humanos se inserem no desenvolvimento das suas capacidades morais e intelectuais, a fim de se integrarem ou interagir com a coletividade. É desta forma técnica que a *tradição do Ifá* vem contribuindo para a estruturação social do seu povo. Também é desta forma na qual se prioriza desenvolver as potencialidades interdisciplinares do *Ifá* que vislumbramos ser de grande importância para a pedagogia brasileira, de acordo com a Lei 10.639/03.

Identidade é de fato algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática é aquilo que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentro de um certo sistema de relações. O idem latino faz referência à igualdade ou estabilidade das representações, possibilitadas pela ordem simbólica e pela linguagem, mas também à unidade do sujeito consigo mesmo. A consciência, enquanto forma simbolicamente determinada, é lugar de identidade (SODRÉ, 1999, p. 35).

A identidade individual e coletiva tem suas bases ou pontos de referência em conhecimentos vividos pessoalmente e em ensinamentos, na tradição em grupo, etc. Esses itens são encontrados na memória. É ela que guarda as diretrizes de organização e de aceitação de um grupo social (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

O cérebro humano é um sistema que trabalha com o entendimento lógico e por milhares de anos a filosofia do pensar africano tem como ideologia o pensamento que não existe o impossível; o *Ifá* é o exemplo disto. Percebeu-se dentro desta cultura que o cérebro só não memoriza o que não entende e o mesmo quando não entende induz a pessoa a buscar respostas. Um exemplo do que estou escrevendo, hoje em dia, o mal do século que assola a humanidade se chama doenças psicossomáticas. Elas podem ser pensadas como o que o cérebro não entende ou que ele não se conforma. Um exemplo disso é a depressão, que é o produto da falta de respostas que o ser humano não consegue dar a si próprio e, conseqüentemente, isto gera um choque.

Uma perda ou algo inesperado que aconteceu na vida de alguém que por consequência fez com que o ser humano não soubesse lidar com o problema, de certa forma, irá gerar a ausência do que faz sentido para o raciocínio. Esta falta de algo que faz sentido lógico conduz a razão humana a buscar respostas e quando a resposta não é satisfatória o cérebro desencadeia hormônios na corrente sanguínea que lhe proporciona tal angústia ou depressão referente à sede que a razão humana tem de entender.

Podemos presumir através deste raciocínio que o cérebro humano tem sede de respostas coerentes ou convincentes, portanto, a cura dos sintomas psicossomáticos pode estar talvez na otimização que provocamos no cérebro através do entendimento que promovemos coerentemente para ele. Podemos pensar e admitir que o cérebro humano segue o princípio binário 0 (zero) e 1 (um), ou seja, entrada e saída (para todo problema uma solução); neste princípio para que haja o aprendizado deve haver o entendimento. O aprendizado na tradição oral africana é algo “que você guarda” – “que você não esqueceu”, é aquilo que foi passado oralmente de pais para filhos na cultura e vem dos ancestrais e se chama memória.

O ponto em questão que nos chama atenção na *tradição africana do Ifá* é a forma como se desenvolve o raciocínio cognitivo e se vislumbram as virtudes, valores, princípios e as potencialidades, competências e habilidades. Decorre que todo processo visa desenvolver o potencial de entendimento interdisciplinar e o desenvolvimento do conhecimento de onde gerará o aprendizado. Na tradição africana vem se trabalhando milenarmente muito bem a importância da memória e o desenvolvimento da mesma.

Adentrando ao desfecho da cultura africana do memorizar onde a semiótica dos símbolos, imagens, são os dispositivos para memorizar e para identificar; usando este lado subjetivo do *Ifá*, também existem os enigmas que são a forma ou a ponte para o raciocínio lógico.

Apesar de não possuir definição estanque, a interdisciplinaridade precisa ser compreendida para não haver desvio na sua prática. A idéia é norteadada por eixos básicos como: a intenção, a humildade, a totalidade, o respeito pelo outro etc. O que caracteriza uma prática interdisciplinar é o sentimento intencional que ela carrega. Não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por partes daqueles que a praticam. Não havendo intenção de um projeto, podemos dialogar, inter-relacionar e integrar sem no entanto estarmos trabalhando interdisciplinar mente (FAZENDA, 2001, p. 34-35).

Para que a mágica do aprendizado possa acontecer tem que haver o desejo e o encantamento através do treinamento do cérebro (semelhante ao que ocorre nas redes neurais). A tradição yorubá postula que havendo a motivação do educando haverá o interesse pela busca do aprendizado.

Como acontece a cognição²¹ do aprendizado no *Ifá* é muito importante a fim de compreendermos como a civilização vem mantendo a memória e também como é possível memorizar 1.600 versos dentro da tradição oral africana (*Yorubá*), a fim de que possamos buscar mapear o caminho para o desenvolvimento cognitivo.

O cérebro detém a condição de tornar aprendizado somente o que ele entende, ou seja, o que gera sentido e importância e, conseqüentemente, passa a manter o que aprendeu fazendo disto memória e que hoje em dia poderíamos classificar como memória efetiva; e o que o cérebro esquece é o que o cérebro não entendeu, e o que posteriormente não aprendeu, esta seria a memória instantânea ou temporária que classificamos ser aquela que esquecemos rápido.

O sistema binário é o meio pelo qual o cérebro passa a adquirir o entendimento e o aprendizado e é desta forma que a *tradição africana do Ifá* vem memorizando centenas de versos. O ato de memorizar está conectado às associações e comparações aos pares. Por isto chamamos de binária, que fazemos cognitivamente, ou seja, usando todos os meios associativos que trazem informações ao cérebro.

O sistema divinatório do *Ifá* ensina o cérebro passo a passo e para isto acontecer o aprendiz passa a analisar a constituição dos Odus através dos quatro elementos da natureza, como foi explicado anteriormente, e aos elementos da natureza serão atribuídos símbolos que imageticamente (subjetivamente) já conhecemos como Odus. O aprendiz é levado a imaginar o tal elemento (terra, fogo, água e ar); desta forma já estamos contribuindo cognitivamente para o entendimento através do que poderemos chamar de identificação. Lembrando que, como foi dito anteriormente, cada Odu é formado por um par de elementos e este par de

²¹ Cognição, podemos dizer que cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos.

elementos nos sugere outro fator importante que servirá para haver o aprendizado do cérebro que se chama comparação.

Identificar e comparar também segue um princípio binário, portanto, fica claro que seguimos um padrão binário de raciocínio. Quanto à memorização dos *Itans* (versos) é importante dizer que o aprendiz, assim como o *Babalawó*, repete incontidas vezes o mesmo verso a fim de memorizá-lo. Podemos dizer que o processo de memorização não é só através do que se recorda e, sim, por meio de várias maneiras associativas, para que haja lembrança, mas também pelo que se vê e pelo que se ouve, ou seja, imagetivamente podemos ver as palavras usando a imaginação e ouvir a voz sobre o que é pronunciado. Logo que se identifica a fala que se ouve com a palavra que vemos, então memorizamos. Ao ver e entender o que está escrito deve-se criar a imagem que dará sentido subjetivo ou não; conseqüentemente estaremos memorizando. Este processo parece com as incontáveis historinhas que nossos pais contavam para imaginarmos um conto de fadas e em seguida dormir quando éramos criança. Podemos dizer que nesse princípio binário, vemos, compreendemos (identificamos, comparamos) e traduzimos e ouvimos (encantamento), deduzimos e memorizamos.

A apreensão da atitude interdisciplinar garante para aqueles que a praticam, um grau elevado de maturidade. Isso ocorre devido ao exercício de certa forma de encarar e pensar os acontecimentos. Aprende-se com a interdisciplinaridade que um fato ou solução nunca é isolado, mas sim conseqüência da relação entre muitos outros (FAZENDA, 2001, p. 35).

É importante notar que existe uma diferença do processo explicado no parágrafo acima com a *tradição africana do Ifá*, porque o aprendiz não vai ler e, sim, ouvir os versos. Contudo, não irá imaginar a palavra para memorizar, mas irá criar na sua subjetividade o corpo daquilo que ouviu como se fosse um cineasta imaginando a cena. Esses dispositivos de aprendizagem e entendimento por comparação e identificação ensinam cognitivamente ao cérebro a sublime arte de memorizar.

A memória é algo que acontece quando podemos não somente assimilar tudo através do ponto de vista lógico, mas também quando damos corpo de significado (imagem) através da nossa subjetividade.

O que memorizamos é o que supostamente não esquecemos. Segundo alguns cientistas a memória que não foi acessada a cada seis meses deixa de existir. A *tradição africana do Ifá* recomenda aos *Babalawós* todos os dias conversar com o *Ifá*. Isto faz com que eles atualizem sua memória sempre, que alguém consulte e reflita o seu conhecimento adquirido. Pautado na renovação da memória por meio da prática do *Babalawó* ou aprendiz,

se dá a busca em que ansiamos por relacionar o entendimento e o aprendizado com o dia a dia ou a atualidade. Para isto ele recorre a um princípio que faz esta manutenção em busca do não esquecimento e aquisição de mais valores que poderemos chamar de princípio da identificação.

Identificar algo através do *Ifá* é a consumação do que se conhece e se sabe a respeito de algo. Através desta forma de percepção surge a necessidade que temos de filosofar, ou seja, compreender a natureza dos fatos e os porquês é um meio de se dar respostas para certo consulente. Aqui começa o raciocínio lógico, o quebra-cabeça que depende da base que é memorizada. Através desse princípio ou recurso o *Ifá* se torna o seu aliado para a solução, pois, para o *Ifá*, não existe o impossível.

O princípio da identificação está ligado à ciclicidade dos fatos que descreve os passos dos ancestrais ou da memória deixada por eles. A ação de identificar ao acessar o arquivo ancestral na memória permite a comparação; e mais, a assimilação de fatos é o suporte ao qual se recorre na *tradição do Ifá* para entender passagens e enigmas da vida no dia a dia corriqueiro.

Desvendar um enigma é o propósito da identificação na *tradição africana do Ifá*; a mesma parte do princípio binário que podemos chamar de indução e dedução, que serão a base do raciocínio lógico. O fato de induzi-lo a pensar algo dentro da tradição é provocador no sentido de o que se deduz de fato apresenta satisfatória coerência. Esse processo está diretamente ligado a satisfazer a sua curiosidade, mas também a necessidade de buscar respostas aos problemas do dia a dia, conhecidos como enigmas. Muitas vezes para se solucionar um enigma do presente se busca resposta com um enigma do passado. Nesse processo é onde há a interação com as memórias (versos chamados *Itans*). Estamos falando de um encadeamento de princípios e ações que ensinam o ser humano a organizar e explorar as potencialidades da máquina que comanda a vida chamada cérebro.

4.1 Discussão acerca da complexidade interdisciplinar e sua importância

Em minha dissertação de mestrado elenquei a genealogia herdada do povo africano. Venho neste percurso priorizando o que é de mais valor epistêmico e cognitivo para o desenvolvimento do educando e, para tanto, tenho metas a serem atingidas. Descobri neste ínterim que existe uma forma interdisciplinar de analisar, deduzir, comparar, entender e apreender o conhecimento. É importante somarmos a educação este corpo de pertencimento

étnico não somente como forma de identidade social, mas também como estrutura genealógica da nossa afrodescendência.

Esta estrutura genealógica, por sua vez, prioriza o desenvolvimento de habilidades através da memória efetiva²², que prioriza o desenvolvimento dos dispositivos ou meios de percepção que estimulam o cérebro humano a desenvolver capacidades interdisciplinares de absorção do conhecimento. As capacidades interdisciplinares se dão por meio da memória efetiva e podem materializarem-se através de conceitos, estes, por sua vez, se compõem através da introspecção interdisciplinar. Nela se resume o potencial do pensar binário diante das habilidades adquiridas de cada ser em virtude de obter o conhecimento.

Efetivamente a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as possibilidades de um julgamento corretivo ou de uma visão à longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega. Inconsciente e irresponsável (MORIN, 2009, p. 14).

Saliento que a forma de pensar por comparação binária pode levar à assimilação, em virtude da memória efetiva de cada um, nesse contexto elenco a subjetividade do pensamento, bem como a objetividade lógica como sendo de suma importância, mas não mais separando elas, mas considerando-as como de supra necessidade para a formação do conceito sobre algo. Portanto, afirmo que existe uma mecânica para criar memória efetiva que de forma interdisciplinar pode se tornar multidimensional para o ser consciente.

Assim, posso dizer que o conceito é o produto final, algo que, em suma, partiu de uma motivação interna, uma assimilação por meio de assuntos importantes estes, por sua vez, produtos da memória de cada um, e se algo é memória algo é interessante, sendo assim, entendo que a relevância por detrás da memória ajuda o ser humano a criar, inovar e renovar a todo o momento.

Idealizar algo através dos conceitos é o que torna a questão interdisciplinar de suma importância para educação. Para tanto, precisamos levar em consideração a memória

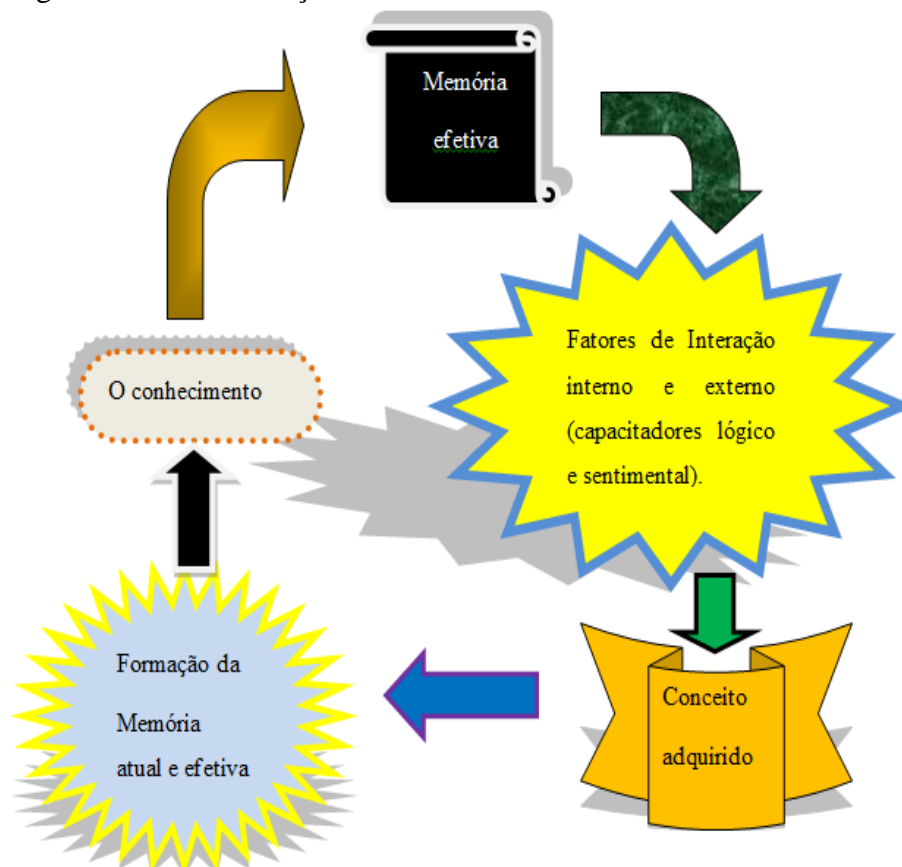
²² É a memória que está consolidada no ser humano é fruto de algo que o cérebro compreende como relevante e passou por um processo não só do entender, mas também do apreender do conhecimento, esta memória se torna prioridade um conhecimento adquirido que se adaptará a novas memórias e não será esquecida, existe por consequência do que não é relevante a memória temporária ou instantânea, ou seja, memórias passageiras.

como fator capacitador, a fim de que se desenvolva tal habilidade. Defendo que a interdisciplinaridade deve ajudar formar conceitos por meio da memória e a mesma como habilidade que leva o ser humano a idealizar e renovar-se sempre. O conceito é algo que o professor não deve desenvolver para educar, mas é de suma importância que o aluno desenvolva a fim de que haja sempre as discussões sobre temáticas abordadas.

O estudo deve gerar prazer para se tornar memória, haja vista que o cérebro só apreende o que entende e todo processo gera de certa forma um prazer. O prazer também está na curiosidade, está no que assimilamos, na surpresa, no que é empolgante, impactante, no que mexe com nossos hormônios, na novidade, enfim, vários são os dispositivos geradores do prazer.

Lidar com sentimento paralelo à lógica seria virtude que beneficia uma boa memória efetiva, e isto é um dispositivo pedagógico a ser desenvolvido e trabalhado por meio de ferramentas psicopedagógicas que podem favorecer na condução da forma de pensar interdisciplinar. As ferramentas podem ser o suporte que provoca o prazer e também o que induz a indagar, investigar, para formar ideia pessoal e coletiva da mesma.

Figura 25 – Consolidação da memória efetiva



Fonte: elaborada pelo autor.

A importância da memória efetiva dentro das tradições africanas do Ifá é algo de suma importância, visto que ali não está somente toda identidade do seu povo, mas sua genealogia diante da sistemática da vida. Nestes aspectos trago a discussão sobre a importância da memória na formação do aluno, tendo em vista que nos tempos atuais não vislumbra-se mais a memória efetiva dentro das escolas.

4.2 A axiologia pedagógica da interdisciplinaridade africana

Saliento que o diferencial na forma pedagógica deve e pode ser contemplado como forma para absorver o aprendizado, devemos atentar para as necessidades inerentes de cada grupo social, neste caso, a afrodescendência tem sido menos contemplada dentro das escolas de base, em virtude de há tempos existir o descredenciamento social.

Dessa forma, trouxe para o corpo deste trabalho a *tradição do Ifá*, não somente como estrutura social de um povo, mas também como método para desenvolver o aprendizado, cujo foco busca dentro de uma estrutura milenar que prima pela potencialidade da memória e do conhecimento propor o desenvolvimento desta epistemologia na educação.

Por ser o legado da *tradição do Ifá* uma forma interdisciplinar de atingir o conhecimento e aprendizado, faz, do que chamarei de estrutura epistêmica uma das portas mais cognitivas e viáveis de acordo com a importância da interatividade para os nossos tempos. Precisamos cada dia que passa de seres humanos com capacidade de interagir e ligar, ou seja, fazer a cognição de aprendizados entre vários conhecimentos, propor e inovar sempre. Insere-se neste contexto o desafio e a busca por ampliar possibilidades até conseguir o que podemos chamar de o mais ideal de acordo com as necessidades, em virtude dos tempos atuais e futuros.

A interdisciplinaridade não vem sendo desenvolvida pelos corpos pedagógicos e quando raras vezes é aplicada não consegue se dicotomizar do currículo, onde a proposta para o desenvolvimento do mesmo está atrelada ao discurso entre duas disciplinas para formação do educador. Mais do que promover o discurso entre duas disciplinas, para ter um currículo melhor ou mais abrangedor de detalhes acreditamos que se pode propor ao educando o pensamento interdisciplinar.

Sabemos, por exemplo, em termos de ensino, que os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional, principalmente porque o desenvolvimento tecnológico atual é de ordem tão variada que fica impossível

processar-se com a velocidade adequada a esperada sistematização que a escola requer (FAZENDA, 2001, p. 16).

Como é sabido, o desenvolvimento do jovem está atribuído à pedagogia, neste contexto, a mesma não busca a adaptação do indivíduo a um método, porque a interdisciplinaridade não é um método e, sim, o potencial de cada um que precisa ser otimizado e, sim, uma pedagogia que vise estimular, aperfeiçoar e capacitar o ser humano através da habilidade ou potencial de inter-relacionar aprendizados e entendimentos de cada um.

O pensamento inter-relacional existe em cada um e está diretamente ligado à capacidade de assimilar, identificar e comparar mediante a lógica criatividade e memória de cada pessoa. Nos tempos atuais temos que ser globalizados, ou seja, atualizados, daí a necessidade de se relacionarmos com todos os acontecimentos influi em como vamos tratar os dados adquiridos. De que forma podemos de toda informação extrair o conhecimento? De que forma podemos usá-los e o mesmo me permite desenvolver potencialidades ou habilidades?

A interatividade de assuntos e oficinas agrega ao aprendizado melhores respostas quanto à absorção do conhecimento, isto é o que pretendo mostrar. Segue junto com a interação do aluno, a capacidade de se auto-otimizar, ou seja, não é provocada pelo educador mas, sim, pela própria interação com as descobertas. O contexto de valor, ou seja, axiológico está na forma como a tradição africana vem desenvolvendo potencialidades e, conseqüentemente, habilidades por meio da memória não somente aproveitada, mas desenvolvida.

Pode-se dizer que a estrutura do pensar de cada um é individual no sentido de como se desenvolve, mas pautado no desenvolvimento das potencialidades existem agentes na conduta que se tornam facilitadores para desenvolver o cérebro. Dentro das escolas a formação do aluno é fragmentada, e parte do princípio que cada disciplina deve atuar como única não agregando sentindo e conhecimento contínuo a outra.

Ao saber não compete a unidades disciplinares, mas a unidade de todas as disciplinas, ou seja, ao saber compete o todo. O entendimento para compor o saber deve buscar a universalidade, que se torna apreensão do conhecimento, denominado saber. Busca-se nesta relação universal sempre o autoconhecimento, o que torna a interdisciplinaridade prazerosa no sentido do buscar a relação com o todo.

Por outro lado, a opção que tem sido adotada, da inclusão de novas disciplinas ao currículo tradicional, só faz avolumarem-se as informações e atomizar mais o conhecimento. O currículo tradicional, que já traduzia um conhecimento disciplinar,

com esse acréscimo de disciplinas tende a um conhecimento cada vez mais disciplinado, onde a regra principal seria somente um policiamento maior às fronteiras das disciplinas. O efeito nada mais representaria que a punição aos que quisessem transpor estas barreiras (FAZENDA, 2001. p. 16-17).

A escola que se detém a formação social hoje em dia não humaniza, mas somente ensina regras. Nesta escola atual não se discute as várias vertentes de um dado problema e, sim, só estabelece que riscos possa haver. Temos que ter cuidado ao enfatizar que algo é um risco, sem antes lembrar que pode ter um lado bom a ser conhecido. O medo hoje também é imposto dentro da escola e corremos o risco de sermos quem ensina o medo e não a escola que ensina o aluno a ser o indivíduo que poderá, além de se conhecer, ser aquele que consegue se inserir no coletivo.

4.3 O papel interdisciplinar do professor

Para o professor ser interdisciplinar ele precisa se autoconhecer, se despir de preconceitos, medos, não julgar e provocar sempre, no sentido que não existe certo ou errado e, sim, meio de não correr riscos. Adotam-se tais critérios, devido o poder de provocar o medo ou bloqueio em busca do conhecimento, uma vez que a experimentação é algo pessoal de cada um, que visa estabelecer a relação de equilíbrio emocional e lógico.

Imagine que algo apreciado por acaso pode ser a compactação, o resumo a especificação de um todo, este, por sua vez, pode ser a representação que tomou forma como arte, daí pode-se dizer impressionante, impactante, concreto, abstrato, subjetivo, insinuante. Ademais podem ser atribuídos vários significados, virtudes, de acordo com a sensibilidade captada e traduzida por cada um. Podemos atribuir isto a um fenômeno, algo que força a nossa interpretação e sensibilidade.

No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto em si, às pessoas e às instituições a ele pertencentes (FAZENDA, 2001, p. 17).

O fenômeno é o provocador dos sentidos humanos, sua função é incomodar, ele é uma atitude própria da arte, um ato a ser representado que guarda a virtude e os valores. O mesmo é a impulsão para cognição entre o raciocínio lógico e criativo. Ele pode e instiga o ato de cognição através da comparação, identificação e assimilação.

Vulgarmente falando, um fenômeno é algo que força as pessoas a pensar neles. Nesse sentido, existem fenômenos artísticos. Eu poderia chamá-los de dados artísticos, mas esta expressão não retrata tudo aquilo que pode dar origem a perguntas. Apesar disso, tanto os fenômenos como os dados são fornecidos e este é o ponto de partida. A diferença é que o fenômeno é um dado como uma penumbra de questões em torno dele (ALDRICH, 1976, p.1).

O fenômeno é um agente de suma importância para que haja a interdisciplinaridade da afrodescendência. A fenomenologia como um dos campos da filosofia tradicional eurocentrista ganha um novo respaldo ou instituição de valores na filosofia da *tradição do Ifá*, pois a mesma passa a ganhar sentido interdisciplinar.

O sentido interdisciplinar, bem como a própria interdisciplinaridade vem sendo há milênios a tradição africana que ensina interagir e absorver conhecimentos do todo (a natureza e tudo que há no mundo) para criar, adaptar, recriar e produzir o novo (como o que foi criado ou recriado dentro do processo evolutivo da humanidade), dentro dos recursos e possibilidades que se encontram. Proponho diante deste paradoxo os verbos (criar, recriar, adaptar, produzir) para a educação, baseado nos recursos que temos e podemos ampliar, a fim de inovarmos de acordo com a necessidade social que se tem.

O professor deve buscar sempre através do que tem em mãos o desenvolvimento da auto-otimização do aluno ou educando, muitas vezes, depende de como é assimilada a informação por cada ser humano. Confere ao educador ou professor identificar a limitação que está em cada um e até a inviabilidade da informação para cada um, também a ele é imputado como promover a reflexão de tais informações e até mesmo como estruturá-las.

O ato interdisciplinar é experimental no amplo sentido lógico, criativo, partindo do fenômeno, ou seja, de algo que causa o impacto, a interjeição ou interrogação em cada ser, o mesmo pode causar encantamento dentro de várias vertentes do prazer com sentido²³ hedonista.

Trabalho interdisciplinar porque disposto e motivado a grandes desafios que se vão realizando a partir do cotidiano, através de pequenos passos. Trabalho interdisciplinar que, quando se dispõe a superar barreiras complexas, acata o desafio de desmistificá-las na simplicidade de sua essência. Como, por exemplo, a de desvelar para o homem, com o homem, o que seja visão de totalidade a partir das visões fragmentadas, pois que é a fragmentação que a visão de totalidade subsidia; ou o desafio de desvelar o que venha a ser sugestão (da teoria educacional) de desenvolver o espírito crítico do aluno, exercitando-o na escola (FAZENDA, 2001, p. 136).

²³ Hedonismo é a busca do prazer e da felicidade, pode ser a busca da dor também.

O papel do professor em sala de aula seria interpretativo, analítico, provocativo sendo que, a fim de promover o conceito se torne interrogativo, mas jamais deve adotar o perfil do julgar.

Neste trabalho a formação de contexto é a porta aberta para otimização da capacidade interna de cada um. O professor dentro do seu potencial interpretativo, em virtude do quanto representa tal ato contexto individual para o aluno e para o grupo e nele pode trabalhar as potencialidades de cada um e as habilidades adquiridas, bem com a formação das mesmas.

Em alguns casos isolados, educadores de certas escolas têm deixado de lado os conhecimentos tradicionalmente sistematizados e organizados, e têm partido única e exclusivamente para a organização curricular a partir de uma exploração indiscriminada de conhecimentos do senso comum. Esquecem-se, com isso, que o senso comum, deixado a si mesmo, é conservador e pode gerar prepotências ainda maiores que o conhecimento científico (FAZENDA, 2001, p. 17).

A atitude interdisciplinar exige uma nova postura do professor, de constante reflexão sobre sua prática, superando-a e ousando “buscar novas técnicas, que transforme a sala de aula num espaço feliz de trocas, de construção individual e coletiva, de aprendizagem” (JOSGRILBERT, 2002, p. 84).

Pode parecer falácia, mas até mesmo o professor ou educador passa a enxergar as próprias potencialidades diante da descoberta com seus grupos de trabalho levando a desenvolver suas próprias ferramentas que podem a vir a induzir o educando ao encantamento através do fenômeno e a lógica, uma vez que acredito poder ser provocada pelo mistério em uma indagação, premissa ou proposição. Prende-se a busca interdisciplinar somente a se permitir consoante a sede de entender, apreender novos conhecimentos, buscando o novo saber.

Entretanto, o senso comum, quando interpenetrado do conhecimento científico, pode ser a origem de uma nova racionalidade, pode conduzir a uma ruptura epistemológica em que não é possível pensar-se numa racionalidade pura, mas em racionalidades – o conhecimento não seria assim privilégio de um, mas de vários (FAZENDA, 2001, p. 17).

O sistema pedagógico brasileiro parte do princípio de que o saber é para todos, facultando aos modelos de ensino somente a levar o conhecimento e aprendizado, onde não se destaca o desenvolvimento da habilidade de interagir com outros conhecimentos e até mesmo, como dito antes, de criar conceitos. Acredito ser o professor esta porta para outras ciências e diversidades, se este se distanciar da escola doutrinária para se aproximar de uma nova escola de valores, potencialidades e habilidades integrativa do ser.

4.4 Faculdades interdisciplinares na relação com o social e o universo

A relevância interdisciplinar para o social promove a sensibilidade com o todo (o mundo e as relações promovidas nele), bem como a questão temporal como cíclica (renovável) e não obsoleta como nossa cultura vem tratando. Interdisciplinaridade é, em suma, as ciências da vida que se completam sendo uma só, e podemos definir esta ciência de como pensar, uma vez que o cérebro entende para apreender o conhecimento através da forma como o fenômeno provoca instintivamente, como dito anteriormente, a assimilação, comparação e identificação para que algo se torne conhecimento.

Na *tradição africana do Ifá* a filosofia é a interação com o meio que se vive, se valendo de todos os sentidos, e a visão é de que o universo conversa e se relaciona com a humanidade a todo tempo. Temos neste conceito a relação que não é mudo, assim como o *Arkhé* é acessível, para eles tudo a sua volta também é. Neste meio a relação não se dá somente com uma forma de diálogo e sim com todas as formas o que vemos, sentimos, ouvimos, assimilamos, entendemos e apreendemos para, conseqüentemente, ter utilidade ou sentido complementar nas relações que necessitem de habilidades e capacitação.

Cada vez mais a reflexão em torno da experiência moderna dá os indícios de que a fragmentação e o seccionamento da realidade, operadas por uma ciência positiva, cedem lugar a uma visão integrada das ações humanas, inclusive, ao seu caráter imponderável e não determinístico, fortalecendo a necessidade de buscar a compreensão da experiência humana na integralidade material e espiritual, no espaço e no tempo (SEDUC, 1998, p.77).

A faculdade humana da subjetividade é explorada pela percepção, seja ela estética, semiótica, enfim, a forma como se comunica através do fenômeno aos nossos olhos não é um desligamento, mas um mergulho na cognição de hipóteses. Por vez a experimentação verdadeira é vez viável dentro da tradição filosófica do *Ifá* através do que é tangível e sentido, como exemplo a materialização de toda crença da *tradição do Ifá* está na natureza.

O antigo conceito de desligamento para fins estéticos é, fundamentalmente, a noção de desligar-se de certos interesses, de modo que está aliada à noção de “desinteresse”. Entretanto, existem muitas versões de como isto acontece ou é conseguido, bem como de quais são os interesses decisivos que devem ser mantidos temporariamente inativos. A metafísica ao fundo dessa teoria particular determina, geralmente, a explicação que ela dá quanto ao desligamento. Se achar que “metafísica” é uma palavra muito forte para ser usada aqui, substituamo-la por “crenças quanto ao que é verdadeiro e real”. Isso abrangerá a possibilidade de que a Ciência, sem ser uma metafísica, influencie a crença sobre a realidade (ALDRICH, V. C, 1976, p. 23).

Experimentalizar é parte da provocação do fenômeno, neste sentido, é instintivo e por mais que seja subjetiva esta ação ela estará sempre em busca da razão, bem como a lógica a ser dada ao fenômeno, algo descortinado, que tiramos o véu da incompreensão. Tudo pode tomar sentido quando achamos uma aplicabilidade, ou seja, algo que faça sentido. Até mesmo a lógica depende do sentido, ela, por sua vez, é a aplicabilidade fundamentada através do subjetivo fenômeno provocador dos instintos.

Parto do princípio que só é subjetivo algo que não foi compreendido ou decifrado, logo dentro da tradição interdisciplinar do *Ifá* só existirá subjetividade para quem não compreende ainda os paradigmas, ou seja, não tem um olhar além. O *Arkhé* será metafísico para quem não compreende os arquétipos na natureza e sociedade, o divino é a existência real que se materializa na natureza, tudo aqui no mundo real é ciência. O ato de cognição através da interação do fenômeno resulta no experimento.

São premissas que nos levam às crenças, mas somente as experimentações, a verdadeira interatividade formadora de opinião pessoal, que consegue convencer os nossos sentidos do valor do que deve ser entendido para ser apreendido como forma de conhecimento pelo nosso cérebro. Não quero com isto trazer descrença a modelos, mas fortalecer a ideia do valor do modelo quando ele deixa de ser modelo para ser experimento.

A criatividade não surge somente da ideia ou subjetividade ela sim pode ser o resultado interdisciplinar, ou seja, experimento que se tornou apreensão do conhecimento, dela surge o estado de êxtase do criar ou somente reproduzir o aprendido (materialização ou resumo do entendimento). Pode ser arte, o estado não somente de criar, mas de estruturar através do aprendido uma forma sentimental, racional ou não racional de materializar as sensações sentidas e vividas do fenômeno do apreender que por vez quer ser a forma de algo sentido ou dar forma a algo sentido que poderemos chamar de experimentação verdadeira. A interdisciplinaridade mostra-se fundamentada na intersubjetividade, tornando-se presença através da linguagem como forma de comunicação e expressão humana [...] A interdisciplinaridade guarda com a intersubjetividade uma ligação de identidade e diferença. Identidade enquanto “interação”, atitude própria do humano enquanto ser social que se fundamenta na afetividade, na compreensão e na linguagem, como existenciálias básicas desse ser. Diferença, pois, como disciplina exige do sujeito que este mantenha a consciência direcionada ou tensão para algo que acontece numa ação específica, o que se constitui na própria dialética homem-mundo (FAZENDA, 2001, p. 24).

A experimentação verdadeira pode, em resumo, ser o conceito, a tradução de algo, a memória adquirida, enfim, o conhecimento que formará a memória efetiva. É na experimentação que passo a praticar a assimilação, a comparação e identificação com algo. É também um meio de provocar através da expressão, interação as sensações diversas nos sentidos humanos, bem como a relação lógica com tudo, desta forma, dizer destaque que a experimentação verdadeira é uma forma interdisciplinar de se adquirir e se conectar a algo.

4.5 O coletivo: habilidade x interdisciplinaridade

A memória é uma potencialidade que privilegia a interdisciplinaridade em meio às habilidades a serem desenvolvidas. A cultura e *tradição africana do Ifá* nos ensinam a priorizar a memória, bem como o seu aprimoramento.

A memória na *tradição africana do Ifá* não se trata somente de um banco de dados, ela, por sua vez, é a ponte de mielina dos neurônios em busca de uma resposta não somente que satisfaça a sede de saber e, sim, que incita a amplitude do ver, entender, investigar e analisar. Em outras palavras, trata-se de um leque de possibilidades que nos leva a descobrir e criar novas possibilidades.

Queremos salientar que a imersão nos novos conhecimentos depende do cultivo da memória, que é a porta para desenvolver habilidades e potencialidades que formem um ser integrado com o meio que vive em todos os sentidos. Um ser integrado no conceito que buscamos se torna uma célula transformadora em bem comum dele, dos outros e do meio que vive.

Um bem sintético depende de um bem natural, um bem natural depende da renovação cíclica e o homem é o agente viabilizador do mesmo. Hoje em dia a escola não pode dizer que desenvolve habilidades se somente assume um papel informativo, não pode dizer, por exemplo, que trabalha a questão da conservação através da sustentabilidade do meio ambiente se não desenvolve o potencial para isto.

O potencial e habilidades a serem desenvolvidos pelo educando atendem a um modelo pedagógico de ensino que não se adéqua às necessidades de uma região (bairro ou município). Uma escola que funciona como um banco de dados é no máximo informativa. Temos escola Rural, escola quilombolas e a escola tradicional que inexistem em relação com as outras, dentro da questão interdisciplinar por não existir coesão nos valores, potencialidades e habilidades a serem desenvolvidas. Uma escola do campo busca desenvolver habilidades não sendo somente informativa, mas ainda luta para não ser burocratizada, buscando formar mentes voltadas à conservação e sustentabilidade do meio ambiente.

O papel do professor é fundamental no avanço construtivo do aluno. É ele, o professor, quem pode captar as necessidades do aluno e o que a educação lhe proporcionar. A interdisciplinaridade do professor pode envolver e modificar o aluno quando ele assim permitir (FAZENDA, 2001, p. 30).

A escola do campo tende a um papel ativista e reflexivo no sentido das necessidades locais a serem atendidas em virtude da conservação e sustentabilidade. Adequar um modelo interdisciplinar no pensamento ativista resultaria em um ser buscando mais recursos para adaptar ou transformar, a mesma viabilizaria pelo coletivo que é a grande estrutura do pensamento ativista. O coletivo dentro da interdisciplinaridade ganha corpo e fundamento dentro do conceito de corpo único. A natureza é um corpo único em constante renovação traduzindo o princípio cíclico que gerou a interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade na *tradição africana do Ifá* pode ser interpretada como a estrutura genealógica do pensar binário responsável pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento do raciocínio humano que busca a cognição de conhecimentos e a sabedorias para formação do indivíduo.

4.6 Experiências e assimilações na formação do eu

A questão do medo incutida na forma de assimilar tem feito do ser humano um ser racional na prática da profissão, no dia a dia e até mesmo nas relações onde deveriam existir reações mais humanas. Assim, o ser humano está se tornando mais insensível com a natureza, com a vida e com as relações, pois mais conhece o medo através das informações assimiladas no cotidiano do que outros sentimentos ou dispositivos de prazeres que fazem renovar no ser humano a espontaneidade de se relacionar com novas formas de pensar e descobrir-se como agente universal através da interdisciplinaridade.

Posso dizer que o medo é uma premissa verdadeira existente no ser humano também, é do medo que surgem os bloqueios que impedem que o ser humano passe a olhar trezentos e sessenta graus sem ter receios e preconceitos com novas percepções provocadas pelo fenômeno e a dedução analógica.

Temos medos do que não conhecemos ou de algo que não sabemos lidar. Até mesmo o fenômeno que está ligado à forma de percepção humana característica de cada indivíduo pode, por influência do medo, ser bloqueio estimulando a criação de uma barreira para a associação interdisciplinar. Em hipótese, o medo relativamente poderia ser a porta de entrada para certos preconceitos incutidos na sociedade em relação a aceitar o diferente em cada pessoa ou até mesmo por não conhecer algo os torna inferior. Diferenças culturais nem sempre são bem aceitas, por falta da difusão adequada das culturas que não ocorrem dentro das escolas.

O Autoconceito existente em alguns alunos de educação básica implica em um grande problema para o desenvolvimento educacional do mesmo. Este sentimento é causado por sentimento de rejeição, de proteção e se resume em uma forma de medo adquirido, ou seja, muitas vezes, pode se tornar mais uma forma de bloqueio.

Autoconceito é a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, segundo atitudes que ele formou através de suas experiências. Todas as atitudes são importantes na determinação do comportamento, mas as que a pessoa formou com relação a si mesma são as mais poderosas (BARROS, 2008, p. 165).

Esta questão do Autoconceito, bem como toda forma de medo que às vezes implica no não desenvolvimento interdisciplinar, pode ser transformada para positivos através da forma como os alunos são acolhidos e lhes são passadas as informações. Até mesmo a forma como é tratado o assunto no âmbito coletivo ajuda muito para que não haja estes sentimentos.

Todas vertentes discutidas nesta seção buscam dar um parâmetro do que pode ser chamada de inserção do conhecimento através da memória efetiva. Para isso, não conseguiríamos promover enquanto professores ou educadores tais conhecimentos se antes não diagnosticamos quais as dificuldades que se tornam barreiras para alunos para que possamos interagir, a exemplo do método para avaliar citado em seção anterior.

5 O CONTEXTO ESTÉTICO E SUA IMPORTÂNCIA INTERPRETATIVA NA TRADIÇÃO DO IFÁ

A História e Cultura africanas se destacam por terem no seu corpo a sistematização de um grupo social cíclico, diverso e interligado com ações, buscando o bem viver através do legado ancestral contido na tradição cosmovisionária.

Na tradição africana o que se internaliza de conhecimentos é o que o ser humano busca traduzir nas formas de expressão. Este é o meio no qual a humanidade externaliza a sua arte como parte da profusão do que foi adquirido.

A arte da tradição africana não existe sem propósito e por vez acaba sendo observada como abstrata, quando interpretada por aqueles que ainda não conhecem a tradição. É neste contexto que chamo a atenção para a necessidade não somente de conhecer a cultura, mas também a tradição na sua amplitude estética. “A arte é uma representação da vida, dos fatos e das formas. Os artistas são companheiros dos historiadores e nos informam sobre percepções e valores de uma sociedade. A arte espelha-se na sociedade” (CUNHA; CALAÇA, 2012, p. 69).

Ifá dialoga na sociedade como ciência filosófica e arte e a intersecção das mesmas se dá através da estética. A fim de entendermos a estética podemos dizer que se trata do complemento simbólico de onde se obtém o significado que dará forma e vida à arte que se manifesta nos sentidos humanos como primeiro passo para a percepção da subjetividade de algo imagético ou concreto.

Para a tradição africana, a subjetividade é a manifestação do metafísico, que existe e pode ser perceptível através de nossos cinco sentidos e por meio destes o Divino (Olodumare) pode ser sentido, venerado, observado, alimentado, cultuado e tocado.

[...] Do pensamento grego pode-se eliminar Deus sem que sua arquitetura lógica sofra dano algum. Isto não se poderia fazer no pensamento yorubá. O pensamento medieval poderia renunciar se quisesse, às ciências da natureza. No pensamento yoruba isto seria impossível, pois desde Olodumare (pai dos yoruba) construí um edifício de conhecimentos, segundo o qual o dedo de Deus se manifesta até nos elementos mais rudimentares. “Filosofia, teologia, política, sociologia, direito agrário, medicina, psicologia, nascimento, morte, estão compreendidos num sistema lógico tão compacto que, deixando uma parte qualquer, a estrutura total se desmorona.” (JAHN, 1970, p. 140).

Chamamos de subjetividade o movimento que nos leva a reconhecer como o metafísico dentro da *tradição africana do Ifá* tem corpo, tem presença ou no mínimo pode

estar materializado em algo. Sendo assim, considero como válido o objeto de fé, como algo subjetivo, mesmo que sua representação seja abstrata.

O processo de identificar e interpretar pode depender de codificação através de signos (Odus) para dar significado à arte. É necessária a decodificação dos signos para entender a arte, que também é possível através da *tradição africana do Ifá*, por meio de sua filosofia.

A filosofia do *Ifá* é atemporal, contudo ela é o corpo da ciclicidade ou a codificação da mesma, e a estética é a forma representativa ou simbólica da ciclicidade, que marca no tempo e espaço a nossa história por versos (Itans) e mitos. Sendo assim, na tradição africana a estética é a ciclicidade presente no ser humano e se permite manifestar através da arte de dentro para fora. Esta pesquisa trabalha dentro desta perspectiva para o seu desenvolvimento.

Ao contrário do que se afirma, os Itans (versos e histórias) que compõem o modernamente chamado “corpo literário de Ifá não são respostas” para as consultas ao oráculo, embora possam, por vezes, ter também essa utilidade. Muito mais que simples “mensagens oraculares”, os Itans representam a descrição de toda a cultura de um povo, sendo portadores de ensinamentos de todas as ordens, incluindo-se aí orientações religiosas e os mitos relacionados ao culto das diversas entidades que ocupam o panteão deste povo (MARTINS, 2012, p. 38).

A função da estética africana é provocar e trazer o encantamento, o aviso, a incógnita (enigma), e a mesma procura representar o desejo de harmonia dentro da complexidade da sociedade. As estéticas africanas e afrodescendentes nos informam sobre a compreensão do mundo e valores sociais que são estruturais à formação histórica da população brasileira (CUNHA; CALAÇA, 2012, p. 69).

[...] A moralidade tirada de uma história, de um mito ou conto e acaba por ser reflexão filosófica. E uma vez fora deste contexto, converte-se muito frequentemente num enigma... E eis-nos perante uma particularidade fundamental da expressão filosófica na África negra. O enigma é compreensível, pode ser desvendado, mas apela à inteligência e, sobretudo, à intuição. De qualquer maneira, para compreender é sempre necessário pertencer a um grupo de iniciados, pois só estes conhecem a história, o mito ou fábula de onde foi tirado. De resto, são os iniciados os que habitualmente empregam os enigmas. Eles possuem uma intuição, mais ou menos treinada, para descobri-los e aplicá-los (KOTCHY-N' GUESSAN, 1986, p. 143).

É importante ressaltar que através da estética como representante temporal da ciclicidade é que nasce a noção exata da sensibilidade e ciência do outro e de outras épocas. A estética é a biblioteca que guarda as expressões e impressões da tradição africana. A mesma

retrata simbolicamente virtudes, valores e princípios da *tradição africana do Ifá*, sendo o estatuto de uma tradição, o legado de uma nação.

Dê acordo com Severino (2007), a estética é uma área da filosofia encarregada de estudar a sensação e as experiências vividas nas várias formas de sensibilidade, levando em conta a agradabilidade provocada no sujeito. Dentro deste contexto a filosofia africana da *tradição africana do Ifá* e a arte não sugerem na sua estética o padrão de agradabilidade e, sim, de encantamento no sentido de tudo se tornar memória, pois na tradição africana as coisas mais importantes e fortes são a perpetuação da genealogia e o conhecimento ancestral.

Entender que o encantamento não é apenas um êxtase como a agradabilidade leva a remeter-se ao enigma ou mistério por detrás das obras africanas, que ao vê-las surge a incógnita produzida pela estética que induz a decodificar (deduzir) os mistérios através dos símbolos (signos). É nesta forma de raciocínio que o caminho para desvendar o enigma nos levará ao encantamento.

Entende-se que a agradabilidade pode ser tratada por conceito eurocêntrico, o que não é o caso neste trabalho, sendo que na perspectiva do conhecimento africano, a estética tem como valores, o encantamento e o desejo de harmonia na sociedade. Portanto, considera-se o encantamento como um dos processos mnemônicos para a memorização que parte do raciocínio indutivo e dedutivo, que são os mecanismos do raciocínio lógico que ajudam o cérebro a entender através da decodificação para apreender o conhecimento.

Algo que agrada de alguma forma se torna belo ou atraente e independente de ser belo ou atraente poderá causar estranhamento ou qualquer outro tipo de sentimento, mas não inibirá a percepção diante do impulso por traduzir, entender e decodificar partindo da crítica de cada um.

George Santayana²⁴ descreve a beleza como uma sensação de prazer objetivado. Essa objetivação faz o sentimento aparecer como uma qualidade da coisa que esta sendo experimentada como bela. Onde tal experiência é educada, transformando-se em percepção crítica e apreciativa, existe uma apreensão dos valores da coisa como objeto estético (ALDRICH, 1976, p. 25).

O que é importante ressaltar neste processo de fazer memória é que a criatividade e a razão não são iguais e ocupam hemisférios diferentes do cérebro, mas fabricam ou interpretam o mesmo produto da arte. O encantamento que aqui está sendo escrito é o processo no qual ocorre a otimização como estímulo à absorção (apreensão) do conhecimento

²⁴ George Santayana, *The Sense of Beauty* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1936). Seleção de *A Modern Book of Esthetics*.

que se tornará memória. Em outras palavras, o encantamento promove a memória interpessoal.

Percebemos a estética através do entrosamento de cores e padrões geométricos que no caso podem marcar símbolos (Odus) presentes no significado de uma obra de arte. Exemplos disto seriam os tecidos fractais que contêm a matemática binária dos Odus, podendo através dos mesmos ser interpretados. Martins (2012) diz que os Odus são signos componentes de um sistema oracular que tem como base a mais pura matemática e que são representados por combinações de quatro sinais duplos ou simples, dispostos em duas colunas paralelas.

Se interpretarmos as parábolas que formam a filosofia do *Ifá*, entenderemos que “versam sobre casos de como eram certas figuras mitológicas – homens, mulheres, animais, pássaros ou plantas – como reagiram diante de diversas situações e quais os resultados de suas ações” (BENISTE, 2001, p. 20) e veremos que os versos irão dar corpos aos vários personagens mitológicos que marcam 256 presságios provindos dos Odus.

Cada um dos Odus está ligado a épocas cíclicas ancestrais, assim como tudo que era parte do conteúdo histórico de época (personagens e qualquer outro tipo de especificidade) daquele exato espaço-tempo. Sendo assim, a expressividade na arte pode ser representada com símbolos e, ao mesmo tempo, ser materializada na arte por figuras ou personagem específico que marca determinado presságio, e nestes casos substituem o significado dos símbolos. Pelo conhecimento da filosofia africana temos a oportunidade de conhecer o valor, a importância da arte e a *tradição africana do Ifá*, que são objetos desta pesquisa.

É importante dissertar sobre a diferenciação entre estética na sociedade africana e nas sociedades ocidentais. A arte africana não é figurativa, não existe conceito de belo e feio como na arte ocidental. O valor da arte está associado ao significado que está dentro do coletivo familiar ou da comunidade local.

As ideias de qualidades abstratas dos seres da natureza (pessoas, animais e objetos) ganham forma e beleza pela sua harmonia e pela complexidade geométrica, sendo um conceito de beleza e harmonia própria da arte africana. O sentido de beleza é associado ao sentido da perfeição das formas geométricas (CUNHA; CALAÇA, 2012, p. 46).

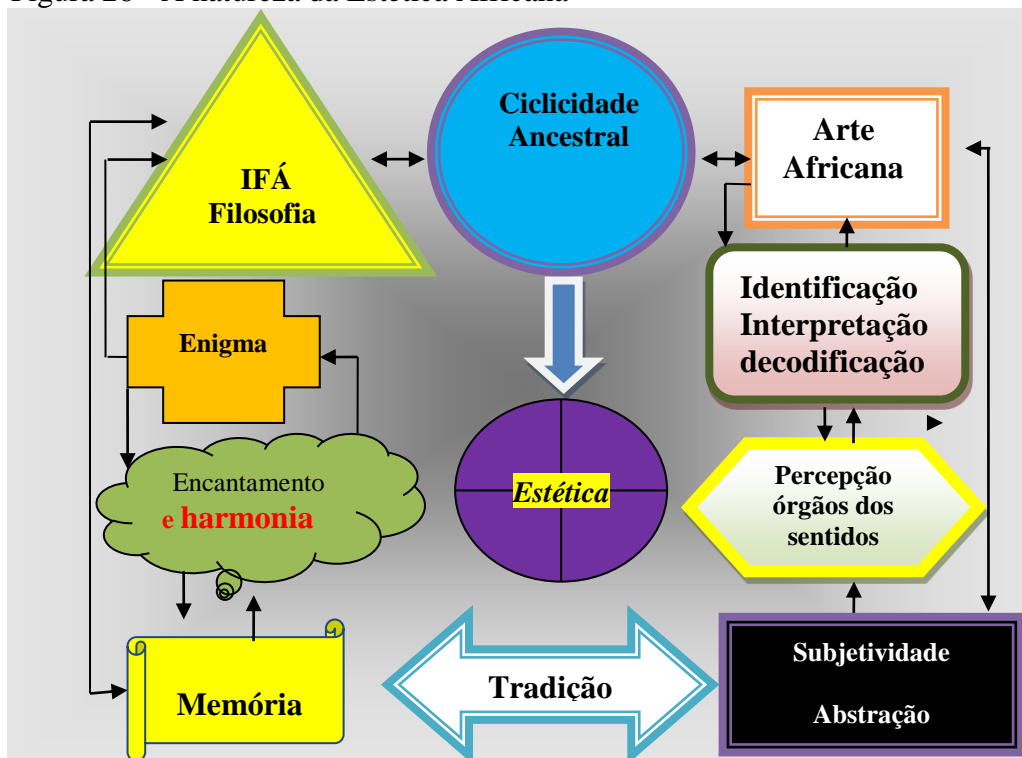
A princípio, a estética africana não se divide em padrões de beleza comparativa como a figuração eurocêntrica e, sim, na arte e compreensão filosófica que se torna específica em cada representação. Dado este fato, a compreensão deste trabalho e das visões sobre as estéticas africanas precisam se focar dentro de um terreno de afastamento dos cânones da arte

ocidental clássica. Como dito anteriormente, existe o encantamento e a própria estética que abarcam todos os sentidos humanos na percepção para aprendermos se não venerar, a aceitar e admirar as diferenças.

Segue abaixo o mapa conceitual da tradição africana demonstrando como a ideologia e as expressividades caminham até a estética. Na tradição exemplificada, duas coisas são vistas como de suma importância: uma delas é a memória e a outra a subjetividade.

A memória está presente na cultura africana através da *tradição africana do Ifá* e entre as mesmas encontramos o encantamento e harmonia como parte do processo primordial para haver o processo de memorização. Também temos os enigmas que sugerem a revisita aos conhecimentos dos mais velhos e ancestrais provindos do modo como a filosofia do *Ifá* trata as coisas no âmbito social, científico e religioso.

Figura 26 - A natureza da Estética Africana



Fonte: elaborada pelo autor.

A subjetividade, como exemplificada na figura acima, é diferente da abstração, ou seja, ela é o contato com a natureza e o divino, de maneira simbólica e codificada, que necessitará de percepção, identificação e interpretação para entendermos a sua presença na arte africana. Já a abstração, neste caso, remonta diretamente à arte de posse dos sinais que a identificam na arte africana, se afastando para observar. Portanto, podemos definir na

representação do quadro anterior que a ciclicidade ancestral é o ponto de intersecção entre a filosofia africana do *Ifá* e a arte africana, onde podemos deduzir ou interpretar a estética.

Podemos refletir nesta seção, a princípio, sobre a complexidade presente em signos, símbolos e sinais, a fim de compreendermos a arte, os seus elementos básicos e os Odus relacionados ao processo de adivinhação por parte do Babalawó. Priorizo a forma de raciocínio na tradição africana, buscando por meio da matemática binária dos símbolos odúnicos entender como acontece a cognição e a absorção de conhecimentos.

A estética africana é ímpar. Podemos entendê-la como o produto de uma tradição que na cultura se renova por ser cíclica, sendo a confluência dos conhecimentos entre o exercício da filosofia do *Ifá* que reúne encantamento, harmonia, memória e enigma com a arte africana que compreende a possibilidade de identificar, interpretar, codificar e decodificar tudo que é percebido pelos órgãos dos sentidos.

A estética é o estudo dos valores no domínio da beleza e da arte. A estética ocupa-se dos aspectos teóricos da arte em sua mais ampla acepção, não devendo confundir-se com as obras concretas da arte nem com as críticas especializadas sobre as mesmas. Os valores estéticos são mais difíceis de avaliar que os valores morais, pois inclinam-se a um critério mais pessoal e subjetivo e estão relacionados com a imaginação e o poder do criador. Uma determinada obra de arte suscita várias reações entre diferentes pessoas (KNELLER, 1966, p. 30).

A arte é uma forma de comunicação entre muitas formas de expressão e interação através dos sentidos, e não somente a forma oral e escrita. Ela é a expressão do que assimilamos, sentimos, traduzimos expressivamente; é o contato consigo próprio, é o se achar dentro, o externar para o outro. Em suma, é se permitir fazer, encantar, induzir, tocar e experimentar. A arte é o conceito ou a expressão que leva ao conceito, provoca a percepção e é uma ferramenta interdisciplinar de interação.

Neste sentido, atento para o fato de que a arte africana, por ser também filosófica, está muito além de ser somente abstrata e subjetiva, a mesma é uma forma intelectual de expressão que através de várias linguagens toma forma ou busca dar forma e sentido à vida.

A arte de contar o mito e até mesmo como o mito foi elaborado é dentro da tradição oral africana uma forma que leva o ser humano à cognição interdisciplinarmente, ou seja, se relacionar com o todo de forma a se perguntar e universalizar pontes de mielina para compreender mais, fundamentar mais o que se tornara saber ou conceito. Nesse sentido, é de suma importância analisar como o mito se tornou uma ferramenta ou um mecanismo de acesso interpretação interdisciplinar.

Podemos enfatizar o mito como o mecanismo de acesso à memória contada que formará o conceito e memória interna. A forma contada através do escrito pode ser por meio de parábolas, fábulas, contos que induzem a lógica e a criatividade ao mesmo tempo e quando ocorre o encontro, seja da razão com o fenômeno lúdico, tudo passa a ter um sentido perceptível, mesmo que seja do ponto de vista cultural da pessoa que lê.

A interdisciplinaridade, vista do ponto de vista estático, traria em si uma visão cartesiana de relação biunívoca sujeito-objeto, compreendendo ponto de ligação entre os diferentes mundos humanos – do artista, do poeta, do matemático, do historiador, do geógrafo, do educador. Enquanto dinâmica, ultrapassaria a segmentação, recupera o homem da esfacelamento e mutilação do seu ser e do seu pensar fragmentados (FAZENDA, 2001, p. 24).

O perceptível não está vinculado somente ao racional, mas também ao lúdico, o fenômeno, ou seja, ao que provocou uma sensação ou atenção. Neste contexto, o fenômeno lúdico também pode ser uma premissa verdadeira, pois passou a existir a interagir com o subconsciente do indivíduo. O fenômeno, neste caso, é o cimento através da imagem por meio do mito contado que se tornará memória contada e visual; memória nem sempre racional, mas que através da emoção do que foi contado consegue ser efetiva.

Só a percepção sensorial fornecerá fatos e dados objetivos e distintos. Mas precisamos da razão para sintetizar as descobertas empíricas, para incorporá-las numa teoria ou numa lei. Se abandonado a si próprio, contudo, o raciocínio estaria vazio de conteúdo. O filósofo alemão, Immanuel Kant, resumiu a interdependência do raciocínio e da percepção sensorial no ato do conhecimento: “Os conceitos sem percepções são vazios; as percepções sem conceitos são cegas.” O conhecimento intuitivo, revelado e autoritário, cada um deles poderá ser o que melhor atua em diferentes situações da vida (KNELLER, 1966, p. 41).

Como a memória se torna efetiva, tem um valor imenso para o desenvolvimento do ser humano e da sua interdisciplinaridade. Por vez, anteriormente comentei que o cérebro absorve o conhecimento e o torna efetivo através do sentimento provocado. Tudo que o cérebro assimila para se tornar memória existe por conta de uma dor ou alegria provocada, até mesmo o receio (medo) de errarmos está difundido como estímulo para se tornar memória.

O que busco fazer luz com a abordagem com a estética é simplesmente destacar o poder do símbolo para todos os povos, em especial o africano que tem os seus símbolos por base filosóficos, que nascem de ideogramas Odúnicos, que de forma cartesiana podem estar representados na arte e nos tecidos. Os símbolos Odúnicos estéticos nascem dos quatro elementos da natureza; assim também nasce a filosofia africana do *Ifá*, fazendo a cognição. Os arquétipos, por sua vez, também exercem suas influências sobre as pessoas, e estão

diretamente ligados a símbolos por toda sociedade; a exemplo disto, o cidadão americano tem a Águia como seu símbolo e como todo arquétipo, o símbolo tem seu significado e sendo positivo ou não se torna um referencial ancestral, ou seja, se torna memória.

5.1 A fenomenologia: provocadora do encantamento

O mito contado se torna uma ferramenta que provoca o fenômeno no ser humano, não somente pelo simples fato de ser lúdico, mas também pela forma como a filosofia africana toma forma. Sendo uma premissa verdadeira o fato dos atos e acontecimentos serem presentes na vida de um ser humano, bem como situações recorrentes ocorre em nossos dias, é que se torna verdadeira a premissa que os presságios são partes do nosso dia a dia, ou seja, todo ato e acontecimentos dentro da tradição africana têm uma consequência e as mesmas são tidas dentro da tradição africana como um presságio, que neste caso, por existir atos e consequências que o antecedem, faz dele uma premissa verdadeira.

A filosofia africana da *tradição do Ifá* estabeleceu conceitos diversos que são conhecidos como presságios, no nosso dessa tese, dedutivo analógico, toma forma como premissa verdadeira até que os acontecimentos digam que não. No caso de uma premissa não ser verdadeira dentro da filosofia do *Ifá*, a existência de 256 possibilidades de presságios recorrentes cada com seu lado positivo ou oposto que podemos chamar de premissas verdadeiras que irão se alternar dentro dos acontecimentos da vida do ser humano.

Podemos presumir que a filosofia africana *Ifá* não estuda somente o ser humano e, sim, todo o contexto em sua volta que se resumirá em 256 premissas, que nesse caso não serão verdadeiras ou falsas, mas positivas ou opostas. Esta forma de filosofar não induz o ser humano a ser limitado, pelo contrário, busca fazer o ser humano entender o que acontece a sua volta. É através das premissas do *Ifá* que se cria uma forma de cognição com o coletivo interdisciplinarmente.

A filosofia Africana do *Ifá* é analógica dedutiva, mas também é fenomenológica, sendo esta segunda uma característica inserida nos mitos da tradição africana que ajudam o ser humano a entender o que acontece em sua volta via memória, informação visual e oral. Neste contexto, o fenômeno pode ser somente sentido através das associações via raciocínio pelo que se ouve, que se imagina e até mesmo a imagem lembrada ou fatos ocorridos que a memória trouxe à tona.

A imagem pode ser vista como um fenômeno através da comunicação visual, ou meramente informativa. Na interdisciplinaridade a imagem é extremamente importante para

trabalhar a potencialidade da cognição lógica com a criatividade através do que se absorve ao ver e interpretar. Em cada detalhe sobre o simbólico e semiótico ocorre a difusão do saber.

O fenômeno ocorre diante das circunstâncias adversas de cada ser humano pautado nos objetos que foram assimilados por tal pessoa. Entendemos que existem dispositivos que levam a interpretação e assimilação do que é visto e percebido para que haja o fenômeno. Para entendermos como o fenômeno é provocado em cada pessoa, temos que buscar entender a assimilação por meio da condição de memória de cada ser.

De acordo com o fenomenalismo de Beardsley²⁵, torna-se esteticamente perceptivo é, principalmente, um caso de restringir-se a atenção a um objeto estético que é uma espécie de objeto perceptível, descoberto no campo perceptivo ou “fenomenal” das aparências sensíveis. A única construção envolvida é a do artista, na manipulação dos seus materiais, o resultado da qual é a obra de arte. A obra parece então àquele que a percebe como um tipo especial de objeto fenomenal (ALDRICH, 1976, p. 31).

A capacidade de assimilação e interpretação está condicionada à memória e para desenvolvê-la temos que trabalhar o desenvolvimento dos dispositivos de percepção de cada um, estes seriam: o que vejo, o que ouço, o que sinto. O que desejamos é circunstância do que sentimos e o que é coerente é circunstância para que haja lógica.

Podemos dizer, então, que o que é abstrato não provoca a sensação do fenômeno, pois nele não há sentido lógico e nem o sentido emocional que cause relevância para curiosidade. Mas na arte africana nem sempre ocorre o abstrato, como muitas vezes é interpretado. Existe na arte africana os dois sentidos supracitados, que muitas vezes são vistos como abstratos por conta da cultura interdisciplinar africana não ser vivenciada por outros povos. Para tanto, é preciso entender os princípios filosóficos do pensar africano dentro da *tradição africana do Ifá*.

Podemos chamar de cultura interdisciplinar a forma instituída na *tradição africana do Ifá* de como interagir com a natureza no sentido do todo assimilando a subjetividade metafísica, bem como as relações sociais que ocorrem no ambiente de convivência.

A filosofia do *Ifá* é uma forma de relação com o divino através da natureza que busca traduzir a vida como algo cíclico e renovável facultando para cada ser a melhor forma de ser uma peça importante no coletivo uno à natureza. Para tanto, se desenvolveu dentro desta tradição uma forma de assimilar a vida a presságios, sejam eles positivos ou negativos,

²⁵ Monroe C. Beardsley, *Aesthetics* (Nova York: Harcourt, Brace & World, Inc, 1958).

dependendo de como a pessoa irá estar preparada para assimilar a passagem dos mesmos em tal momento da vida.

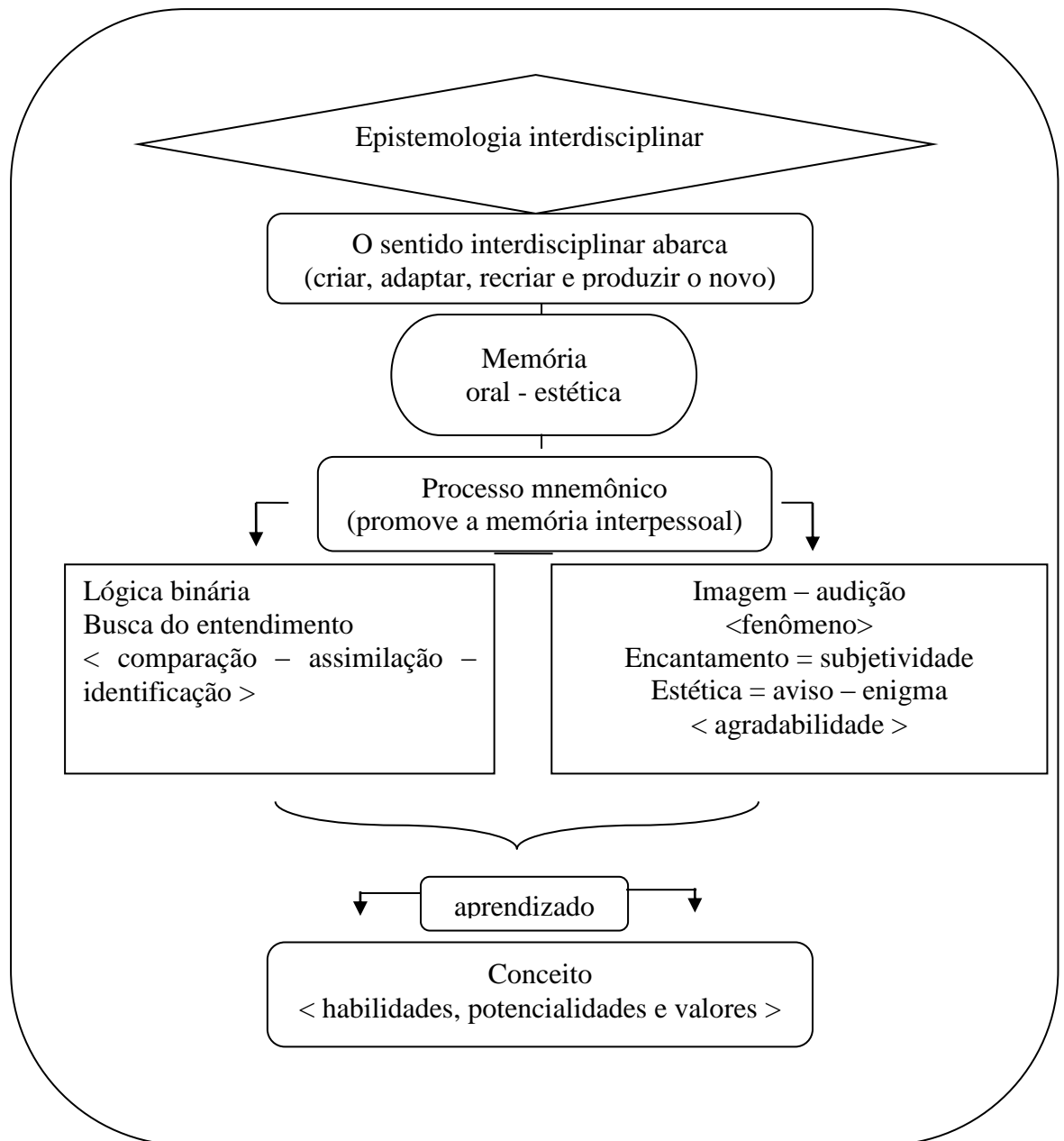
Com os conceitos até aqui fundamentados busco a formulação não de uma teoria epistemológica de cognição, mas o desenvolvimento dedutivo lógico e fenomenológico pautado na cultura e *tradição africana do Ifá* como referência interdisciplinar individual e coletiva.

O caminho interdisciplinar é amplo nos eu contexto e nos revela um quadro que precisa ser redefinido e ampliado. Tal constatação induz-nos a refletir sobre a necessidade de professores e alunos trabalharem unidos, se conhecerem e se entrosarem para juntos, vivenciarem uma ação educativa mais produtiva (FAZENDA, 2001, p. 30).

A escola Brasileira atual brasileira deveria na formação social do educando desenvolver o seu emocional, o cognitivo e o social, para que haja uma formação mais completa. Estes, por sua vez, são aspectos do desenvolvimento que estão inter-relacionados, sendo que as transformações emocionais e sociais influenciam diretamente a cognição; fato este que leva o desenvolvimento da inteligência.

Nada menos do que foi citado no parágrafo anterior seria o produto da formação interdisciplinar, que além de ser responsável pela assimilação de todas disciplinas, em virtude de um determinado assunto, ela também é a interconexão que visa o desenvolvimento que não separa a necessidade das transformações sociais e emocionais do indivíduo se confluírem em pró do desenvolvimento da inteligência, não separa a capacidade de interação e a capacidade de criar conceitos.

Figura 26 – A epistemologia interdisciplinar



Fonte: elaborada pelo autor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perpassa na composição deste trabalho de ensaio e revisão bibliográfica a preocupação de resgatar a axiologia da *tradição africana do Ifá*, tendo em vista que existe uma estrutura genealogia que prima o desenvolvimento intelectual humano e social do seu povo e se fundamenta, para tanto, em uma filosofia herdada de boca a ouvido, não se tratando só de um referencial histórico de uma tradição em busca do bem viver.

A relevância por si só se mostra na descendência do povo brasileiro, em virtude do que lhe foi descredenciado, não somente de identidade, mas de estrutura genealógica. Esta estrutura nos confere a memória efetiva como principal base de toda genealogia, uma memória priorizada dentro da sua potencialidade pode acessar 4.096,00 versos (Itans) de *Ifá*, neste caso não poderia deixar de fazer luz a sua importância, que abrange as seguintes especialidades: filosofia, artes (estética e tecnológica), botânica, matemática (geométrica e binária), medicina, sociologia, história (mitos) e religião.

No tocante a todas as especialidades desenvolvidas, o método divinal abordado neste trabalho faz luz a como tudo é interpretado, a fim de que as mesmas sejam aplicadas. Na África, para os povos Yorubás da tradição do *Ifá*, o método se dá através da consulta ao oráculo do *Ifá*, e no Brasil a sua prática que herdamos se mistura com a também herdada geomancia dos povos Malês.

Os nossos ensaios acadêmicos e a herança ancestral me permitiu um instrumento de análise dos arquétipos individuais sem a necessidade do culto religioso, mas fundamentado diretamente a sua essência e sua base.

O texto aqui apresentado por si só se apresenta com complexidade, a exemplo do que somente a interdisciplinaridade pode nos pautar, pois o que está ao longo do texto traz a importância da cognição de conteúdos para posterior absorção do conhecimento.

A seção dois dessa Tese lança luz ao mito e a sua relação com a criação, que trata do resgate da identidade história e da genealogia filosófica do pensar para os povos afrodescendentes que não tiveram acesso por conta de todo descredenciamento sofrido desde o período colonial até os dias de hoje. Nessa parte do texto se revive a importância do mito na construção da filosofia do povo Yorubá, que torna o criador tocável, ou seja, presente, o mesmo seria a materialização da própria natureza. Nesse sentido, não me distanciei da escola laica para as reflexões sobre a importância da formação coletiva e individual de cada ser humano; abordei o quanto que a estrutura do pensar filosófico da *tradição africana do Ifá* é uma genealogia dos povos Yorubás na busca do bem viver por que inserem valores,

princípios em comum com meio ambiente e com equilíbrio natural do mesmo. Logo, o mito dentro da cultura de *tradição africana do Ifá* é uma forma de diálogo interdisciplinar e a estrutura do pensar filosófico está pautado em Itans (versos) sobre Odu.

Na terceira seção tratei das relações matemáticas e filosóficas na *tradição africana do Ifá*, apresentando um método binário, que justamente é a base da estrutura do pensar filosófico, bem como a sua importância na forma como raciocinamos; e na tecnologia, apresento um método binário de avaliação da personalidade humana, fundamentado nos arquétipos humanos, conhecidos dentro das religiões de matriz africana, que é uma ferramenta analítica eficiente. Ainda nessa parte do texto tratei da questão da importância dos arquétipos na formação do ser, bem como a sua repercussão positiva e negativa, em virtude da carga emocional e da manipulação social (política, marketings e religiões).

Na quarta seção discuti a epistemologia do pensar humano, bem como a importância e complexidade da interdisciplinaridade para a pedagogia, buscando elencar o que é de valor axiológico para a educação, em face ao que é fruto colhido na pedagogia das tradições africanas e afrodescendentes dentro das comunidades de tradição e terreiros; como procede a cognição do pensar interdisciplinar, a importância da memória na relação do educando com o universo e o social, as habilidades e potencialidades que podem ser desenvolvidas foram pautadas na referida seção.

Na quinta seção foi abordado como a estética pode ser a mecânica do aprendizado, sendo a mesma provocadora de fenômenos da agradabilidade e encantamento, além de formadora de memória e facilitadora da interdisciplinaridade, em virtude da simbologia.

Este trabalho trata-se de nossa autonomia frente à interdisciplinaridade complexa e herdada por nós brasileiros, e descredenciada e destituída pelos interesses de escravocratas colonizadores deste país. Unicamente se trata de um sistema que não dogmatiza, mas institui valores, desenvolve potencialidades e habilidades humanas, tornando o ser humano a pessoa que adquire saberes diversos, porque tem como principal estrutura uma forma sólida de ser de pensar e agir interdisciplinarmente.

Neste trabalho não somente trato da lógica e suas vertentes, mas também da estética formadora de encantamentos, entendendo-a como o fenômeno que associado à lógica forma a memória efetiva de um povo, visto que um dos meus focos é levar para o ensino a importância da memória, não somente em virtude do credenciamento, mas do seu potencial para o desenvolvimento da humanidade, em face da capacidade que podemos desenvolver e estruturar saberes, ou seja, de nos tornarmos interdisciplinares.

A filosofia africana da tradição do *Ifá* apresenta originalidade, complexidade e relevância, uma vez que também se insere como modelo de especialista e gênese Yorubá, que é uma forma de pensar binário desde o *ab initio* das espécies, cuja relevância está na identidade herdada pelos afrodescendentes, bem como a ciência do ser fundamentada nos costumes e tradições. Trazer a importância da filosofia africana da *tradição do Ifá* não está neste contexto como marco histórico somente, mas também como ciência estrutural de um povo que se tornou a prática do bem viver na formação inter-relacional e interpessoal do ser humano.

Com isso, pretende-se para uma metodologia educacional trabalhar as potencialidades avaliativas do desenvolvimento intelectual do educando e a formação do professor interdisciplinar conectado com este legado afrodescendente; também vislumbra-se o desenvolvimento dos potenciais da memória, ao considerar que sem absorção do conhecimento não desenvolvemos seres especialistas e, para tanto, buscamos implementar dispositivos cognitivos, a fim de trabalhar habilidades e potencialidades do ser no aspecto amplo e visionário do ser humano interdisciplinar. Este posicionamento se faz em face da formação do educando enquanto ser pensante individual e coletivo.

Entendo que este trabalho pode ser útil à educação, uma vez que pretende inserir novas aplicabilidades pedagógicas e implementar metodologias para formação de educadores especialistas e educandos.

REFERÊNCIAS

- ABIMBOLA, W. **Ifa poesia adivinhação**. New York: NOK Publishers Limited, 1977.
- ADEMOLA, A. **Ifá: a testemunha do destino e o antigo oráculo da terra do yorubá**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1991.
- ALDRICH, V. C. **Filosofia da arte**. 2. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- OLIVEIRA, A. B. **Cantando para os orixás**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- AUGRAS, M. **O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- BÂ, H. Tradição Oral. In: KI-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África**. São Paulo: Cortez, 2010. v. I.
- BAYARD, J. P. **Os Talismãs: psicologia e poderes dos símbolos de proteção**. São Paulo: Editora Pensamento, 1985.
- BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- BASCOM, W. **Ifa adivinhação: a comunicação entre Deus e os homens na África Ocidental**. Bloomington e London: Indiana University Press, 1969.
- BERNAL, B. [1987]. **Black Atena: Les racines afro-asiatiques de la civilisation (The fabrication of Ancient Greece 1785-1985, Volume I)**. Paris: PUF, 1996.
- BERTHELOT, M. **Collection des anciens alchimistes grecs**. Paris: Georges Steinheil, 1888. Disponível em: <<https://archive.org/details/collectiondesanc23bert/page/n6/mode/2up>>. Acesso em: 19 out. 2020.
- BIDARRA, C. Registro e memória do candomblé brasileiro. **Programa falando do Axé**. Entrevista. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.
- BOUCHER, J. **A Simbólica maçônica: segundo as regras da simbólica tradicional**. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2006.
- BRASIL. **Lei Federal nº 10.639**, de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências).
- CALABRESE, G. **L'Algebra di Boole**. Milano, Delfino, 1973.
- CONTADOR, P. R. Martins. **Matemática, uma breve história**. Vol. I. São Paulo: Livraria da Física, 2008. p. 29-42.

COSTA, I. H. **Ifá: o orixá do destino: o jogo de Ôpón e do Ôpêle Ifá**. 1 ed. São Paulo: Icone, 1995.

CUNHA JUNIOR, H. NTU. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. 9, p. 81-91, 2010.

CUNHA JUNIOR, H. O Etíope: uma escrita africana. **Educação gráfica**, Bauru, v. 11, p. 1-10, 2007.

CUNHA JUNIOR, H. A história Africana e os elementos básicos para seu ensino. *In*: LIMA; ROMÃO (Org.). **Negros e Currículos**. Florianópolis: Atilênde. n. 2, Núcleo de Estudos Negros/ NEN, 2002. (Série Pensamento Negro em Educação).

CUNHA JUNIOR, H. Metodologia afrodescendente de pesquisa. **Revista Ethos Brasil**., Cultura Sociedade. Ano VI. n. 1, p. 69-80, junho. 2008.

CUNHA JUNIOR, H. "NTU". **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**. Maringá, Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/>> acesso em: 8 de Junho 2015.

CUNHA JUNIOR, H.; CALAÇA, M. C. F. **Afro arte memórias e máscaras**. Fortaleza: UFC, 2012.

CUNHA JUNIOR, H; LIMA, M. B. Repertórios culturais de base africana, identidades afrodescendentes e educação em Sergipe. *In*: **NEN: Multiculturalismo e a Pedagogia Multirracial e Popular**. Florianópolis: Atilênde n.8, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 2002. (série Pensamento Negro em Educação).

DAFA. **Um poderoso sistema para ouvir a voz do criador**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

DAFA. **El concepto de adivinación y el proceso de interpretar a Odu**. Disponível em: <<http://librosoterico.com/biblioteca/Santeria/dafa.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

DELFINO, J. **Ifá e Odús: interdisciplinaridade, lógica binária, cultura e filosofia**. Mauritius, MRI: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaio sobre simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EPEGA, A. A. **Ifa: the ancient wisdom**. Nova York, EUA: Imole Olowa Institute, 1987.

FAZENDA, I. C. A. **Práticas interdisciplinares na escola**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HAMILTON, A. G. *Logic for Mathematicians*. **Cambridge Univ. Press**, jul 20, 1978.

HARTMAN, F. **Os princípios da geomancia astrológica**. Disponível em: <<https://geomancysite.files.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

IFRAH, G. **Os números: história de uma grande invenção**. 9. ed. Tradução de Stella Maria de Freitas Senra. São Paulo: Globo, 1998.

IDOWU, E. B. **Olodumare: Deus em Yoruba crença**. Ikeja: Longman Nigéria, 1962.

JOHNSON, S. [1921]. **The History of the Yorubas**. Lagos: C. M. S. (Nigeria). Bookshops: 1960.

JOSGRILBERT, M. F. V. Atitude. *In*: FAZENDA, I.C. A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortes, 2002, p. 84-86.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

KAGAME, A. **La Philosophie Bantu compare**. Paris: Présence Africaine, 1976. p. 183-256.

KNELLER, G. F. **Introdução à filosofia da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

MARTINS, A. **As mil verdades de Ifá**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MAUPOIL, B. **La geomancie à l'acienne Côté des Esclaves**. 3. ed. Paris, França: Institut d'Ethnologie, 1988.

MEIRELLES, F. S. **Informática: novas aplicações com microcomputadores**. 2. ed. atual. e ampl. São Paulo: Makron Books, 1994.

MONTEIRO, M. **Cosmogonia africana – A visão de mundo do povo Yorubá e a consciência mítica para melhor qualidade de vida do ser humano**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em: 2 maio 2018.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: reformar a reforma, reformar o pensamento**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OMOLU, C. **Umbanda Omolocô: Liturgia, Rito e Convergência**. São Paulo: Ícone, 2002.

PAIN, S. Epígrafe. *In*: ROCHA, M. J.; PANTOJA, S. **Rompendo Silêncios: Histórias da África nos currículos da educação básica**. Brasília: DP Comunicações Ltda., 2004.

PORTUGAL FILHO, F. **Ifá, o senhor do destino: Olórun Ayanmo**. São Paulo: Madras, 2010.

REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

SANTOS, J. E. dos. **Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SEDUC. Estado do Ceará. Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico Pedagógico. **Escola Viva – Referenciais Curriculares Básicos – Terceiro e Quarto Ciclos** (versão preliminar), Fortaleza, 1998.

SILVA, A. C. **A Enxada e a Lança: África antes dos portugueses**: Botafogo, RJ: Nova Fronteira/EDUSP, 1992.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**: Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TEMPELS, P. **La philosophie bantoue**. Paris: Présence Africaine, 1965.

TRINDADE, S. **Cantares ao Meu Povo**. São Paulo: Fulgor, 1961.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In: História geral da África I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

XAVIER, J. T. P. **Exu, Ikin e egan: equivalências universais no bosque das identidades afrodescendentes nagô e lucumi- estudo comparativo da religião tradicional iorubá no Brasil e em Cuba**. 2000. 292 f. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) - Prolam/USP, São Paulo, 2000.

XAVIER, J. T. P. **Versos Sagrados de Ifá: núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz Ioruba nas Américas**. 2004. 329 f. Tese (Doutorado em comunicação)- Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, USP, São Paulo, 2004.

WALLON, H. **De l'acte à la pensée**. Paris: Flammarion, 1970.

ZIÉGLER J. **O poder africano: elementos de uma Sociologia Política da África Negra e de sua Diáspora nas Américas**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: DIFEL, 1972.

ZIEGLER J. **Le pouvoir africain**. Paris: Le Seuil, 1971.